

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANAMARIA DOMINGUES OLIVEIRA

O horror das mulheres e a condição feminina na literatura gótica: O destino de madame
Cabanel (1873), de Elisa Lynn Linton.

UBERLÂNDIA 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANAMARIA DOMINGUES OLIVEIRA

O horror das mulheres e a condição feminina na literatura gótica: O destino de madame Cabanel (1873), de Elisa Lynn Linton.

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos.

UBERLÂNDIA 2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

O48
2025

Oliveira, Anamaria Domingues, 2001-
O horror das mulheres e a condição feminina na
literatura gótica: O destino de madame Cabanel (1873),
de Elisa Lynn Linton. [recurso eletrônico] / Anamaria
Domingues Oliveira. - 2025.

Orientadora: Ana Flávia Cernic Ramos.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
História.

Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. História. I. Ramos, Ana Flávia Cernic, 1978-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos
(Universidade Federal de Uberlândia - UFU)

Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves
(Universidade Federal de Uberlândia - UFU)

Ma. Maria Luzia Alves Brito
(Secretaria de Cultura e Turismo de Uberlândia)

Resumo:

Esta monografia tem como objetivo analisar a literatura de horror produzida por mulheres no século XIX, em especial o conto “O destino de Madame Cabanel”, escrito em 1873 por Eliza Lynn Linton. A partir dessa investigação busca-se compreender a perspectiva das mulheres nas histórias de horror e a condição feminina retratada na literatura e seu protagonismo na escrita dos contos de horror do século XIX. Entre os temas de interesse do estudo estão as relações de poder entre homens e mulheres, gênero, classe e imperialismo. No trabalho, busca-se perceber como esses elementos são incorporados às características da literatura gótica de autoria feminina do século XIX, tentando evidenciar quais o elemento do conto tem o intuito de provocar o medo e o horror. A escolha surge a partir de questões presentes no enredo criado por Linton, entre elas o papel da mulher no lar, o casamento por status social, as tensões entre ciência e superstição e, por fim, as violências impostas ao corpo da mulher. Além disso, um dos intuitos desta pesquisa é a reflexão sobre o uso da literatura no ensino de história e o protagonismo das mulheres dentro dos livros didáticos, propondo, ao final, a elaboração de um material paradidático a partir da literatura gótica.

Palavras chave: Literatura; Gótico; Ensino.

Abstract:

This monograph aims to analyze the horror literature produced by women in the 19th century, in particular the short story ‘The Fate of Madame Cabanel’, written in 1873 by Eliza Lynn Linton. This research seeks to understand the perspective of women in horror stories and the condition of women portrayed in literature and their leading role in the writing of 19th century horror tales. Among the themes of interest in the study are power relations between men and women, gender, class and imperialism. The work seeks to understand how these elements are incorporated into the characteristics of 19th century Gothic literature written by women, trying to highlight which elements of the tale are intended to provoke fear and horror. The choice arises from the issues present in the plot created by Linton, including the role of women in the home, marriage for social status, tensions between science and superstition and, finally, the violence imposed on women's bodies. In addition, one of the aims of this research is to reflect on the use of literature in the teaching of history and the role of women in textbooks, proposing, in the end, the creation of a paradidactic material based on Gothic literature.

Keywords: Literature; Gothic; Teaching.

Agradecimentos

Agradeço aqueles que primeiro acreditaram que essa graduação fosse possível. Aos meus pais, pelos incansáveis conselhos, pelo acolhimento, pelo amor, por ser o meu lar, meu refúgio e meu porto seguro. Vocês foram a motivação para realizar esse sonho e graças a dedicação de vocês e todas as oportunidades que construíram para mim, espero orgulha-los com meu trabalho e minha conquista. Agradeço por sempre me ouvir, me apoiar, incentivar e estar ao meu lado durante toda essa caminhada. Carrego vocês e seus ensinamentos na pessoa que sou hoje e sou muito grata por isso. Amo vocês mil milhões.

Agradeço à minha orientadora, por mostrar que nenhuma tempestade dura para sempre e pela dedicação e cuidado todos esses anos. Obrigada por me ensinar a ver através do comum, por me ensinar a superar meus limites, me ensinar a ir além do que eu pensava que era capaz. Sou muito grata pelos anos de muito trabalho duro e por todas as dedicação que teve comigo e com meu trabalho e por todas as orientações que moldaram a pesquisadora que sou hoje! Obrigada.

A todos os professores que passaram comigo pela graduação e que estiveram me apoiando em toda a trajetória, meus agradecimentos. Pelos ensinamentos dentro e fora de sala de aula e por mostrarem a importância de entender a história e tê-la como profissão. Agradeço especialmente às professoras Isadora e Tamyris que estiveram comigo nas escolas pelas quais passei e que me inspiraram a continuar o caminho da docência e amar a educação e entendê-la como algo árduo, mas recompensador. Agradeço ao programa de Residência Pedagógica que me deu a oportunidade de estar em contato direto com a sala de aula e conhecer meus queridos alunos que me fizeram experienciar a profissão ajudando a moldar a profissional que sou hoje.

Agradeço às pessoas que passaram pelo meu caminho e marcaram a minha história, minha família, meus amigos da turma 47 e 48, meus colegas da Chronos empresa Jr e em especial a Isabella, por ser esse alívio doce no amargor que a vida é. Por ser esse acalento quando as ondas da vida tentam nos derrubar. Amiga você é luz e sou muito grata por essa luz iluminar meu caminho, sem você as coisas não fariam sentido. Obrigada por todas as conversas e momentos inesquecíveis, é sempre um prazer partilhar um bolo de chocolate com cobertura de canela com você. Menção honrosa a meu querido amigo Robson, meu parceiro de comédias românticas em dias tristes e Fã de Sabrina Carpenter,

você é incrível amigo, obrigada por tudo! Os primeiros períodos, trabalhos acadêmicos, viagens de campo não seriam os mesmos sem vocês.

Ao primeiro amigo que fiz na faculdade e aquele que esteve comigo durante todo o início da graduação e várias vezes me ouviu pacientemente e me deu forças para passar pelos primeiros períodos, principalmente durante a pandemia, João Vittor. Nossos caminhos seguiram rumos diferentes, mas é sempre um alívio poder contar com a consideração, o carinho e toda a gratidão que eu sinto por você, por nossa amizade e por todas as vezes que você esteve lá por mim. Obrigada por tudo!

Entre cafés que aquecem não só o corpo, mas a alma também, agradeço a Lino, Andrêssa, Ana Laura que compartilharam não só as angústias, mas as melhores coisas da vida, principalmente a amizade. Adhara, Mabel, Mari Gabi, Alice, Laleska, valeu demais cada momento com vocês. Dizem que a faculdade vale a pena pelas amizades que fazemos pelo caminho, se for verdade, ela valeu a pena por vocês. Vocês são demais, obrigada. A minha companheira de conflitos acadêmicos e de aniversário, Luisa Helena, sou grata a cada conselho que você me deu, e por todas as vezes que me colocou de volta aos trilhos e me mostrou que eu era capaz quando eu não acreditava mais em mim. Se existe realmente essa coisa de irmã de alma, sei que você com certeza é a minha.

Agradeço as minhas melhores amigas que estiveram comigo desde o ensino médio e que compartilham comigo a vida, Naylla e Amanda, meu coração fora do peito. Devo dizer que vocês sempre serão minha casa e que não tem um minuto que eu não sinta falta de vocês. Obrigada por mesmo distantes me incentivarem, me apoiarem e não deixar que eu desistisse mesmo nos momentos de maior conflito. A Ana Beatriz, que compartilha a vida, os cafés, as dores. Obrigada pelas horas infinitas de conversas aleatórias, de desabafos, de risadas descontroladas e por me mostrar a magia nas coisas mais banais, como dançar no palácio do catete ou se aventurar na maior roda gigante da américa latina.

Aqueles que dão significado a palavra amizade, aqueles que se tornaram família quando a minha não pode estar aqui, aqueles que conquistaram um espaço tão grande no meu coração que nem sei dimensionar em palavras, aqueles cuja a risada mais sincera e mais pura é capaz de ser ouvida quando nos reunimos. Zé gotas, como no auto intitulamos, mas formalmente os chamo de Emília, João Victor, Gabriel, Daniela e Heitor (com uma adição especial aos agregados Luiza, Vinícius e Jhonatan), obrigada por aguentarem a barra junto comigo e literalmente terem me trazido de volta à vida. Partilhar

cada momento ao lado de vocês é uma dádiva que todos deveriam ter a honra de ter ao menos por dois segundos. Vocês são sem dúvida o melhor presente que a faculdade pode me dar e ter o prazer de ter a amizade de vocês vale muito mais que qualquer nota 100 no mundo. Obrigada por tanto!!

Ao professor Lainister e a Maria Luzia, agradeço pela leitura desse trabalho e pela avaliação, agradeço pelo tempo em que dedicaram a participação desse capítulo final.

“Women have minds and they have souls as well as just hearts. They’ve got ambition and they’ve got talent as well as just beauty. I am so sick of people saying that love is just all a woman is fit for. I’m so sick of it! But — I am so lonely.”

Jo March, Little Women (2019)

“Well. I’m not a poet, I’m a woman. And as a woman, I have no way to make money, not enough to earn a living and support my family. And even if I had my own money, which I don’t, it would belong to my husband the minute we were married. if we had children they would belong to him, not me. they would be his property. So don’t sit there and tell me that marriage isn’t an economic proposition because it is. It may not be for you, but it most certainly is for me”

Amy March, Little Women (2019)

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I – Eliza Lynton entre o antifeminismo e a escrita literária	18
Capítulo II: - Imperialismo e condição feminina em “O destino de Madame Cabanel”	47
Capítulo III: A literatura em sala de aula: uma proposta didática	80
Referências bibliográficas	109
Material paradidático	112

Introdução

Nos últimos anos, a experiência das mulheres tem ganhado destaque devido à sua relevância nos campos de estudos da história social. Diante dos vários estudos que foram surgindo ao longo do tempo, este trabalho se propõe a ser uma contribuição para se pensar a experiência feminina no século XIX, especificadamente entre os anos de 1872 e 1873, buscando investigar, por meio da literatura de Eliza Lynn Linton, como essa escritora pautou em seus escritos temas relativos às mulheres. Linton, considerada uma das maiores antifeministas do período, comentou as experiências de mulheres em suas obras. Para alcançar tal objetivo, será analisado o conto “O destino de Madame Cabanel”¹, obra da autora lançada em folhetins no ano de 1873.

O conto, é uma das contribuições da autora e está entre outros escritos famosos que ela produziu enquanto escritora e jornalista na Inglaterra vitoriana. Nascida no ano de 1822, Eliza viveu até o ano de 1898. Durante sua vida, ela trabalhou como jornalista em diversos jornais notáveis, como o *Household Words*², revista semanal de Charles Dickens, que foi uma forte influência para a escritora durante sua jornada. Linton, é notoriamente conhecida por ser a primeira mulher a receber um salário como jornalista na Inglaterra e sua fama se estender também pelas controvérsias que isso tem em sua vida. A escritora foi emancipada desde muito nova e se casou apenas uma vez em sua vida, mas se divorciou rapidamente vivendo grande parte de sua vida sozinha. Diferente do que muitas mulheres do XIX viviam, Linton tinha uma vida confortável e estável, se sustentando aparentemente apenas com seu trabalho e vivendo uma vida de independência e liberdades, sem as amarradas sociais do casamento, da maternidade e da domesticidade, que rondava a vida feminina no período oitocentista.

As controvérsias que rondam a autora, então, se encontram nessa vida que ela levava, que destoava do que ela pregava, acreditava e escrevia sobre o que deveria ser a vida de uma mulher no XIX. Em obras como *The girl of the period* (1868), ela deixa claro que as mulheres deveriam viver uma vida de submissão aos homens e que não deveriam

¹ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 202

² Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. Victorian Periodicals Review, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), pp.134

buscar por estudos e educação, pois essas experiências se restringiam ao universo masculino e as mulheres cabiam serem boas esposas e estar ao lado de seus maridos. Criticando o que ela define como *New Womens*, conceito que vai ser datado de mais adiante no século. Linton abominava esse e outros comportamentos femininos, assim como o das mulheres que “gritavam na porta das igrejas”.³ Dessa forma, essa autora se torna uma figura muito cara para se analisar nessa monografia, pois investigar suas obras é entender um pouco o que uma dita antifeminista pensava sobre a experiência feminina no XIX. Claro que Linton não representa toda a população feminina do século, já que muitas são as experiências de mulheres, que se diferenciam por classe, raça, gênero, entre outras identidades. Há que se lembrar também que há um recorte temporal e social na sua fala e nas suas experiências, já que ela fala de um lugar social de privilégio, dialogando com uma classe média. Mas Linton, por mais que falasse de um lugar social confortável para época, ao escrever para jornais populares, alcançava uma parcela maior da população que, como colocado por Broomfield, trabalhava e pegava as linhas de trem onde liam periódicos.⁴

Essa monografia, então, se propõe, diante de todas essas questões da vida e da escrita de Linton, não só analisar seu conto a partir da problemática apontada acima, como produzir um material paradidático pensado para um aprofundamento sobre a história das mulheres na sala de aula e no ensino de História. Com a produção deste material paradidático, construído com o objetivo de usar a literatura como fonte histórica e então pensar o entendimento da experiência feminina no século XIX, tem-se por objetivo entender os aspectos que compunham a escrita dos contos góticos no século XIX e como esses contos poderiam deixar para seus leitores pistas sobre como a condição feminina do período foi interpretada e retratada ficcionalmente por uma das maiores antifeministas do século. Dando foco em aspectos que são possíveis de se explorar a partir da análise do seu conto e da sua vida, que foi de certa maneira considerada contraditória, o presente trabalho busca, com base na discussão bibliográfica selecionada, entender um pouco do que Linton pensava sobre a experiência feminina no XIX.

Com uma análise de “O destino de madame Cabanel”, que vai narrar a história de duas mulheres em condição de vulnerabilidade, em um cenário de pobreza e desamparo,

³ Ver BROOMFIELD. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 278.

⁴ Ver *Ibidem*, 2001, pp.269-270

o conto se guia a partir da visão de um narrador crítico e onisciente, que conduz o leitor por uma narrativa que condena os males da superstição, da crença cega no místico e valoriza, de certa maneira, o entendimento da ciência como verdade e solução, criando uma ambientação de disputa entre duas mulheres por um espaço de segurança e conforto dentro de uma sociedade que as julga a todo momento em seus atos, ações e escolhas. O narrador vilaniza a personagem de Adèle, a governanta, ao mesmo tempo que contextualiza suas motivações nas ações que ela toma ao longo do caminho, humanizando-a e trabalhando no leitor a sensação de proximidade com cada um dos personagens, mesmo aqueles nos quais discordamos das atitudes.

Sendo assim, em "O destino de madame Cabanel", Linton narra a história de uma jovem inglesa, Fanny, que após viver na miséria por muitos anos, e ser abandonada pela família para a qual trabalhava como governanta sem nenhum amparo, se casa com o juíz de paz de um pequeno vilarejo chamado Pieuvrot. O casamento inesperado (e tido por suspeito pelos moradores da vila para onde se muda) com Monsieur Cabanel, levanta desconfianças, pois o narrador aponta que Jules teria idade para ser pai de Fanny, além de tudo ter acontecido de maneira muito rápida. Esse fato, causa um mau sentimento em toda a população do vilarejo que se espanta que Monsieur, que passou tantos anos solteiro e sem pretensões para casar, tenha voltado de viagem repentinamente casado com a jovem Fanny.

Descrita como uma bela moça de cabelos louros, olhos azuis, pele clara, rechonchuda e com lábios bem vermelhos, Fanny destoava dos habitantes do vilarejo, que eram magros, esguios, com aspecto maltratado e malnutridos. Como se sua aparência em si já não chamasse atenção suficiente e já não fosse motivo para que o vilarejo torcesse o nariz para a jovem recém-chegada, seus costumes destoavam dos daquela população, haja vista seu comportamento na missa, suas caminhadas frequentes ao cemitério da cidade e sua inocência diante dos insultos que eram proferidos a ela pelos cidadãos de Pieuvrot, que rapidamente começam a acusar a jovem de ser uma vampira. Essa repentina desconfiança é reforçada pelo coveiro da cidade, que jogava cartas e tinha a superstição como guia em sua vida. Todos daquele vilarejo acreditavam que ele era o homem mais sábio e mais inteligente da região, mais que o médico, por entender de magia e das coisas sobrenaturais.

As desconfianças sobre Fanny são também muito reiteradas pela governanta da casa dos Cabanel, Adèle, que desde o primeiro dia desgostou dela. A princípio, a indisposição de Adèle com Fanny parece apenas uma implicância comum, mas que depois

se revela, pelo narrador, como um incômodo por ter sido por muitos anos amante de Jules Cabanel em segredo, tendo até mesmo com ele um filho que era tido como sobrinho de monsieur. O narrador coloca isso de uma forma sutil no significado das flores que Adèle escolhe para decorar o centro da mesa das boas-vindas à jovem Fanny.

No decorrer da história, muitos acontecimentos colocados pelo narrador instigam a crença cega de Adèle de que Fanny era uma vampira e coloca a governanta e a recém denominada patroa em situações de desconfiança e estranhamento mútuo, no qual Adèle chama a jovem de *Broucolaque*, termo em francês para vampira. A jovem, sem entender, ignora as provocações e os maus tratos pensando que tudo é apenas parte do jeito rude e severo de Adèle. Como na vez em que seu marido, Monsieur Cabanel, adoece e Fanny se prontifica a fazer um caldo de carne para que ele se fortificava, mas a governanta, achando que a jovem envenenaria a comida, não permite que ela sirva Monsieur Cabanel e joga fora toda a comida preparada por Fanny.

Adèle, assume seu lugar de sempre na casa, pegando para si às tarefas domésticas e não deixando que Fanny faça nada, cerceando completamente a jovem de ocupar seu espaço no lar. Fanny aceita de bom grado tal fato, pensando que se tratava de uma gentileza de Adèle, ou até seu próprio jeito severo de ser. Esse movimento de Adèle pode significar muitas coisas, mas entre eles, apoiado no culto da domesticidade, e no lugar reservado a mulher dentro da mentalidade do império, não deixar que Fanny participasse dos afazeres doméstico, significava negar a ela um lugar naquela casa, reforçando, por outro lado, o poder de Adèle dentro daquele lar.

Essa situação vai se perpetuando no conto até que o jovem Adolph, filho de monsieur com Adèle, repentinamente adoece e o médico, o cozeiro e a governanta acusam Fanny de estar sugando a energia vital do garoto, como se fosse uma vampira. Nesse mesmo momento, simultaneamente, Jules Cabanel parte em uma outra viagem e deixa Fanny junto a Adèle em casa sozinha, sendo alvo de desconfianças e acusações. Um dia, a governanta sai de casa e deixa Adolph e Fanny sozinhos e é nesse instante que o garoto começa a ter uma convulsão. Na tentativa de apaziguar os espasmos do garoto, a jovem Fanny deita seus lábios sobre os dele. Durante os espasmos, o garoto havia mordido os próprios lábios, que sangram. Ao beijar o garoto, a jovem Fanny suja sua boca com o sangue do garoto e é nesse momento que Adèle e outros aldeões chegam e flagram a cena, que é mal interpretada por todos e sela o destino da jovem.

As desconfianças que já haviam tomado conta do vilarejo nesse momento empurram os revoltosos, juntamente com a governanta, para os atos que se dão a seguir,

quando decidem matar a jovem Fanny, que eles acreditavam ser uma vampira. A população organiza, então, uma espécie de cortejo em direção ao poço da cidade, local onde pretendiam jogar a jovem. Mas no caminho até o poço eles a amarraram em um saco e arrastam causando sua morte. Chegando ao poço, onde jogariam a jovem, os aldeões instantaneamente se arrependem ao ver que Fanny morta. Os únicos, contudo, que não mostraram arrependimento, segundo o narrador, foram Adèle e o coveiro, que insistiram, até o final, que aquilo se tratava apenas uma morte falsa, um truque executado pela suposta vampira. No mesmo instante então chegam Jules Cabanel acompanhado do médico e outros aldeões, que instantaneamente reprimem o grupo pelo assassinato de Fanny. Os aldeões que executaram a morte da jovem fogem, ficando para trás apenas Adèle e o coveiro, que ainda insistiam que tinham feito o certo em matar a jovem. Adèle argumenta para Jules que Fanny havia matado o filho dos dois e respalda esse fato nas palavras do médico que nega envolvimento nas “loucuras” da governanta. Apontada como juíza e carrasca de toda a ação pelo médico, eles concluem que, por esse motivo, ela devia pagar por seus crimes. Sem acreditar no que considerava uma grande injustiça, Adèle se joga no poço no qual planejava jogar Fanny e morre com a queda, depois de Monsieur desacreditar totalmente em sua palavra e afirmar que não faria nada para lhe salvar de sua sentença. O coveiro, no entanto, paga por seus crimes, mas, mesmo na prisão, morreu jurando que fez a coisa certa ao matar a jovem Fanny.

Dividido em três capítulos e com um paradidático em anexo, esse trabalho pretende analisar esse conto e a maneira como o mesmo narra de certa maneira questões que envolvem a experiência feminina no século XIX e que passam por temas como as relações de poder entre homens e mulheres, gênero, racismo e imperialismo. Explorando temáticas como o papel da mulher no lar, o casamento por status social, as tensões entre ciência e superstição e, por fim, as violências impostas ao corpo da mulher, busca-se nesta pesquisa analisar como esses pontos vão aparecer na narrativa gótica de Linton e quais são os medos e anseios trabalhados neste conto.

Tendo em vista o que Erica da Silva Xavier destaca como a dificuldade dos professores de trabalhar fontes na sala de aula, como a diversificação das fontes, a mediação do conhecimento, e a interpretação dos alunos, entre outros pontos que fazem com que os professores se sintam desmotivados a trabalhá-las em sala de aula, esta monografia visa trazer uma nova perspectiva do uso das fontes em sala de aula, com foco na literatura. E como Xavier destaca, essas fontes são de extrema importante no aprendizado e deixa o ensino mais rico e de fácil entendimento:

As fontes históricas assumem um papel fundamental na prática do ensino de História, uma vez que são capazes de ajudar o aluno a fazer diferenciações, abstrações, o que, entre outros aspectos, é uma dificuldade quando tratamos de crianças e jovens em desenvolvimento cognitivo. No entanto, diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio dos professores na atualidade⁵

Ou seja, as fontes podem ser exploradas de diversas formas em sala de aula, mas cabe aos professores atuar como mediadores entre o aluno e os conceitos históricos, o que requer habilidade para dialogar e construir significados novos a partir das fontes o que muitas vezes eles encaram como um desafio pela falta de subsídio e de um material que os apoie a trabalhar essas fontes. E é por esse motivo que a produção do material paradidático, como apoio para o professor trabalhar uma nova fonte histórica dentro da sala de aula, é essencial, pois esse se torna um apoio maior e subsídios para ajudá-lo, com atividades norteadoras, textos objetivos, ideias de intervenções, entre outros.

Por outro lado, a escolha na literatura como fonte se coloca em destaque no desenvolvimento dessa monografia pois o seu uso como fonte vai instigar os alunos a ter curiosidade e a proximidade com a temática de uma forma mais lúdica e criativa. O material paradidático proposto, vai trabalhar uma linguagem mais simples e acessível a esses jovens, estimulando a interdisciplinaridade e enriquecendo os debates propostos instigando análises mais profundas e críticas.

Este trabalho se originou a partir de uma insatisfação com a forma como a história das mulheres é abordada nos livros didáticos das escolas, que resumem e marginalizam a participação feminina nas histórias passadas aos alunos. A partir desse descontentamento, o paradidático e a monografia pretendem, de certa maneira, dar visibilidade ao tema, para que na sala de aula exista os debates sobre essas mulheres e que os alunos se aproximem do que foi a experiência delas, aqui no caso no século XIX, na Inglaterra.

Sendo assim, no capítulo 1, intitulado “Eliza Lynton entre o antifeminismo e a escrita literária”, pretende-se explorar um panorama geral de como foi a vida da autora desde seu primeiro escrito (Azeth, o egípcio, 1845) até o momento em que escreveu e publicou “O destino de madame Cabanel” em 1873. Além de explorar a carreira de Linton, pretende-se explorar neste capítulo as inclinações antifeministas da autora e os posicionamentos contrários aos direitos das mulheres da época, em contradição a sua vida

⁵ FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História Campinas - SP: Papirus, 2005. p. 56 apud. XAVIER, Erica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, p1102. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>.

como a primeira mulher a receber salário como jornalista na Inglaterra, sendo divorciada e emancipada desde sua juventude. Ademais, neste capítulo busca-se também dar um panorama sobre a inclinação de Linton ao inexplicável e sua propensão a narrativas sobre violência e como isso acaba chegando no conto de 1873.

No capítulo 2, “Imperialismo e condição feminina em “O destino de Madame Cabanel””, busca-se analisar o conto e entender as influências do imperialismo, do patriarcado e das escalas de poder e na maneira como estas impactam na escrita de Linton e no entendimento das experiências das mulheres no século XIX. Com ênfases nas ideias de McClintock e Silva, principalmente na análise de como a literatura pode dar ao seu leitor pistas da experiência feminina no XIX e como o imperialismo influenciou para além da política, mas também a sociedade e a cultura do XIX, esse capítulo visa mostrar a partir do conto de Linton a visão da mesma sobre a sociedade oitocentista e como seu conto gótico tem a deixar rastros sobre a história.

No capítulo 3, capítulo voltado para a execução do paradidático e na explicação de sua importância na educação e na sala de aula, objetiva-se explicar o uso de fontes históricas dentro da sala de aula, principalmente a literatura e como a mesma pode ajudar na formação e no ensino de história. Destacando a importância do livro didático como norteador dos debates dentro da sala de aula, mas ao mesmo tempo reconhecendo suas lacunas e discursos que não são contemplados pelo mesmo, destaca-se assim a importância do paradidático para tratar desses assuntos não debatidos, principalmente na história das mulheres. Com o apoio de estudo sobre a leitura dos alunos atualmente dentro e fora da sala de aula e analisando as possibilidades de trabalhar a literatura em conjunto com a história para melhorar esses números, o paradidático vem com o objetivo de apoiar professores e alunos nesse caminho de se entender melhor a experiência feminina no século XIX a partir da leitura de Linton e de sua própria trajetória.

Capítulo I – Eliza Lynton entre o antifeminismo e a escrita literária

No ano de 1764, o autor Horace Walpole, 4º conde de Oxford e romancista aristocrata inglês, trouxe vida à obra intitulada *O Castelo de Otranto*, dando início ao que seria considerado adiante a inauguração de um novo gênero literário denominado “romance gótico”. Esse gênero se perpetuou na Europa e teve suas raízes advindas das *novels*⁶, muito populares na Inglaterra vitoriana. Depois dessa publicação, pode-se dizer que o gênero de horror se estabeleceu no século XVIII e manteve sua popularidade no século XIX. Nesse período, a Europa se encontrava em um momento de grandes mudanças no *ethos* das sociedades, num cenário onde circulavam ideias de progresso, inspiradas em novos valores burgueses. No mesmo contexto, formam-se ainda grandes impérios, amparados na ascensão do capitalismo, tudo isso em meio à eclosão de grandes acontecimentos históricos, tais como a Revolução Francesa, lembrada pelo surgimento das ideias iluministas e do apogeu da ciência. Importante destacar esse fato para se entender as bases da criação do gênero e como se compõe a estrutura da narrativa gótica, uma vez que essas mudanças impactaram na escrita dos autores da época. Aparecido Donizete Rossi, em artigo intitulado *Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesa e norte-américa: um panorama*, identifica no gótico três pontos principais que dão significado ao gênero, sendo esses o terror, o medo e o horror. Esses três pontos constroem, segundo ele, a atmosfera do gênero que carrega consigo a irracionalidade como um caracter importante, explorando elementos de ficção em contraponto com o real, a fim de criar um mundo de suspense, medo e horror. Tais elementos de alguma maneira dialogariam com valores da sociedade, da cultura, das dinâmicas sociais dos indivíduos, entre outros principais pontos⁷.

⁶ O termo *novel* aqui empregado no inglês refere-se a como eram chamados os romances tipicamente ingleses que possuíam uma relação com o seu antecessor - ou como considerado por alguns críticos, o seu contraponto - o romance *romanesco*, que possuía a ficção como pilar das suas narrativas. A *novel* se difere então, ao utilizava-se do mecanismo de deslocamento (tanto no tempo, remetendo-se a épocas passadas, quanto em espaço, remetendo-se a lugares estrangeiros, características estas que serão utilizadas muito recorrente no gênero gótico). Ver Klein, Indaiá Demarchi. Orientadora: Aline Dias de Silveira. 2018. 74 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 20198. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190935>. Acesso em: 24 jan. 2023.

⁷ ROSSI, Aparecido Donizete. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesas e norte-americanas: um panorama. Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 55-76, jul. 2008. ISSN:1982-7717 Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5128> .

Analisar essa construção do gótico é entender um pouco de como os autores que se dedicaram ao gênero elaboraram suas narrativas e como a construção dessa atmosfera carregava consigo pistas e traços da sociedade vigente da época em que tais histórias foram concebidas. Nesse sentido, os romances góticos continham elementos que visavam dialogar (ou mesmo provocar) em seu interlocutor/leitor os medos presentes no cotidiano. Os autores brincam e constroem uma atmosfera que transformam locais, imagens, pessoas, signos e simbologias em artifícios aterrorizantes ao ponto de gerar incerteza na realidade e colocar um desequilíbrio diante do que se conhecia, se manifestando no sentimento do medo. Segundo Rossi,

Para Freud, o medo resulta do estranho, ou seja, de um esquecimento, fuga ou sublimação de algo em nosso inconsciente que, quando aparece recontextualizado no consciente provoca a famosa e desagradável sensação de déjà-vu, porta de entrada do medo. O medo seria, então, um lapso do consciente causado pelo inconsciente⁸.

Londres, por sua vez, se tornaria um dos *locus* principais das histórias de horror e também a atmosfera de inspiração para ambientação das várias obras do gênero gótico. Em pleno processo de industrialização, a Inglaterra, marcada pela expansão do capitalismo e de um grande império, viveria naquele momento um contínuo movimento de mudanças. Tais processos passam a inspirar os terrores que povoariam as páginas dos livros de horror, chamando a atenção de leitores atentos aos acontecimentos. A literatura de horror se tornaria, assim, um campo da literatura marcado por nomes que impulsionariam o gênero para o grande público e construiriam um imaginário relevante para esse universo que se consolidou não só com seus leitores, mas futuramente na cultura popular, no cinema e na sociedade de uma maneira significativa. Nomes como o de Bram Stoker com o *Drácula* (1897), Allan Poe, com *O Corvo* (1845), Kipling e suas histórias sobre sua terra natal e também o inesquecível Lovecraft com *Cthulhu* (1926) foram fortes contribuintes para que o sucesso desse gênero que perpassa gerações e impacta um amplo público. Estes autores foram responsáveis por construir histórias tão marcantes que foram capazes de se tornar cânones por sua escrita, o que impulsionou suas carreiras para a fama, marcando no imaginário popular suas criaturas, seus medos, fazendo com que até mesmo aqueles que não tiveram contato com sua obra saibam alguns pontos da narrativa e reconheçam seu trabalho.

⁸ *Ibidem*. 2008. p.67

Sem dúvida estes homens fizeram um trabalho excepcional e se tornaram destaque na história da literatura ocidental. No entanto, outros nomes gritam nas páginas da literatura oitocentista, embora tenham ficado esquecidos ou perdidos em notas de rodapé ou coletâneas pontuais sobre o gênero. Entre esses nomes certamente estão de muitas autoras mulheres⁹. Exceto por alguns nomes célebres, tais como os de Anne Radcliffe com *The Mysteries of Udolpho*, (1794), Mary Shelley – e seu *Frankenstein* (1818), que estão listadas entre os principais fundadores do gênero, muitas outras autoras de literatura de horror ficaram esquecidas. Importante lembrar que, antes do sucesso de *Frankenstein*, de Mary Shelley, a primeira a pavimentar o caminho para a escrita feminina no horror foi Anne Radcliffe, que estabeleceu as bases para muitos dos elementos que caracterizam o gênero até hoje¹⁰. Entre outras mulheres famosas nesse campo estão figuras como Louisa May Alcott, com obras como *A maldição da múmia* (1869) e Charlotte Perkins Gilman, entre outras. Essa última em especial, com seu livro *Papel de parede amarelo*, publicado em 1892, mergulhou nas dores e horrores de uma mulher isolada em uma mansão, em seu pós-parto, aos cuidados de seu médico e marido¹¹. Todas escreveram histórias capazes de aterrorizar de uma maneira diferente daquilo que era produzido pelos literatos homens que investiram no mesmo gênero, uma vez que escritas sobre um ponto de vista diferente, o da mulher. Os olhares lançados por elas em relação à sociedade produziram narrativas diversas e inspiradas muitas vezes na experiência de ser mulher na sociedade oitocentista, na vivência de violências e opressões impostas por um mudo cujo poder estava centrado no universo masculino. Através de suas histórias de horror muitas delas deixaram vestígios – e por que não denúncias – dessas violências, tão assustadoras quanto os monstros, vampiros e lobisomens imaginados por literatos homens. Olhar para as histórias de horror produzidas por mulheres no século XIX nos permite pensar sobre o mundo (e a experiência histórica) que as inspirou direta ou indiretamente.

⁹ Mais informações sobre escritoras mulheres, em especial no gênero do horror em Klein, Indaiá Demarchi. Orientadora: Aline Dias de Silveira. 2018. 74 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 20198. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190935>. Acesso em: 24 jan. 2023.

¹⁰ de Oliveira Esteves, L. . (2020). THE MYSTERIES OF UDOLPHO: O SOBRENATURAL COMO PROBLEMA LITERÁRIO . *Revista De Estudos De Cultura*, 5(16), 51–64.

¹¹ Melo, A. P. B. de. (2018). Mulheres, loucura e escrita no século XIX: um estudo sobre a obra *O papel de parede amarelo* de Charlotte Perkins Gilman (1892). *Mundo Livre: Revista Multidisciplinar*, 4(2), 48-57. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/mundolive/article/view/39966>.

Eliza Lynn Linton (1822-1898), escritora e jornalista inglesa do período vitoriano, está entre essas escritoras que se aventuraram pela literatura de horror. Embora seu nome não seja tão popular quanto os de Radcliffe, Shelley ou Gilman, Linton criou histórias que até hoje suscitam debates e estudos importantes sobre a experiência feminina e os olhares sobre as mulheres na ficção na Inglaterra oitocentista. Além de sua forte colaboração em jornais do período, que fez com que ela se destacasse com a fama de ser uma antifeminista, contrária aos direitos das mulheres que estavam em debate na época, algo que se evidenciou em obras como *The girl of the period* (1868), ela também publicou, em 1873, um conto intitulado “O Destino de Madame Cabanel”, que provoca questionamentos sobre seu entendimento a respeito da condição feminina. Tal conto será objeto de estudo desta monografia.

Colocada como uma representação do “anjo do lar”¹², a protagonista do conto, Fanny Cabanel parece ilustrar tudo que a Inglaterra vitoriana almejava em uma personagem feminina. Doce, sincera, gentil, solícita, educada e casta, envolta em uma áurea de inocência e pureza, ainda assim ela se vê alvo da desconfiança e da violência de um vilarejo que enxerga nela uma ameaça, uma vez que ela é tida como um elemento externo que parece escapar dos moldes e tradições daquela sociedade. Na outra ponta do conto está Adèle, uma mulher severa, tradicional, determinada, com uma postura desafiadora e quase podendo-se considerar antipática. A dualidade entre as duas personagens propõe uma reflexão sobre espaços e caminhos das mulheres naquele mundo. Assim, explorando um ato de violência contra uma mulher, Fanny, trabalhando medos e inseguranças de ambas as personagens femininas da história e construindo um ambiente no qual critica o misticismo e exalta a ciência e a razão, o conto aterroriza. Eliza Linton nos convida a entender um pouco do que ela pensava a respeito das experiências das mulheres no século XIX, para além das suas críticas antifeministas que circularam nos jornais anos antes. Neste capítulo, analisaremos a trajetória dessa escritora, suas referências literárias e intelectuais, bem como buscaremos responder como, apesar de seu

¹² Expressão usada para denominar a imagem da mulher inglesa ideal, que era dócil, amável, que se dedicava as funções da casa, da família e se mantinha dentro dos padrões estabelecidos pelo culto da domesticidade disseminado pelo ideal imperialista da época que restringia o espaço doméstico às mulheres e aos homens cabia desbravar as terras, conquistar os espaços públicos e assegurar o bem-estar da família e sustento da casa. Ver SILVA, Evander Ruthieri S. da. Degeneracionismo, variação social e monstrosidade na literatura de horror de Bram Stoker (1847 - 1912) / Evander Ruthieri Saturno da Silva. Curitiba, 2016, p.99.

declarado “antifeminismo”, podemos perceber questões caras às experiências e violências sofridas pelas mulheres em seu conto de horror.

Eliza Lynn Linton: do direito das mulheres ao antifeminismo.

Nascida no dia 10 de fevereiro de 1822 no vicariato de Crosthwaite, em Keswick, Reino Unido, órfã de mãe desde bebê, Eliza Linton era filha do vigário James Lynn e neta de um bispo evangélico. Crescida em ambiente provavelmente austero e severo, em sua infância, segundo a descrição de Graeme Davis, ela se tornou autodidata e investiu seu tempo em aprender sozinha a escrever, o que se tornaria sua carreira no futuro. Linton deixou sua cidade natal aos vinte e três anos, em 1845, para se tornar escritora em Londres, desejando conquistar seu espaço na sociedade. Sua trajetória profissional, contudo, foi marcada por altos e baixos. Ela iniciou sua carreira publicando artigos no *Morning Chronicles*. Por essa primeira contribuição, ganhou o título de primeira mulher a receber salário como jornalista na Inglaterra.¹³

Sua primeira produção literária apareceria em meados de 1845, intitulada *Azeth, o egípcio*. Primeiro romance de sua carreira, para escrevê-lo ela contou com a ajuda do poeta Walter Savage Landor¹⁴. Posteriormente escreveu mais dois romances, ao longo de seis anos, mas fez sucesso definitivamente quando começou a trabalhar em outros jornais, tais como *Household Word*¹⁵ e *Temple Bar*¹⁶. Seu primeiro romance falava sobre um

¹³ Davis, Graeme. Eliza Lynn Linton In: **Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX** / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 2021, p.247.

¹⁴ Walter Savage Landor foi um poeta inglês que produziu vários trabalhos em vários gêneros, tais como prosa, poesia lírica, escritos políticos. Suas colaborações se expandiram para os jornais da época nos quais publicou alguns artigos políticos. Apesar de sua notoriedade no cenário de uma figura de destaque no círculo literário da Inglaterra do século XIX, embora sua obra nunca tenha alcançado o mesmo nível de popularidade de outros escritores contemporâneos. Em 1795, publicou o livro *Poems*. Seus poemas líricos inspiraram os ideais femininos, além de enaltecer a sensibilidade familiar, com poemas envolvendo suas irmãs e crianças. Seu mais conhecido poema é *Rose Aylme* (1802).

¹⁵ *Household Word* foi uma revista organizada por Charles Dickens no período de 1850 a aproximadamente 1860 no qual Eliza Lynn Linton trabalhou durante seis anos de sua carreira. Foi neste jornal, que a veia crítica de Linton sobre o direito das mulheres se intensificou durante o período em que colaborou com a revista, de acordo com Anderson, muito se deu essa criticidade em razão a sua relação com Charles Dickens e outros escritores da revista. Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), pp.134

¹⁶ *Temple Bar* foi um periódico conhecido como *Temple Bar – A London Magazine for Town and Country Readers*. Inicialmente editado por George Augustus Sala, e Arthur Ransome teve colaborações de alguns nomes do jornalismo como Linton que trabalhou no periódico por um considerável tempo. Foi no *Temple Bar*, que Linton criou e mais mostrou ao público sua caricatura e intensificou seu humor sarcástico de

jovem egípcio que se viu dividido entre sua lealdade à sua terra natal e as complexas questões espirituais e sociais que o cercavam. Publicado em *livro*, o romance saiu inicialmente em forma seriada em uma revista. Na história, o personagem principal se apaixona por uma mulher e esse amor se tornará um dos principais motores de sua jornada interna. Falando sobre o peso das expectativas sociais e religiosas de sua época, a obra trata também das questões femininas. Embora centrado em Azeth, a narrativa examina como as mulheres eram tratadas no contexto cultural e social do Egito Antigo, abordando como suas vidas eram tão fortemente influenciadas pelos costumes da época¹⁷.

Já o seu segundo romance, também inicialmente publicado em revistas, em 1848, intitulado *Amymone*, pode-se ser considerado como uma obra que pensa o direito das mulheres. A obra narra a história de uma jovem cuja família, composta por nobres, vivia sob as rígidas expectativas da sociedade. A história começa quando a protagonista é capturada por um deus do mar, *Poseidon*, enquanto tentava buscar água. Ele a salva de um monstro, mas o encontro marca a vida da jovem, isso porque, como parte de um acordo, ela acaba envolvida com ele e, consequentemente, engravida. O romance critica a honra e as morais rígidas da sociedade no que se trata da condição das mulheres e destaca a veia crítica de Linton e a maneira com que ela se posiciona contra as opressões sofridas pelas mulheres. O conteúdo dos seus primeiros trabalhos, em especial no que diz respeito às mulheres, chama atenção quando contrapostos aos seus ensaios futuros, já que estes continham fortes críticas ao movimento feminista da época.

Realities (1851), por exemplo, seu terceiro romance, é considerado, nas palavras de Andrea L. Broomfield, um romance protofeminista, já que foi entendido como uma crítica radical da sociedade, no qual se defendia uma melhor condição para os pobres, desafiando o status inferior das mulheres¹⁸. O romance narra a história de Clara personagem que enfrenta as pressões da sociedade, principalmente no que diz respeito ao comportamento social, classe e o papel das mulheres. A trama acompanha a garota que

acordo com Broomfield. Ver Ver BROOMFIELD. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 272.

¹⁷ Ardanaz, Eleonora (2009). "Los hombres le temen y con razón": acerca de la mujer moderna en *The Girl of the Period* de Eliza Lynn Linton. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

¹⁸ Ver BROOMFIELD. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 266

foge de sua família aristocrática para Londres para se tornar atriz depois que seu pai a castiga com um chicote de cachorro. Em Londres, ela se torna uma atriz aclamada e acaba por viver um romance com seu empresário de teatro, Vasty Vaughan. Clara, com sua beleza e carisma, ainda inspira o amor de dois outros homens enquanto ainda se relaciona com Vaughan, sendo eles Edward Mantell, e Percival Glynn. Mas, à medida que a história de Clara se desenrola, ela começa a tomar consciência das realidades desagradáveis ao seu redor, incluindo seu próprio status social ambíguo, as desigualdades enfrentadas pelas mulheres e o sofrimento da classe trabalhadora. Tendo pontos tão fortes e polêmicos para a época, o romance teve de ser publicado com as expensas da própria autora, após seus editores afirmarem que a sua escrita se mostrava muito explícita e de certa maneira vulgar.¹⁹

É fundamental entender a trajetória literária – e política – de Linton, uma vez que anos depois ela se colocará em posições diferentes quanto a temas que abordou no início de sua carreira, como observamos em seus romances. Segundo Anderson, o fato de sua escrita ter, aparentemente, chocado tanto os leitores quanto a crítica da época, acabaram por impactar o percurso que Linton seguiria mais à frente. Mudando de direção, Linton esperava, de acordo com Nancy Fix Anderson, que sua obra tivesse o mesmo reconhecimento que o alcançado por outras escritoras, tais como Charlotte Brontë, que publicou seu romance *Jane Eyre* em 1847. Mas, infelizmente, pelo teor de suas temáticas e pelo tom de sua escrita, Linton acabou não obtendo o sucesso esperado e teve que enfrentar fortes consequências por seu posicionamento. Entre essas consequências estavam a falta de interesse por parte dos jornais pelas suas publicações e a crítica do público aos seus trabalhos. Dessa forma, Linton, segundo os estudiosos de sua obra, acabou optando pela mudança em sua forma de escrever, fugindo assim de tais críticas. Nessas circunstâncias, podemos pensar “como a mulher que recebeu o primeiro salário como jornalista na Inglaterra e sofreu na pele as críticas por seus primeiros trabalhos pôde manter uma postura tão hostil diante da profissão de suas colegas?”²⁰

¹⁹ Ver BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 267.

²⁰ Tradução livre de “How could the first salaried woman journalist in England maintain such a hostile attitude towards her professionally inclined cohorts?” Ver BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 267.

Ao que tudo indica, as consequências desses eventos trouxeram fortes frustrações para vida de Linton e a situação da autora se manteve por muito tempo bastante impactada. Segundo Nancy Fix Anderson, Linton, “ousada na expressão de temas controversos, não foi forte o bastante no início de sua carreira para suportar os ultrajes que sua escrita atraía.”²¹ As consequências desta escrita “ousada” foram severas, tais como a demissão do jornal *Morning Chronicles* e a dificuldade de conseguir um novo emprego, o que acabou provocando uma pausa na sua escrita de romances por quatorze anos.²²

Observando por essa perspectiva e encarando todas as dificuldades de abordar temáticas acerca do direito das mulheres e da luta feminina por melhores condições de vida, não é de se espantar que, mais adiante, Linton tenha publicado ensaios tão fervorosamente contrários a esses direitos reivindicados. Pelo menos é o que aponta a bibliografia produzida sobre a autora. Uma vez que sua escrita foi tão rechaçada em seus primeiros anos de carreira e que seus posicionamentos trouxeram para a autora consequências tão negativas, que inclusive marcaram pontos importantes de sua vida, tornar-se publicamente uma figura contrária ao que a crítica a acusava de defender talvez soasse como uma solução para que ela se defendesse e, enfim, se estabelecesse socialmente. Tal argumento foi defendido tanto por Anderson quanto por Broomfield.

Sendo assim, embora em seus romances iniciais Linton tenha apontado temas sobre a opressão contra as mulheres, em seus ensaios e artigos em periódicos ela acabou se posicionando contra a emancipação das mulheres, defendendo, entre outras coisas, a ideia da submissão feminina. Como destacado por Nancy Fix Anderson, Linton “fez sua reputação como a mais fervorosa oponente dos direitos das mulheres na Inglaterra Vitoriana.”²³ Entre as obras mais conhecidas de Linton que exploram esse lado antifeminista está certamente “The Girl of the Period” (1868), pela qual ela notoriamente ficou conhecida, já que nesse ensaio faz uma crítica ferrenha às mulheres feministas e ao movimento progressista que então ocorria na Inglaterra.

²¹ “Tradução livre de: “Bold in the expression of controversial themes, she was not strong enough in her early career to bear the outrage her writings evoked.” - ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. Victorian Periodicals Review, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.134.

²² *Ibidem*, 1989, p. 134.

²³ Tradução livre “(...) Eliza Lynn Linton made her reputation as the most impassioned female opponent of women's rights in Victorian England” - Tradução de - ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. Victorian Periodicals Review, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), pp.134.

Posteriormente, Linton publicaria “Shiekling Sisters” e “Wild Woman”, que também levantavam críticas contra as então chamadas *New Woman*²⁴ e as mulheres do XIX.²⁵ O que Linton criticava no feminismo, de acordo com *The girl of the period*, era o surgimento de movimentos onde as mulheres estavam atrás de seus direitos, entre eles a independência, a liberdade e a emancipação. Broomfield afirma que Linton defendia que as mulheres deveriam permanecer em seu lugar de submissão e não comprar as ideias de liberdade propagadas pelas novas ondas feministas. Elas não deveriam ser iguais ou rivais de seus maridos e sim suas amigas e entender que as mulheres não eram biologicamente e mentalmente preparadas e feitas para competir com os homens.²⁶ Com afirmações como essas, a autora seguiu sua carreira explorando outros horizontes além dos escritos antifeministas. De acordo com Anderson, ela também escreveu livros regionais, um levantamento histórico, *Witch Stories* (1861), uma autobiografia chamada *Minha vida literária* (1899) e se aventurou em outras escritas do gênero do horror para além do conto “O destino de madame Cabanel”, tais como *The Witches of Scotland*.

Em 1853, quando teve início sua atuação como jornalista, ela começaria a ganhar projeção. Escrevendo para o *Household Words*, revista editada por Charles Dickens, com publicações semanais aos sábados e que perdurou do período de 1850 a 1859, ela entraria numa nova fase de vida profissional. Esse evento, segundo a bibliografia, marca uma virada de chave na vida de Linton, que então passava por períodos conturbados. Vítima de uma depressão e com problemas em escrever novamente devido às fortes críticas ao seu trabalho, Linton encontrou nos jornais a fonte para retomada de sua carreira, criando, assim, uma nova roupagem para os escritos a serem vendidos ao público.²⁷

²⁴ Aqui, termo adotado como a autora Ana-Gratiela Gal coloca sobre a leitura de “The girl of the period” de Linton. Uma mulher que “descolore os cabelos e pinta a cara” (Gal. 2013. p.49 *apud* Eliza Lynn Linton, “The Girl of the Period” in *The Girl of the Period and Other Social Essays* (London: Richard Bentley & Son, 1883), 2. All subsequent citations from the essay are included within parenthesis in the text.), significando assim uma mulher preocupada em atrair olhares e chamar atenção, diferente da modesta e recatada dama inglesa.

²⁵ Ver sobre em ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), pp.134.

²⁶ Ver BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton’s contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. *Victorian Literature and Culture*. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p.277

²⁷ Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.136.

Linton conheceu Dickens em 1849, em uma festa, mas somente em 1853 começou efetivamente a publicar em seu periódico, o *Household Word*, fundado por ele em 1850. Segundo Anderson, Dickens aparentemente “se sentiu confiante o bastante em suas habilidades de publicar um trabalho apenas alguns anos depois de conhecê-la.”²⁸ Em 22 de janeiro de 1853, Linton publicou sua primeira história no *Household Word*, intitulada “Miss Harrington 's Prediction”. Linton tinha consciência de seus posicionamentos e de seu potencial tanto que, em 1840, se tornou parte da vanguarda em Londres. Sua vontade de se consolidar por seus próprios méritos a impulsionou a tomar uma coluna fixa em julho na revista, na qual permaneceu publicando até o fim da revista de 1859, mas já garantindo sua cadeira na revista sucessora *All the year round*.²⁹ Durante os anos de escrita para a revista, Linton manteve sua veia crítica ao direito das mulheres e ao movimento feminista, representados pelo que então se chamava como as “New Womans”. Linton parecia decidida a entregar histórias, produzidas tanto para os jornais quanto para seus futuros livros que fossem consideradas dentro da moral e da ética do período. Dickens e o editor Wills sempre estavam atentos às publicações de Linton para intervir caso sua veia sensacionalista despertasse. Dickens, mesmo tendo dado uma oportunidade à autora, teceu severas críticas à sua escrita do início de carreira. Seus maiores problemas com Linton não eram com o teor polêmico de suas publicações, mas o que, na opinião de Dickens, se tratava de uma escrita pobre, segundo Anderson afirma em seu artigo. No período em que escreveu para *Household Words*, Linton escreveu histórias focada em ganhar dinheiro, uma vez que Dickens pagava por página publicada. No entanto, o preço por esse trabalho foi o desprezo do mesmo que denominou seus textos como incompetentes e podres³⁰.

Nancy Fix Anderson afirma que o sucesso de Linton nos jornais se dava pela sua fácil adaptação às ideias de Dickens e destaca a notória influência do autor nas obras da escritora. Anderson destaca que, quando Linton começou a escrever para o *Household Words*, ela ainda era ostensivamente e ardentemente uma defensora dos direitos das mulheres, mas com o passar do tempo, e com o amadurecimento de sua escrita no

²⁸ Tradução livre de: “He did not originally solicit her as a contributor for *Household Word*, which he founded in 1850, but by 1853, he apparently felt confident enough about her abilities to publish her work.”. ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.135.

²⁹ Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p. 135.

³⁰ Ver *ibidem*, 1989, p.136.

jornal, Linton acabou se adaptando às demandas e às morais do período, modificando sua forma de pensar³¹. Anderson destaca um episódio no qual Linton, em 1854, defendeu ideias feministas e questões que envolviam o direito das mulheres em um de seus artigos dizendo, por exemplo, que Mary Wollstonecraft, escritora e filósofa inglesa, era corajosa e forte por expressar seus pensamentos e lutar pelo lugar das mulheres na sociedade. Curiosamente, no mesmo ano, em abril, Linton publicou um artigo intitulado *Rights and Wrongs of women*, atacando a ideia da emancipação feminina. Sobre o episódio, a estudiosa argumenta que, ao escrever esse artigo, Linton estava certamente respondendo às conhecidas visões conservadoras de Dickens sobre as mulheres. Ele havia deixado claro em seus próprios artigos no *Household Word* e em seus romances sua aversão aos direitos das mulheres.³² Dessa forma, entende-se, pela interpretação de Anderson, que, até o momento em que passou a escrever para a *Household Word*, “Linton comportava certa ambivalência, se tornando controversa no passo que desejava liberdade e independência para si, mas condenava outras mulheres à esfera doméstica”.³³ Sobre essas oscilações e contradições da escritora é importante destacar como, no âmbito pessoal, Linton, por volta de 1870, manteve contato com sua sobrinha por meio de cartas, nas quais falava de perseverança e trabalho duro para chegar em algum lugar, aconselhando-a a não se acomodar no lugar onde se estava, pois isso faria com que se chegasse mais longe. Essas reflexões de Linton parecem fazer sentido ao serem colocadas em perspectiva as dificuldades enfrentadas por ela e as várias adaptações que sua escrita sofreu e até mesmo sua postura tiveram que passar por fortes impactos para que ela alcançasse o que conseguiu.³⁴

³¹ Tradução livre de: “When Linton first started writing for *Household Words*, she was still ostensibly an ardent defender of woman’s rights” ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.137.

³² Tradução livre “In writing this article Linton was certainly responding to Dicken’s well-known conservative views on women. He had made clear in his own *Household Word* articles and in his novels his abhorrence of women’s rights. - ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.137.

³³ Tradução livre “(...) claimig freedom and independence for herself while at the same time insisting that other women remain the domestic sphere.” - Tradução de - ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.138.

³⁴ Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.139.

Linton passou um tempo em Paris e em 1850 retornou à Inglaterra. Ali, encontrou um cenário de crise. Após o estabelecimento das linhas de trem, a demanda pelo consumo de revistas baratas aumentou e as pessoas passaram a se interessar por algo que as distraísse da monótona e acelerada rotina nas linhas de trem. Dessa forma, o consumo por revistas e jornais aumentou exponencialmente. Como consequência, muitos jornais da época seguiram o fluxo de publicações a fim de priorizar o lucro e a quantidade de demanda. De acordo com Broomfield, Linton, diante dessa demanda provocada pela popularização dos jornais, passa a escrever tentando atender a esse grande público, agora marcado pela industrialização e pelo ritmo frenético ditado pelas fábricas³⁵. Entre os conteúdos que circulam por jornais e revistas estavam, entre outras coisas, propagandas imperialistas que traziam para a população a imagem da domesticidade, os comerciais que faziam do homem um explorador nato e as mulheres colocadas como “anjos do lar”, instaurando-se, assim, um terreno fértil para que as ideias antifeministas aparecessem. Muito inspirada e motivada por seus colegas de trabalho, principalmente por Dickens³⁶, que abertamente em seus escritos já havia se declarado contra reivindicações das mulheres, Linton seguiu os passos de seus colegas pavimentando seu caminho nas críticas aos direitos das mulheres.

Partindo dessa perspectiva de mudança na escrita da autora, é preciso dizer que, entre os anos de 1850 e 1860, de maneira geral, não se publicava com veemência materiais sobre o direito das mulheres e questões envolvendo a temática feministas nos periódicos do período. Embora nomes como os de Power Cobbe³⁷ e Mary Wollstonecraft³⁸ fossem reconhecidos por seu trabalho envolvendo a defesa dos direitos das mulheres, o assunto ainda não tinha se tornado algo tão comum e ainda bem-visto entre as pautas públicas

³⁵ BROOMFIELD. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. *Victorian Literature and Culture*. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), pp.269-270

³⁶ Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. *Victorian Periodicals Review*, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198) p.137

³⁷ Escritora irlandesa e reformadora social foi uma das principais ativistas do sufrágio feminino. Para mais informações sobre a autora consultar CARVALHO, André Luis de Lima; WAIZBORT, Ricardo. A dor além dos confins do homem: aproximações preliminares ao debate entre Frances Power Cobbe e os darwinistas a respeito da vivissecção na Inglaterra vitoriana (1863-1904). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, n.3, jul.-set. 2010, pp.577-605.

³⁸ Foi escritora e filósofa, além de defensora do direito das mulheres durante o XIX. Considerada fundadora da filosofia feminista era uma forte influência no movimento feminista da época. Para mais informações sobre a autora consultar LIBERATO, Ermelinda. Wollstonecraft, uma defensora dos direitos das mulheres: : a propósito do livro. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 58, p. e205819, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664380>. Acesso em: 17 abr. 2025.

nos período de 1850 a 1860. Por mais que Eliza tenha elogiado Mary Wollstonecraft e a mencionado esta escritora em seus textos, tal como fez para o *Household Word*, compactuar com seus pensamentos e seguir a linha de suas publicações era um risco eminente de mais uma vez não ser aceita pelo público como aconteceu em suas escritas iniciais. Um risco esse que Linton, ao contrário de outras mulheres que a sucederam ou que eram contemporâneas a ela, parecia não querer correr. Dessa maneira, como destaca Broomfield, nomes como Anne Mozley seguiram o caminho da crítica contra as figuras que se posicionaram a favor do direito das mulheres³⁹. Linton, por sua vez, vendo que esse cenário de se posicionar contra as mulheres trazia frutos (atraía público), convenientemente posicionou-se para se tornar uma autoridade conservadora no assunto da “injustiça feminina”.⁴⁰

Outros aspectos da vida na Inglaterra oitocentista aparecem, contudo, nos escritos de Linton. Entre eles está a demanda dos leitores por matérias e ensaios que tratassem do futuro da Inglaterra, saciando a ansiedade pública em debater os reflexos do advento do capitalismo, da aceleração causada pelo mercado de trabalho e o advento das máquinas. Elementos que mudaram o cotidiano de várias cidades industriais inglesas e que tornavam o futuro incerto. As publicações periódicas se tornaram então tanto fonte de debates de questões públicas quanto entretenimento, já que o acalento dos jornais era uma fuga para essa população que precisava ansiosamente de distrações para seus pensamentos. Broomfield, citando Walter Houghton, argumenta que, no período vitoriano, os editores ouviram os desesperados gritos da população para com qualquer ideal que se pudesse agarrar buscando segurança ou algo parecido, em meio às duras transformações capitalistas pelas quais a Inglaterra passava.⁴¹

O que questionamos, no entanto, é sobre qual público (ou quais críticas) considerou Linton uma antifeminista. Quem eram esses que leitores que consumiam os jornais e colunas que a autora se dedicou entre os anos de 1850 a 1880, quando publicou

³⁹ Ver BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti feminist: Eliza Lynn Linton's Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. *Victorian Literature and Culture*, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.270.

⁴⁰ A expressão “injustiças femininas” é colocada aqui baseado no que a autora Broomfield vai destacar da trajetória de Linton em relação a sua emancipação, em seu trabalho no jornal e os privilégios que alcançou ao longo de sua vida que não eram acessíveis e pertinentes para todas as mulheres. Aqui, essa “injustiça”, aparece para tratar das incongruências do que a autora defendia e da forma como levava a vida.

⁴¹ HOUGHTON Walter. *Periodical Literature an the Articulate Classes*. Shattock and wolff 3-7 apud BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti feminist: Eliza Lynn Linton's Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. *Victorian Literature and Culture*, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.270.

sobre antifeminismo e criticou fortemente as mulheres? A resposta é dada por Broomfield ao elencar as ideias de Bagehot sobre o consumo do público por jornais e revistas da época. Segundo Bagehot, citado em Broomfield, a recepção à textos que abarcassem temáticas do feminismo e do direito das mulheres, ou que trouxesse reflexão e pensamentos muito “elitizados”, voltados para necessidade de uma ponderação por parte de seus leitores, eram vistos de maneira negativa, causando um estranhamento da população que buscava, principalmente, entretenimento nos jornais. A bibliografia aponta, por parte desse público, até mesmo uma repulsa pelas notícias que os fazia se sentir desafiados ou até mesmo insultados. Ou seja, o que o público gostava de consumir nos jornais eram histórias e notícias que dialogavam sobre seu cotidiano e não histórias voltadas para reflexão ou que os fizessem pensar em temáticas como feminismo. Linton, em particular, tinha sua marca de escrita e conseguia explorar bem as demandas do público, entregando um material que agradasse o gosto popular. Ao escrever para revistas como *Domestic life* (fevereiro de 1862) e *Fuss and feathers* (Março 1866), Linton construiu o caminho para se tornar a escritora que publicou *The Girl of the period*, o marco antifeminista produzido por ela. Assim, Broomfield destaca:

Ela transformou temas desgastados e frases clichês em algo novo e provocativo, despojou o debate sobre a questão da mulher de suas questões mais pedantes e tediosas (incluindo a discussão de sua base filosófica e jurídica) e reformulou o debate para que ele alimentasse a ansiedade da classe média em relação ao futuro, ao mesmo tempo em que satisfazia os leitores com um amor nostálgico pelo passado “ideal”.⁴²

Com isso, podemos perceber que o caminho que Linton trilhou nestes múltiplos jornais nos quais trabalhou foi de adaptação de sua escrita para se tornar popular, para ser consumida por um público amplo. Como é destacado tanto por Anderson quanto por Broomfield, isso foi o que garantiu seu sucesso e sua sobrevivência na área do jornalismo. Observando tais fatos, podemos inferir também que, de certa maneira, a adaptação que Linton teve em sua carreira pode ter sido baseada em sua relação com as críticas que recebeu e pela maneira como lidou com a aderência dos consumidores aos seus escritos.

⁴² Tradução livre de “She made worn-out themes and clichéd phases fresh and provocative, she stripped the woman question debate of its more pedantic, tedious issues (including discussion of its philosophical and legal underpinning), and she redesigned the debate so that it would stoke middle-class anxiety about the future, while at the same time indulging the readers in a nostalgic love of the ‘ideal’ past”. - BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti-feminist: Eliza Lynn Linton’s Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. *Victorian Literature and Culture*, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.271.

Além, é claro, das influências, em sua maior parte masculinas, que teve nos anos em que trabalhou nesses jornais. Entre essas adaptações que Linton teve em sua carreira, entre as idas e vindas de seus trabalhos, percebe-se que parte do que a autora demonstrava acreditar no começo de sua carreira em relação ao direito das mulheres sofreu modificações drásticas nos períodos finais de sua trajetória. Anderson e Broomfield apontam momentos da carreira da autora em que ela elogiou feministas, como vimos no caso de Mary Wollstonecraft. Suas primeiras obras, que foram criticadas por conter insinuações sobre direito das mulheres e falas consideradas favoráveis às ideias feministas, levam-nos a pensar que as autoras definiam Linton como uma mulher feminista no começo de sua jornada, mas que, com o passar do tempo e dos percalços que foi enfrentando, adaptou sua escrita para o que era mais conveniente no período para “vender seu peixe”.

Tendo em perspectiva a trajetória intelectual da escritora, bem como seus posicionamentos políticos, é preciso dizer, contudo, que o conto “O destino de Madame Cabanel”, publicado em 1873, desafia nossa interpretação. Isso porque, por mais que esta seja uma obra que, em uma análise inicial, dialogue com ideias imperialistas de exaltação da domesticidade, que enfatize a ideia do “anjo do lar”, ainda assim ele pode ser lido como capaz de denunciar hostilidades, violências e inquietações que perpassavam a condição feminina no período oitocentista. Importante lembrar também que escrita de Linton era marcada por características específicas que faziam com que se tornasse a marca da autora. O sarcasmo e os tons de ironia sempre estiveram presentes em seus textos. Destaca-se, por exemplo, que, ao longo de sua carreira, ela construiu infames caricaturas enquanto escrevia para *Temple Bar* e isso reverberou para outros trabalhos da escritora.

Retomando à questão do público de Linton, Broomfield e Anderson entendem que o sucesso da autora com as camadas mais populares era considerável. As autoras argumentam que tais camadas consumiam seu trabalho por identificação com sua escrita e com as pautas destacadas pela escritora, tais como as opiniões que passou a colocar sobre a condição feminina no XIX e seu antifeminismo. Linton trabalhava com estereótipos e preconceitos da época, o que agradava um público em particular. Com um certo teor xenofóbico, algumas obras de Linton revelam alguns desses traços, talvez influenciados pelo tempo em que ficou na França. Anderson destaca que, enquanto escreveu para o *Household Word*, Linton já havia publicado ensaios sarcásticos e ácidos sobre os franceses. Um deles, especificamente intitulado “French Love”, foi barrado por

Dickens pois, no período da escrita, 1854, dezoito anos antes da publicação do conto sobre a madame Cabanel, a Inglaterra estava entrando na Guerra da Crimeia. Nesse momento, os ingleses tinham a França como um importante aliado e, por motivos políticos, naquele momento, não seria bom para imagem do jornal publicar algo tão antifrancês. No entanto, a obra foi posteriormente publicada.⁴³

Apesar dos estereótipos reproduzidos sobre outras culturas, Linton alcançou prestígio com seus leitores e Broomfield destaca:

Esses estereótipos podem ofender leitores críticos, mas Linton atendia a um público que achava essas descrições divertidas. A aliteração de Delores e Don Jos?, a imagem de Delores em trapos (semelhante à da esposa americana “caipira”, desleixada e irritante das comédias de televisão das décadas de 1950 e 1960), a descrição dos lares espanhóis como “canis” e Don Jos? vagando como um vira-lata perdido não foram criados para refletir a realidade, mas sim para gerar risos nos leitores ingleses insulares.⁴⁴

Apesar de usar tons irônicos para tratar de temas como os estrangeiros, o direito das mulheres, entre outras pautas, isso, contudo, não compreendia todos os sentidos impressos nos escritos de Linton. Sua obra foi deixando rastro de outros temas mais profundos, que extrapolavam a literatura de entretenimento. Enquanto escrevia para o *Fuss and Feathers* e para o *Temple Bar*, por exemplo, nos anos de 1862 e 1866 respectivamente, Linton criticava não só a classe “ameaçadora” de mulheres, que eram aquelas que se movimentavam politicamente por direito – e que tinham pensamentos feministas –, mas também atacava mulheres comuns e tidas como “inofensivas”, donas de casa e aquelas que Broomfield apresenta como as que gritavam na igreja⁴⁵. O motivo para tais ataques, segundo a estudiosa, estava na tentativa de Linton de seguir os ensinamentos de George Augustus Sala, primeiro condutor do *Temple Bar*, em 1861. Broomfield coloca que Sala levantava a questão de que o público geral se distanciava de

⁴³ Ver ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. Victorian Periodicals Review, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198), p.135.

⁴⁴ Tradução livre de: “Such stereotypes might offend critical readers, but Linton catered to an audience who would find such descriptions amusing. The alliteration of Delores and Don Jos?, the image of Delores in rags (similar to that of the slatternly, nagging, American “hillbilly” wife from television comedies of the 1950s and 1960s), the depiction of Spanish homes as “kennels,” and Don Jos? wandering off like a stray mongrel, are not designed to reflect reality, but rather to generate laughter from insular English readers”. BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti-feminist: Eliza Lynn Linton’s Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. Victorian Literature and Culture, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.272.

⁴⁵ Ver BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton’s contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 278.

temáticas muito intelectuais e queria afastar seu jornal dos debates sociais e casos políticos, visando agradar um público menos letrado e mais amplo. Broomfield então destaca que:

Com suas descrições divertidas, Linton desvia a atenção dos leitores de seu raciocínio falacioso. Para os leitores acríticos, parece que uma senhora que frequenta a igreja deve pertencer a uma dessas duas escolas de confusão; elas nunca podem ter profundidade. Como demonstrarei em breve, quase todos os ensaios do G.O.P. de Linton usam essa mesma estratégia de tratar os extremos como se fossem normas. A voz autoritária, a sagacidade e o ritmo acelerado dos argumentos de Linton desencorajam os leitores a pensar cuidadosamente sobre sua lógica; em vez disso, eles ficam hipnotizados por suas deslumbrantes exibições verbais⁴⁶

Os escritos de Linton para *Temple Bar* eram anônimos e isso só mudou quando ela recebeu uma proposta de seu antigo empregador, editor da revista *Morning Chronicles*, John Douglas Cook, para escrever resenhas de livros para a *Saturday Review*. Linton enxergou a oportunidade como algo promissor já que o *Saturday Review* era tido como um dos mais respeitados jornais do momento. O convite também representava para ela uma oportunidade de escrever para um público letrado e crítico, podendo assim se consolidar e na carreira de jornalista. Sobre este fato, Broomfield destaca alguns pontos interessantes de serem analisados sobre a passagem da inglesa pelo *Saturday Review* e a coluna intermediária na qual Linton escrevia. Ela destaca que a escrita de Linton pouco se modificou e seus trabalhos permaneceram na mesma linha do que ela havia feito no *Temples Bar*. Assim, Broomfield questiona como um jornal de elite como o *Saturday Review* fez publicações semelhantes aos periódicos populares disponíveis para o público geral, e reflete sobre o jornalismo das décadas de 1860 e 1870 na Inglaterra. Há um questionamento se Linton teve uma parcela de responsabilidade na popularização do periódico e na forma como este manteve seu rigor, mesmo com esse tipo de publicação.

Linton, em seus escritos reforçava o ego masculino com suas caricaturas e sátiras, tecendo toda sua crítica às feministas e àquelas que lutavam pelo direito das mulheres. A

⁴⁶ Tradução livre de: “With her entertaining descriptions, Linton draws readers' attention away from her fallacious either/or reasoning. To uncritical readers, it appears that a church-going lady must belong to either one of these two schools of fuss; they can never have depth. As I will demonstrate shortly, almost all of Linton's G.O.P. essays use this same strategy of treating extremes as if they were norms. Linton's authoritative voice, wit, and fast-paced arguments discourage readers from thinking carefully about her logic; instead, they become mesmerized by her dazzling verbal displays”. BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti-feminist: Eliza Lynn Linton's Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. *Victorian Literature and Culture*, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.273.

autora destaca que a marca antifeminista de Linton se manifestou efetivamente na escrita de *The girl of the period*, publicado no 1868, no qual Linton argumentava que os homens deviam sim temer o movimento das mulheres em relação aos pedidos por direitos e que deviam colocá-las de volta em seus papéis de submissão⁴⁷. Em *The girl of the period*, Linton fala abertamente contra a emancipação feminina e a independência das mulheres afirmando que elas deviam se colocar na situação de submissão do lar e da família⁴⁸. Broomfield destaca que Linton concordava com as afirmações da época de que se as mulheres se afastassem dos padrões de domesticidade elas passariam a representar um perigo para sociedade, pois:

“Afinal, as mulheres que representavam sérias ameaças para a sociedade eram aquelas com inteligência e motivação para mudar leis, instituir reformas na educação, no sufrágio e em uma série de outras áreas, e que também exigiam que os homens reformassem suas atitudes e preconceitos.”⁴⁹

Ardanaz, por sua vez, coloca algo interessante para a discussão que é a contrária opinião de Linton em relação à emancipação feminina e como durante o período em que escreveu *The Girl of the period*, em 1868, ela atacava mulheres que buscavam se emancipar, em se tornarem independentes e que estavam atrás da educação e da produção de saberes. Linton chega até a levantar que esse tipo de comportamento, vindo das mulheres, poderia ser um mal para a Inglaterra e para sociedade.⁵⁰

Ardanaz argumenta que a sociedade britânica passava pelo processo de revolução das máquinas, junto com uma intensa mudança nos espaços sociais e na mentalidade da população. Essa mudança perpassa também o universo feminino, que a autora coloca como a presença das mulheres em espaços públicos, fora da esfera doméstica, estando presentes em reuniões sociais no trabalho fora de casa como domésticas. Com isso, a

⁴⁷ BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 276.

⁴⁸ Ver BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p. 273.

⁴⁹ BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001), p.273.

⁵⁰ Ver Ardanaz, Eleonora (2009). “Los hombres le temen y con razón”: acerca de la mujer moderna en *The Girl of the Period* de Eliza Lynn Linton. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009. p.2

autora argumenta que Linton, nos anos de 1868 adiante, começa a criticar essa nova forma de se portar das mulheres oitocentistas:

O modelo vitoriano definia claramente os papéis distintos de cada um dos sexos, atribuindo esferas especiais a cada um: os homens destinados ao âmbito público e as mulheres ao privado. Tudo nelas deveria refletir sua pertença ao mundo privado: seus corpos, seus comportamentos, suas palavras. Colaborava para isso a difusão dos valores religiosos e morais evangélicos, que sustentavam a dependência das mulheres em relação aos homens e seus lugares diferenciados na sociedade. Mantendo essa ordem das coisas, poderia se consolidar um país poderoso, já que para os ingleses do século XIX o progresso não era uma questão que dependesse do Estado, mas sim que era visto como um produto da própria sociedade.⁵¹

De acordo com Ardanaz, o que Linton criticava das mulheres em seu artigo era em razão da valorização da imagem ideal da mulher inglesa, visão que descreve como:

Agora bem, quais eram essas características inestimáveis das mulheres inglesas? Segundo o modelo apresentado por Linton, elas deveriam ser, antes de tudo, modestas, generosas e confiáveis (isso último associado a certas ideias muito difundidas sobre o caráter volúvel e traiçoeiro do sexo feminino), a ponto de se sentir que se podia permitir a elas desfrutar de momentos de solidão. Agora bem, não deviam cultivar traços de independência que as levassem a ser “audaciosas nem de pensamento masculino” (Linton, 2002: 412). A passividade também era um traço essencialmente feminino: elas não tinham uma sexualidade própria desligada da procriação, mas manifestavam carência de apetites carnaais. Em outras esferas da vida, deviam ser igualmente passivas, eternas receptoras e, em raras ocasiões, emissoras.⁵²

⁵¹ Tradução livre: El modelo victoriano enmarcaba claramente los roles distintivos de cada uno de los sexos al asignarles esferas especiales a cada uno: los hombres destinados al ámbito público y las mujeres al privado. Todo en ellas debía reflejar su pertenencia al mundo de lo privado: sus cuerpos, sus comportamientos, sus palabras. Colaboraba para ello la difusión de los valores religiosos y morales evangélicos, que sostenían la dependencia de las mujeres con respecto a los hombres y sus lugares diferenciados en la sociedad. Manteniendo este orden de cosas se podía consolidar un país poderoso, ya que para los ingleses del siglo XIX el progreso no era una cuestión que dependiese del Estado sino más bien se creía que era producto de la sociedad misma. *Ibidem*. 2009, p.8.

⁵² Tradução livre: Ahora bien, ¿Cuáles eran estas características invalorable de las mujeres inglesas? Según el modelo presentado por Linton ellas debían ser ante todo modestas, generosas y confiables (esto último asociado a ciertas ideas muy difundidas del carácter veleidoso y traicionero del sexo femenino), al punto tal de sentirse que se le podía permitir disfrutar de unos momentos de soledad. Ahora bien, no debía cultivar rasgos de independencia que la llevaran a ser “audaz ni de pensamiento masculino” (Linton, 2002: 412). La pasividad era también un rasgo esencial femenino: ellas no tenían una sexualidad propia desligada de la procreación, sino que manifestaban carencia de apetitos carnales. En otros órdenes de la vida debía ser igualmente pasiva, eterna receptora y, en escasas ocasiones, emisora - Ardanaz, Eleonora (2009). “Los hombres le temen y con razón”: acerca de la mujer moderna en *The Girl of the Period* de Eliza Lynn Linton. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche. 2009. p.9.

Tal qual faz em “O destino de Madame Cabanel”, ao exaltar e inocentar Fanny e vilanizar a francesa Adèle por seu caráter desviante do “anjo do lar”. Broomfield destaca como Linton defende, em *The girl of the period*, uma inferioridade feminina perante a figura masculina, mostrando que, de certa maneira, enxergava a figura da mulher como cognitivamente e fisicamente abaixo da do homem. Tal discurso, segundo ela, vendia e era fortemente difundido na sociedade oitocentista:

Linton é particularmente eficaz quando elogia a moça “ideal” por agir como amiga do marido - não como rival ou igual. Ao fazer isso, ela reforça o preconceito de que as mulheres não são incapazes biológica ou mentalmente de competir com os homens, mas que, ao tentar superá-los, elas destroem a distinção fundamental entre os sexos, estabelecida pelo homem de Deus.⁵³

Inegável que muito desse olhar de Linton e da sociedade oitocentista se articulava com aspectos das ideologias imperialistas e vitorianas da Inglaterra do século XIX. Contudo, os sujeitos são compostos também de contradições. E com Elyza Linton não foi diferente. Isso porque em sua vida pessoal ela foi uma mulher emancipada, que recebia um salário até digno por seus trabalhos, independente, divorciada e que vivia sua vida aos moldes que desejava, sem controle por parte de uma figura masculina, até onde se sabe. Por outro lado, em alguns de seus textos, ela recomendou e defendeu o oposto para suas leitoras, aconselhando uma vida para as mulheres muito diferente da sua própria. Por essa razão, Broomfield destaca em seu artigo que, muito mais que uma antifeminista, Linton sabia tirar proveito da situação a seu favor se tornando uma jornalista conhecida e popular por saber se adaptar as demandas populares.

A partir dessa interpretação, diante de todas as mudanças pelas quais a sua carreira passou, o que mais se evidencia de toda a trajetória de Linton é a conveniência que tais escritas antifeministas traziam para sua carreira, tendo em conta seu público e a sociedade na qual ela estava inserida e para qual ela escrevia. Suas tentativas anteriores, muitas delas fracassadas, e até mesmo as oportunidades de mercado que apareceram no decorrer de sua trajetória, teceram essa persona que Linton se tornou. Talvez para ela tenha se mostrado mais fácil se acomodar ao perfil de um público mais conservador, do que ir

⁵³ Tradução livre: “Linton is particularly effective when she praises the “ideal” girl for acting as her husband’s friend - not his rival or equal. By doing so, she reinforces the prejudice that women are not unfit biologically or mentally to compete with men, but that by attempting to outdo them, they destroy the fundamental, God-man-dated distinction between the sexes”. - BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti-feminist: Eliza Lynn Linton’s Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. *Victorian Literature and Culture*, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.277.

contra um sistema e acabar sem emprego e sem carreira em uma sociedade estruturalmente construída para barrar mulheres de pautar um caminho de independência e liberdade, enquanto mantinham os homens em lugar poder e acesso.

Linton se tornou então uma renomada jornalista porque soube explorar essa base social a partir de uma análise dos seus fracassos e de uma reflexão de quem consumia e “financiava” suas ideias antifeministas. Broomfield coloca que, de certa maneira, a escrita de Linton, ao se tornar tão fervorosamente mudada, abriu portas para que diversas outras mulheres ocupassem as páginas dos periódicos e mais mulheres estivessem dispostas a debater o assunto dos direitos das mulheres e colocá-los em evidência, coisa que já foi observado que não era comum no período. A autora afirma que

Em vez de ser categorizada simplesmente como uma antifeminista virulenta e depois ser discutida apenas sob essa perspectiva, Linton também deveria ser lembrada por ajudar a estabelecer precedentes em comentários sociais que perduram até hoje - precedentes que influenciam jornalistas e especialistas que têm como objetivo incitar e perpetuar o debate público.⁵⁴

Sendo assim, Linton torna-se uma figura relevante e ativa na sociedade tendo em conta todas as suas contribuições com seus trabalhos, abrindo espaço nas páginas de jornais para mulheres escritoras. Como destacado, sua contribuição nos jornais e na literatura abriram espaço para se entender os pensamentos antifeministas da época e até se criar oposição diante da sua escrita. Por esta razão, estudar Linton, de alguma forma, se enquadra em também estudar femininas experiências de mulheres no XIX, tendo em vista a pessoa que ela era e o trabalho que executava, como seu comportamento dentro e fora dos jornais.

“O destino de Madame Cabanel” – Um olhar sobre as experiências de mulheres

⁵⁴ Tradução livre: “Rather than being categorized simply as a virulent antifeminist and then only discussed from this perspective, Linton should also be remembered for helping to establish precedents in social commentary that have endured until now - precedents that influence journalists and pundits who make it their business to incite and perpetuate public debate”. BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti-feminist: Eliza Lynn Linotn’s Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. Victorian Literature and Culture, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.281.

Analisada a trajetória de Linton como escritora e jornalista, é importante tentar compreender um pouco mais das referências literárias, culturais e até mesmo religiosas para refletir sobre alguns de seus trabalhos, tais como o conto “O destino de Madame Cabanel”, publicado no ano 1873. Destaca-se, por exemplo, a questão da crença da autora no ocultismo e nos traços sobrenaturais que rondam a persona de Linton. Bilston, em seu artigo “Conflict and Ambiguity in Victorian Women’s Writing: Eliza Lynn Linton and the possibilities of Agnosticism”⁵⁵ analisa aspectos da espiritualidade de Linton, os seus ciclos de relacionamento e como estes influenciavam e compartilhavam entre si as suas crenças. A autora aborda uma personalidade de Linton voltada a práticas sobrenaturais e destaca fortemente essa veia agnóstica da escritora, cercada por algo que Bilston chama de “crença no inexplicável”⁵⁶. Sustentando esse agnosticismo de Linton, ela deixa claro em seus argumentos que a inglesa se inclinava às manifestações do que não se podia explicar, refletindo essa persona em suas obras, principalmente em “O destino de madame Cabanel”, objeto de análise deste trabalho.

O que usualmente se destaca nos trabalhos de Linton são seus ataques ao direito das mulheres, seu antifeminismo e seus escritos voltados para sátiras do dia-a-dia. Mas em sua escrita Linton também denunciava sempre violências sofridas por mulheres, como podemos observar na morte de Fanny no conto “O destino de madame Cabanel”. Em outros trabalhos como *Witch Stories*, publicado em 1861, Bilston destaca que o sobrenatural não era o foco da autora, por mais que o nome desse a entender que sim. Segundo ela, eram os aspectos da violência e da tortura que davam àquela história o tom amedrontador:

Vale a pena notar primeiro, no entanto, que ao longo das flutuações de Linton entre crença e ceticismo sobre o oculto, um interesse permaneceu constante: impulsos selvagens, violentos e atávicos recebem expressão regular em seu trabalho, seja centrado em seres sobrenaturais ou mortais⁵⁷

⁵⁵ BILSTON, Sarah J. Conflict and Ambiguity in Victorian Women's Writing: Eliza Lynn Linton and the Possibilities of Agnosticism *Tulsa Studies in Women's Literature* Vol. 23, No. 2 (Fall, 2004). Doi: <https://doi.org/10.2307/20455191>

⁵⁶ *Ibidem*, 2004, pp. 283-31.

⁵⁷ It is worth noting first, however, that throughout Linton's fluctuations between belief in and skepticism about the occult, one interest remained constant: savage, violent, atavistic impulses receive regular expression in her work, whether centered around supernatural or mortal beings. - Tradução livre de - *Ibidem*. 2004, p. 186

Com isso, Bilston destaca que Linton sempre teve uma veia voltada, de certa maneira, ao sobrenatural e aos aspectos que rondavam a questão da violência e da condição desfavorável das mulheres no XIX. Mesmo sendo antifeminista e tendo todos os seus escritos contra o direito das mulheres, como a privação à emancipação, as críticas forma de agir e de se portar, e a alfabetização das mulheres, Linton ainda assim abordava em seus textos a questão da violência sofrida pelos corpos femininos, os perigos e limitações que essas mulheres passavam, destacando a insegurança social na qual constantemente elas viviam. Encontrar tal posicionamento nos contos de uma antifeminista é interessante e incomum e, por essa razão, a figura de Linton se tornou tão contraditória.

Nesse percurso de Linton, chegamos ao ano de 1873, quando a autora publicou seu conto intitulado “O destino de madame Cabanel”. Neste conto ela irá explorar a história de Fanny, uma órfã bela e jovem que se casa com um homem mais velho e mais rico, Jules Cabanel, influente Juiz de paz de um pequeno vilarejo no interior. O cerne da história está no fato de que a jovem é acusada de ser uma vampira pela população do vilarejo onde ela vai morar com o marido. A história é narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente, que assume certo tom crítico na história. Descrevendo a população como simplória e supersticiosa, presa a questões sobrenaturais, o narrador nos guia pela narrativa contrapondo aquela sociedade tão avessa aos avanços da ciência e da razão. Na história, após um incidente mal interpretado pela governanta da casa, Adèle, a jovem Fanny é linchada publicamente e assassinada por um grupo de revoltosos que buscam fazer justiça com as próprias mãos com a justificativa de defender a cidade daquela mulher suspeita de ser uma vampira. O enredo da história, além do assassinato de uma jovem inocente, fruto de uma acusação feita por uma população conservadora e supersticiosa, explora ainda outras temáticas, tais como às ameaças que rondam à experiência da mulher naquele mundo, sempre vistas como possíveis alvos do julgamento público. Se impulsos selvagens e violentos são temas caros à Linton, como defendeu Bilston sobre as *Witch Stories*, a história de Fanny, cercada por uma população furiosa, violenta e que age motivada por crenças e medos, não deixa de ser um ponto a ser observado nessas que parece apenas mais uma das muitas histórias de terror que circularam no século XIX. Em meio à uma população conduzida por superstições, estava uma mulher que apanhou até a morte e foi arrastada pelas ruas de um vilarejo.

Outro elemento importante na história de Cabanel são as referências a histórias sobre vampiros. Linton, com seu conto, se juntaria a uma série de outras produções já escritas sobre este mesmo tema. Uma diferença essencial dessa história, contudo, está no fato de seu narrador inocentar a protagonista, Madame Cabanel, acusada de ser uma suposta vampira. Diferente de outros escritores contemporâneos como Le Fanu, que então acabara de publicar o seu famoso *Carmilla* (1872), no qual a protagonista era de fato uma vampira, Linton decidira trilhar outros caminhos e colocar no vértice do conto o fato de uma mulher ter morrido por uma acusação injusta. Embora Linton repita parte da tradição desse tipo de literatura, caracterizando sua protagonista com a pele pálida, lábios muito vermelhos, entre outros aspectos que remetiam ao comportamento do vampiro clássico, alimentando o imaginário de seu leitor, Fanny, sua protagonista, quebra as expectativas e, ao final, não é um ser sobrenatural.

Em um trecho da obra, o coveiro local, que “ tinha a reputação de ser o homem mais sábio da região”⁵⁸, aponta essas características na personagem, colocando-as como as principais pistas para acusar a jovem de ser uma vampira. O narrador, que desdenha de tais superstições, diz que o coveiro estava baseado nas cartas e em seu conhecimento sobre o místico e as crenças comuns de vampiros para tecer tais acusações. O trecho aponta:

“ – Aqueles lábios vermelhos não são à toa, madame Adèle – disse Martin, movendo a cabeça. – Observe-os, eles brilham como sangue! Eu disse isso desde o início, e as cartas disseram o mesmo. Eu tirei “sangue” e “mulher bela e má” na noite em que o senhora trouxe para casa, e eu disse para mim mesmo: “Ha, ha, Martin! Estás na pista certa, rapaz, na pista certa, Martin!” e, madame Adèle, eu nunca mudei de ideia. *Broucolaque!* É isso o que as cartas dizem, madame Adèle. Vampira! Olhe e veja, olhe e veja, e verá que as cartas dizem a verdade.”⁵⁹

Essas características de Fanny, apontadas pelo coveiro, junto aos grandes olhos azuis e sua maneira de agir diante dos ataques dos aldeões à sua pessoa, são elementos que Linton coloca na narrativa a fim de que seu leitor possa entender a estranheza que se sente com a persona de madame Cabanel. Em contraposição aos aldeões, Linton destaca, ao mesmo tempo, elementos que indicam sua inocência aos olhos de quem lê a história.

⁵⁸ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 2021.p.251

⁵⁹ *Ibidem*. 2021, p.255.

Para o leitor, essa estranheza não se concretiza e Fanny, ao final, parece apenas uma jovem normal, embora estrangeira àquela comunidade para a qual migrara após o seu casamento.

Ainda sobre os aldeões e sua ignorância, podemos perceber o desprezo do narrador por estas figuras quando os descreve em comparação a Cabanel. Colocando-os como pessoas “de pele curtida, malnutridos, baixos e esqueléticos como eram, não conseguiam compreender as formas roliças, a estatura alta e a aparência viçosa daquela inglesa”⁶⁰. A narrativa evidencia a discrepância presente entre essas personagens, deixando mais óbvio para o leitor o motivo da inocência de Fanny e como as crenças e superstições se tornam tão opostas à razão, culminando na violência e na morte. As questões com a estranheza e o comportamento diferente de Fanny eram as únicas causas pelas quais a população do vilarejo passou a suspeitar dela, acusando-a de ser uma vampira. Segundo o narrador, “a sensação negativa que causou à primeira vista se aprofundou quando constataram, que, embora ela fosse pontualmente à missa, desconhecia o missal, e se sentava meio de lado. *La beauté du diable*, na fê!”, diziam as pessoas.⁶¹

Apesar de se tratar de uma história de vampiro, a autora não usa a ideia literal do que seria um, tal como haviam feito alguns outros autores contemporâneos. Vale lembrar também as histórias de vampiro contadas por escritores como Le Fanu e John Polidori tinha, ao final, um vampiro de fato. Linton, seguindo caminho diverso, cria uma narrativa que, embora faça referência a vampiros, está muito mais focada na ideia dos perigos da superstição em si, uma vez que ela pode levar a situações extremas, como a morte de uma mulher inocente. Por meio de um narrador crítico, a história mostra a maneira como os julgamentos e apontamentos da sociedade sobre o corpo feminino levam a atos não pensados, movidos apenas crenças, insistentemente por um olhar de suspeição sobre a mulher e por convicções não sustentadas pela razão. O narrador do conto exemplifica perfeitamente como essa falta de razão e o descompasso daquela comunidade com a modernidade levava a situações perigosas e extremas. Ao caracterizá-los como atrasados e dizendo que naquela vila “o progresso não havia invadido e a ciência ainda não iluminava a pequena aldeia de Pieuvrot, na Bretanha”, ele constatava tratar-se de um

⁶⁰ *Ibidem*.2021. p.251

⁶¹ *Ibidem*.2021. p. 251.

“povo simples, ignorante e supersticioso que vivia ali, e os luxos da civilização eram tão esparsos quanto seu conhecimento”.⁶²

Dessa maneira, tanto a construção do cenário quanto o destaque dado àquela sociedade tão supersticiosa, cujas referências estavam, entre outras, nas histórias conhecidas do vampiro do XIX, ajudam a construir para o leitor o palco onde se dará toda a tragédia. A história se desdobra para evidenciar o que a superstição e a crença no sobrenatural sem apoio da razão poderia fazer com uma sociedade. Esse posicionamento na narrativa de Linton carrega, de certa forma, um pensamento muito influenciado pelo advento da ciência e da valorização da razão que se desdobrou no século XVIII e XIX. Por isso Bilston argumenta que, “na verdade, o texto posiciona-se explicitamente como mais um discurso aos crédulos sobre os perigos da superstição (e também como um aviso contra as estadias na França rural, que Linton classifica como um anacronismo medieval desenfreado)”.⁶³

A autora levanta que é possível observar a inclinação de Linton às “forças inexplicáveis” não sendo totalmente cética, mas agnóstica. Na narrativa “O destino de madame Cabanel”, Linton motiva a existência de algo “inexplicado”, assim ela sugere que poderes sobrenaturais são direcionados a fenômenos inexplicáveis.⁶⁴ Mas a autora ainda destaca a maneira como os humanos, na narrativa de Linton, possuem por si só potencial para causar o caos, independente das forças sobrenaturais. Carregada de simbolismos, a narrativa que Linton entrega neste conto está repleta de superstição, de uma aura mística, uma crença no sobrenatural, ao mesmo tempo em que o narrador do conto encaminha o leitor para um pensamento mais voltado ao racional, mesmo cercado de simbologias e com uma ambientação diversa. Em um jogo de sentidos, é interessante notar que, ao mesmo tempo em que o narrador constrói a razão no texto, a autora também

⁶² LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: **Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX** / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1ª.ed. - São Paulo: Jangada, 2021. p.249

⁶³ Tradução livre: “Indeed, the text explicitly positions itself as yet another address to the credulous about the dangers of superstition (and also as a warning against sojourns in rural France, which Linton casts as a rampant medieval anachronism)”.BILSTON, Sarah J. Conflict and Ambiguity in Victorian Women's Writing: Eliza Lynn Linton and the Possibilities of AgnosticismTulsa Studies in Women's Literature , Fall, 2004, Vol. 23, No. 2 (Fall, 2004), p. 188.

⁶⁴ The tale's agenda is therefore agnostic in character: while resisting Christian conceptions of God and the devil, Linton's narrator accepts the existence of an unknown; indeed, she hints that mysterious powers direct unexplained phenomena. - BILSTON, Sarah J. Conflict and Ambiguity in Victorian Women's Writing: Eliza Lynn Linton and the Possibilities of Agnosticism. Tulsa Studies in Women's Literature, 2004, Vol. 23, No. 2, p. 188.

insere elementos, como a chegada de Fanny e o presente dado para ela pela governanta Adèle, que caracterizam sutis detalhes dessa natureza “inexplicada” e desse ar sobrenatural que envolve o conto. No trecho.

“Estranhas flores para uma noiva”, disse para si mesma a pequena Jeannette, a pastora de gansos, que, às vezes, vinha até a residência para ajudar, ao ver os heliotrópios⁶⁵ – conhecidos, na França, como *la fleur des veuves* – papoulas escarlates⁶⁶, um ramo de beladona⁶⁷, outro de acônito⁶⁸ – que mal serviam, como até a ignorante Jeannette dissera, como flores de boas-vindas depois de um casamento.⁶⁹

À primeira vista, parecem simples nomes de flores, mas que a autora teve o cuidado de escolhê-las com significados que no desenvolver da história o leitor consegue compreender e fazer ligações capazes de notar que, nos simples detalhes, Linton construiu seus personagens e os horrores que os cercava de maneira que conseguissem ir além de um simples ceticismo. Mostrando seus conhecimentos e repertório sobre histórias de vampiros, bem como sobre determinados assuntos folclóricos e místicos, ela ainda conduz sua história para um outro caminho. Mas não só a mística, mas o significado comum por trás das flores denuncia ainda a paixão que Adèle, a empregada da casa, ainda sentia por Monsieur Cabanel, seu amante até a chegada de Fanny, bem como o suposto pai de seu filho. Para a narrativa, esse fato constitui um palco importante para os acontecimentos que se sucederam. Isso porque a relação de Adèle com Monsieur, por mais que se colocasse como subentendida, era vista pela população como algo que todos sabiam, mas que ninguém comentava, indicando apenas mais um caso de relações carnavais entre uma empregada e seu patrão às escondidas. No trecho se destaca:

Até os cinquenta, ainda era o solteirão cobiçado da região, porém, até agora, resistira a todas as investidas amorosas, e manteve intacta sua liberdade e solteirice. Talvez sua bela empregada, Adèle, tivesse algo a ver com seu persistente celibato. Diziam que ela teria a primazia sobre as outras na taberna *La Veuve Prieur*, mas ninguém se atrevia a dar-lhe essa sugestão. Era uma mulher orgulhosa e reservada, e tinha noções tão estranhas quanto à sua dignidade, que ninguém se incomodava em discutir com ela. Portanto, não

⁶⁵ Significa trópico solar, se volta para o sol. Na linguagem das flores, pode significar “eu te amo”, sentimento puro e incondicional.

⁶⁶ Significado de vitalidade associado ao sono.

⁶⁷ Às vezes significa morte ou elegância, mais conhecida como a flor da viúva.

⁶⁸ Pode significar aversão ao ser humano.

⁶⁹ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1ª.ed. - São Paulo: Jangada, 2021, pp.250-251.

importam as maledicências que corriam secretamente pela aldeia, nem ela, nem seu senhörtinham conhecimento disso.⁷⁰

Por essa razão, não se estranha o descontentamento da empregada com a chegada de Fanny ao vilarejo como esposa de Monsieur. Seu descontentamento extravasa o âmbito doméstico e chega até a população. Diferente dos moradores locais, ou ainda apenas estrangeira, Fanny provoca estranheza e levanta comentários e preconceitos com cultura diferentes, modos diferentes de ser:

“Madame Cabanel era estrangeira e inglesa; jovem, bonita e loura como um anjo. “*La beauté du diable*”, disseramos moradores de Pieuvrot, em tom de zombaria e revolta, pois as palavras vinham carregadas de um significado maior do que o costumeiro. Baixos e esqueléticos como eram, não conseguiam compreender as formas roliças, a estatura alta e a aparência viçosa daquela inglesa. Contrário à experiência, era mais provável que ela fosse má do que boa. A sensação negativa que causou à primeira vista se aprofundou quando constataram, que, embora ela fosse pontualmente à missa, desconhecia o missal, e se sentava meio de lado. *La beauté du diable*, na fê!”⁷¹

No trecho, o narrador destaca as diferenças entre os cidadãos do vilarejo e Cabanel, mostrando que aquela população desgostava da moça pelo simples fato de ela ser diferente e as acusações supersticiosas e não fundamentadas se destacam na fala do coveiro que desdenha da moça quando fala: “ – Puff! – disse Martin Briolic, o velho coveiro do pequeno cemitério. – Com aqueles lábios vermelhos, bochechas rosadas e ombros carnudos, parece uma vampira, como se sugasse sangue”⁷², tudo isso sem ao menos conhecer a moça. Analisando o enredo proposto no conto “O destino de Madame Cabanel” podemos perceber que Linton, por mais que recusasse em sua vida elementos do misticismo, utilizava-se deles em sua narrativa como um artifício para desenvolver outros argumentos, centrando a história em toda uma onda de violência provocada pela superstição. Tal como muitas bruxas no passado, Fanny foi acusada, julgada e condenada rapidamente à morte, sem direito à voz ou defesa. Embora pareça apenas mais uma das muitas histórias de horror escrita no século XIX, o conto escrito por Linton pode conter vestígios interessantes para analisar como a autora pensou a condição feminina para além de seu texto célebre *The Girl of the Period* (1868), como veremos no capítulo a seguir.

⁷⁰ *Ibidem*. 2021. p.250

⁷¹ *Ibidem*. 2021. p.251

⁷² *Ibidem*. 2021. p.251.

Assim, sua escrita, se torna imprescindível para estudar como uma jornalista e literata pensou nas experiências de mulheres ao longo da história a partir de uma história de horror, feita, à primeira vista, apenas para agradar o grande público com entretenimento literário. Entender sua história e sua trajetória é analisar seu caminho e compreender como a maior “antifeminista” do século XIX falou sobre mulheres em outros de seus escritos. Concluimos que ela talvez não estivesse tão distante das outras pensadoras na medida em que também enxergava as bases de dominação masculina, do patriarcado nas estruturas de sociedade que insistentemente vitimava mulheres. Por isso, se tornar a grande jornalista que se tornou e usar do seu poder de satirizar e ironizar as suas histórias talvez tenha sido a maneira que Linton encontrou para deixar pistas de sua opinião sobre a maneira como as mulheres estavam sendo tratadas naquela sociedade.

Capítulo II: - Imperialismo e condição feminina em “O destino de Madame Cabanel”

Quando no ano de 1873 a escritora britânica Eliza Lynn Linton decidiu se aventurar na escrita de histórias de horror e publicar seu emblemático conto “O destino de madame Cabanel” o mundo enfrentava um novo momento e estava caminhando para uma nova era que se estenderia de 1875 até o início da primeira guerra mundial em 1914, a chamada “Era dos Impérios”, como denominou Eric Hobsbawm⁷³. Apesar de propriamente ser anterior a esse fenômeno, o conto de Linton carrega consigo características que nos permitem vislumbrar a construção da figura imperialista da Inglaterra e o modo como foi se construindo a imagem de superioridade do país em relação aos outros, principalmente em relação aos que então passariam a ser colonizados pelos europeus. Produzido em meio a um pensamento marcado pelo advento da ciência como fonte absoluta de verdade e de um capitalismo exacerbado, baseado no lucro e na conquista, esse conto carrega consigo elementos que dialogam com esse contexto. Isso porque, segundo Hobsbawm, não há dúvidas de que a palavra “imperialismo” passou a fazer parte do vocabulário político e jornalístico nos anos de 1890 e no decorrer das discussões sobre a conquista colonial⁷⁴.

Sendo um período histórico marcado pelo advento da ciência e da expansão territorial por parte das grandes potências mundiais, o século XIX traz consigo fortemente a questão do comércio, das trocas e da máxima produção. Eric Hobsbawm, em sua obra *Era dos impérios*, assim compreendeu o movimento que os países, em sua maioria capitalistas, estavam fazendo no período de 1875 a 1914, algo que, segundo ele, era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os “avançados” dominariam os “atrasados”.⁷⁵ Países como a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, EUA e Japão estavam entre os principais responsáveis por transformar o mundo e dividir as nações com terminologias como “avançados” e “atrasados”. Com essa divisão territorial, que colocava os países

⁷³ HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos impérios*. tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

⁷⁴ *Idem*, p.92.

⁷⁵ *Ibidem*, 1998, p.87.

subalternos na posição de dominados ante os países chamados “imperialistas”, esse momento na história do globo é marcado por fortes disputas.

Para falar do conceito de imperialismo, Hobsbawm explora mais do que meramente o fato de serem países governados por potências europeias que exploravam territórios, matérias-primas e mão de obra barata. Ele destaca que o que se entendia por “império” deveria ser analisado por outras instâncias, como, por exemplo:

O cerne da análise leninista (que se baseava abertamente em vários autores da época, tanto marxianos como não marxianos) era que as raízes econômicas do novo imperialismo residiam numa nova etapa específica de capitalismo que, entre outras coisas, levava à “divisão territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas”, configurando um conjunto de colônias formais e informais e de esfera de influência”.⁷⁶

Nesse momento, o avanço bélico era iminente e o estímulo de conflitos militares por domínio de território se fazia presente em eventos como as Guerras do Ópio na China, as Guerras Bôeres na África do Sul e a própria Partilha da África ocorrida entre as potências europeias no Conferência de Berlim, ocorrida entre 1884 e 1885. As motivações para a expansão imperialista eram variadas e incluíam o desejo por recursos naturais, mercados para produtos manufaturados, prestígio nacional e, em alguns casos, missões civilizatórias então defendidas pelos europeus como ações para “educar” ou “civilizar” povos considerados “primitivos”, como ocorreu por toda África e alguns países da Ásia.

Ao falar das performances femininas dentro do conto “O destino de Madame Cabanel”, é importante destacar que a história narrada no conto se passa numa Inglaterra Vitoriana, considerada naquele momento a maior potência mundial. Uma Inglaterra que se encontrava dentro dessas bases imperialistas e de mundo em transformação. O que nos interessa aqui é entender como essa experiência na Inglaterra imperial, da qual Linton fazia parte, inspirou sua imaginação literária. Sendo inglesa e tendo passado maior parte da sua vida morando em Londres e trabalhando como jornalista, Linton desde cedo viveu conviveu com a consolidação do nacionalismo exacerbado, muito característico da Era dos impérios. Com o pensamento marcado por esse nacionalismo, muitos autores em suas obras deixaram transparecer esse pensamento de superioridade em relação ao estilo de vida inglês, especificadamente o da capital Londres e suas obras deixaram pistas dessa

⁷⁶ *Ibidem.* 1998, p.93

visão imperialista de supremacia. Não foi diferente com o caso de Linton, em “O destino de madame Cabanel”, em que o narrador do conto apresentará a pequena aldeia de Pieuvrot, na Bretanha, como o lugar em que “o progresso não havia invadido e a ciência ainda não iluminara”.⁷⁷ Na história, o vilarejo fictício no interior da Inglaterra, onde se passa a narrativa, é caracterizado pelo atraso em relação a grande metrópole, Londres, de certa forma contribuindo com essa imagem imperialista de divisão entre os povos “atrasados ” e “avançados”. Esse nacionalismo de Linton, que se manifesta no conto, poderia ser uma particularidade da autora pelo tempo que morou na França durante seu casamento. Contudo, com uma análise mais detalhada sobre a escrita inglesa da época, pode-se inferir que, de maneira geral, isso não era uma característica de Linton, mas sim um lugar comum, uma ideia recorrente na sociedade inglesa. Pamela Gilbert destaca que “[...] a “real” ou “verdadeira” identidade inglesa foi construída como ativa, saudável e especialmente masculina, em oposição a contagiosa estrangeira (não-inglesa) identidade delimitada como “passiva, febril e feminina”.⁷⁸ A ideia de superioridade da Inglaterra destacada então se manifesta no masculino e na oposição a países estrangeiros, sendo ela a maior potência imperial e a imagem de supremacia a ser seguida e respeitada.

Essas ideias, como já destacado e fundamentado nas palavras de Ana-Gratiela Gal, perpassa os escritos vitorianos tanto de autores homens quanto de autoras mulheres, que manifestaram, por meio de seus trabalhos, sua cultura e um certo entendimento do século XIX. Dessa forma, analisando os escritos de Linton, e até mesmo de outros autores, pode-se identificar alguns vestígios da ideologia. Percebe-se então, traços de uma “moral” imperialista que Gal destaca:

“A mercantilização da literatura levou a um declínio evidente na qualidade e como era o trabalho das escritoras “sensacionais” que eram favorecidas pelo público leitor, o ato de escrever e se entregar a esse tipo de ficção foi colocado como um perigo imediato a saúde e bem-estar do corpo inglês (individual,

⁷⁷ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 2021, p.249

⁷⁸ Tradução livre do original: “[...] the “true” or “real” English identity was construed as “active”, “healthy” and especially “masculine”, as opposed to contagious “foreign” (non-English) identities, delineated as “passive, fevered, or feminine [my italic]”- GAL, Ana-Gratiela. “Masquerading from the Periphery: Literary and Visual Representations of Performative Vampiric Corporeality in the Anglo-American Gothic Tradition, 1816 - 2013. University of Memphis. 2013. Electronic Theses and Dissertations. 792., p.47 *apud* Pamela Gilbert, *Disease, Desire, and the Body in Victorian Women’s Popular Novels* (New York: Cambridge University Press, 1997), p. 2.

nacional e imperial), por meio de seu potencial para sabotar o ideal burguês vitoriano e propagar um código moral duvidoso.”⁷⁹

Ou seja, escrever sobre questões que fossem divergentes da exaltação preservação da moral e dos costumes ingleses podia ser considerado um tanto como uma escrita desviante e, assim, passível de julgamentos e apontamentos por parte dos contemporâneos. Para a autora, reproduzir os valores ingleses em suas obras poderia significar ganhar críticas masculinas positivas, bem como alcançar aprovação e aclamação. Gal destaca que várias escritoras valorizavam essa aprovação e aclamação não apenas para ganhar mais dinheiro com o público masculino (aquele que geralmente ocupava majoritariamente as editoras, redações de jornais e revistas especializadas), mas também para validar o status de dominação dos homens.⁸⁰ Uma vez que essa parecia a única saída para se manter no mercado.

Por essa razão, não se estranha que Linton, sendo ativa dentro de sua profissão e na sua escrita, tenha se deparado com esses valores, talvez alguns por ela compartilhados, para tirar proveito da situação, como vemos na questão de seu antifeminismo, que tanto ajudou a consolidar sua carreira e perpetuar sua escrita nesses moldes, atendendo o bem estar do império britânico e o público de moldes masculinos, como colocam as autoras Gilbert e Gal. Em “O destino de madame Cabanel” podemos observar mais de perto essa escritora, Linton, em seus matizes mais nacionalistas e imperialistas.

Construindo um universo místico, voltado para o folclore e o agnosticismo, Linton apresenta a seus leitores um conto com reflexões acerca do cotidiano feminino, das relações de poder na sociedade oitocentista, versando, entre outras, sobre as diferentes experiências femininas dentro dessas escalas de poder. A partir de uma história de horror, que resgata temáticas do vampirismo, a autora pensa nas lutas enfrentadas pelas mulheres na sociedade oitocentista, expondo situações e questões que envolviam o ser mulher naquele mundo, marcado pelo culto da domesticidade, conceito principal explorado nesse

⁷⁹Tradução livre de: “The commoditization of literature led on an evident decline in quality and because it was teh “sensational” female writes’ work that was favored by the reading public, the act of writing and indulging this type of fiction was posited as an immediate jeopardy to the health and well-being of the English body (individual, national and imperial), through its potential to sabotage the Victorian bourgeois ideal and to propagate a dubious moral code.” - *ibidem*. 2013. p.48

⁸⁰ Tradução livre de: “Consequently, in order to gain male critics’ acclaim and approval, numerous woman writes wielded their pens not only to capitalize on the major gender anxieties of the nineteenth century but also maintain and validate the status if male dominion.” - *Ibidem*. 2013.p.48.

capítulo, e a imagem canonizada da mulher como “anjo do lar”. No conto investigado nesta monografia, Linton analisa, por meio de seu narrador crítico e observador, os males que a superstição e a crença cega no sobrenatural podem causar, em especial às mulheres. Na história, destaca-se um ponto importante para esse debate, que é a ideia de um período no qual se valorizava muito a razão e o advento do pensamento científico, em detrimento da superstição ou do tradicionalismo. Dessa maneira, somos convidados a refletir sobre o que teria a história contada por ela a nos dizer sobre femininas experiências de mulheres no século do imperialismo, da ciência e do progresso. O que o XIX deixa escapar nas páginas escritas pela antifeminista mais conhecida do período, quando então se discutiam tópicos como casamento, domesticidade, superstição e imperialismo?

A dócil rainha do lar: o casamento e o não lugar da mulher

Entende-se que o período vitoriano foi marcado por todas as mudanças e transformações que a sociedade então passava, tais como o avanço do capitalismo, a instauração das grandes indústrias, o ritmo acelerado das fábricas e jornadas extensivas de trabalho, junto à emergência das grandes potências mundiais, carregando consigo sintomas de ansiedade e insegurança com o futuro fossem recorrentes nas sociedades que participavam desse processo. Com o mercado de trabalho direcionando a vida das pessoas, com o ritmo acelerado que a vida no XIX começa a ter, os sintomas de medo e angústia passaram a fazer parte do cotidiano dos cidadãos do período. Esses sintomas impactavam as dinâmicas sociais, as relações de trabalho, as relações conjugais e até mesmo a mentalidade dos próprios indivíduos, mas principalmente nas relações estabelecidas entre homens e mulheres. A experiência de viver em grandes centros urbanos, acelerados pelo ritmo de trabalho e pelo avanço tecnológico, ou ainda pelo aumento das desigualdades sociais, certamente imprimiu nova feição às relações sociais.

A literatura de horror, então criada nesse momento, carrega em suas histórias algumas dessas inquietações e ansiedades, deixando vestígios nas páginas de contos e romances a insatisfação e os “males” da sociedade oitocentista. Lainister Esteves Oliveira, por exemplo, destaca que a ficção fantástica, surgida ainda no século anterior ao descrito até aqui, quando também ocorriam mudanças significativas nas formas de viver dos países europeus, pode ser entendida um “fenômeno literário” que aparece:

[...] como uma força sinistra e maravilhosa, surgida quase como efeito colateral do pensamento iluminista, o outro lado do espelho de uma sociedade cética, contramão do esforço de superação da obscuridade. As paisagens do romance *noir* que reafirmam os mistérios da natureza dariam voz ao silêncio dos corações e aos segredos das mentes, em uma época em que os discursos buscavam dar conta de territórios inexplorados para iluminar uma escuridão reinventada nas cores do romantismo. No jogo que propõe a ausência de regras como paradigma, a busca de uma representação íntegra do homem significará também a aproximação definitiva da literatura com o mal.⁸¹

Entende-se, assim, que os romances góticos, surgidos em meado do século XVIII, e que se consolidam no século XIX, desfrutavam dessa ideia de que as narrativas ficcionais se transformavam em algo massivamente consumido, principalmente na Inglaterra vitoriana, uma vez que atraíam as pessoas com as temáticas que dialogavam com seus anseios. Segundo Oliveira:

A proliferação de histórias sinistras é parte fundamental da ressignificação do maravilhoso, que ao perder espaço como elemento de percepção da realidade, se redefine nos hábitos de leitura. O discurso ficcional passa a difundir os medos de um mundo imaginário refeito como “fenômeno de biblioteca”.⁸²

Autores como John William Polidori, Mary Sherley, Anne Radcliffe e Eliza Lynn Linton exploraram esses temores. Seguindo a tradição de produzir uma literatura que mobilizava medos e anseios, Linton se torna uma fonte importante para pensar das experiências femininas no século XIX, uma vez que sua narrativa explicita algumas das inquietações que ser mulher trazia naquele momento, principalmente sobre o prisma da antifeminista e jornalista reconhecida pelo seu trabalho em oposição aos direitos femininos reivindicados na época. Com uma narrativa que valida o casamento como salvação para a vida de uma mulher e com a morte da personagem principal pela mão de revoltosos que não acreditavam na sua palavra e nos fatos postos diante deles, ela põe em cena as disputas entre a figura do “anjo do lar”, papel que se esperava das esposas, e a transformação de uma personagem feminina que destoa da imagem da mulher inglesa perfeita, fazendo dela rapidamente uma vilã. Linton, em seu conto, traz vários pontos

⁸¹ ESTEVES, Lainister de Oliveira. *Literatura nas sombras: usos do horror na ficção brasileira do século XIX*, 250 f.: il.; 30 cm. Orientador: Andrea Daher Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2014, p.8.

⁸² *Ibidem*, 2016, p.8.

sobre essa ansiedade no que se refere aos papéis determinados para as mulheres e mostra, através de uma história de horror, os medos e os perigos enfrentados pelas mulheres.

Evander Ruthieri S. da Silva, por sua vez, ao tratar do feminino na literatura de horror, mostra como a ficção nos ajuda a pensar a condição das mulheres sob os olhares da sociedade oitocentista. O autor destaca que

A consolidação de movimentos favoráveis aos direitos civis das mulheres e a Questão da Mulher, dividiu opiniões ao desafiar as figurações tradicionais do casamento, do trabalho e da família. Estes debates alcançaram a imprensa popular, a arte e a literatura, que prontamente projetaram representações favoráveis ou estereótipos contrários às transformações ao *fin-de siècle*, muitos dos quais com base em uma tradição intelectual que atribuía à mulher o papel considerado como natural de mãe e esposa.⁸³

Ou seja, no século XIX, se tratava muito das relações e papéis das mulheres em periódicos, livros e folhetins, evidenciando que o debate sobre as questões femininas perpassava todos os ambientes. Como Silva destaca, “a imprensa periódica, em conluio com a escrita literária, fornecia importantes plataformas políticas favoráveis ou altamente críticas às novas configurações sociais para homens e mulheres no final do século XIX”.⁸⁴ Sendo assim, nas páginas dos periódicos e nos tratados médicos, por exemplo, desdobravam-se as infindáveis tentativas de explorar as minúcias do corpo feminino e demarcar as diferenças sexuais para naturalizar os papéis de homens e mulheres na sociedade oitocentista⁸⁵.

Segundo o autor, a medicina, por exemplo, se interessou muito sobre os corpos femininos e procurou explorar seus vários aspectos, tanto os biológicos quanto os morais. No século em que a ciência iluminava a sociedade e que saberes científicos ganhavam legitimidade pública, ser alvo desses estudos e dessas constatações muitas vezes poderia não ser tão benéfico para a condição da mulher. Exemplificando tal fato, Silva destaca como a ciência, em comparações e medições físicas, buscou assemelhar o crânio feminino ao crânio de estrangeiros, considerados inferiores, e até mesmo com crânio de crianças, colocando, assim, as mulheres em uma posição social desfavorável e justificada por meio da “ciência”. Segundo o autor, estudos e afirmações como essas se perpetuavam no

⁸³ SILVA, Evander Ruthieri S. da. Degeneracionismo, variação social e monstruosidade na literatura de horror de Bram Stoker (1847 - 1912) / Evander Ruthieri Saturno da Silva. Curitiba, 2016. p. 211.

⁸⁴ *Ibidem*. 2016 p.211

⁸⁵ *Ibidem*. 2016.p. 206.

imaginário da população de maneira eficaz e duradoura. Ou seja, ideias como essas acabavam integrando o imaginário moral da sociedade e saberes ditos “científicos” como esse eram usados como justificativas para colocar as mulheres em posição inferior os homens brancos. Como destacado anteriormente por Silva, à mulher eram reservados papéis domésticos, restritos ao lar, na tentativa de direcionar os comportamentos de submissão, destacando sua suposta incapacidade de se autotutelar, ou de garantir a si própria subsídios que garantissem sua sobrevivência. Nesses discursos, muitas vezes a mulher (e seus papéis sociais) ficam reféns de uma vida limitada pela maternidade, pelo matrimônio, dentro do circuito previsto pelo culto da domesticidade.

Anne McClintock, em seu livro *Couro Imperial – raça travestismo e o culto da domesticidade*, aborda o que aqui estamos denominando de “culto da domesticidade”, que se trata de um conjunto de ideologias e práticas que surgiram principalmente no século XIX na Europa e nos Estados Unidos. Esse conceito está ligado à forma como a sociedade ocidental patriarcal idealizava e estruturava as funções e papéis de gênero na vida doméstica. Ademais, o culto da domesticidade foi uma estratégia crucial para manter e justificar a dominação masculina e colonialista durante o auge do Império Britânico⁸⁶.

Voltado à ideia de uma família onde o patriarca provia o sustento da casa e às mulheres da família ficavam reservadas com as funções da manutenção do lar, a realização dos afazeres domésticos, restringindo-as a situações de condição de servidão. Esse culto glorificava a ideia da mulher como guardiã do lar e da moralidade, atribuindo-lhe responsabilidades como cuidadora dos filhos, gerente do lar e zeladora dos valores familiares. Um verdadeiro “anjo do lar”. Essa idealização da esfera doméstica como o “reino natural” da mulher servia para reforçar a supremacia masculina nos espaços públicos, já que a este eram atribuídos papéis a serem ocupados na política, nos negócios e na expansão do Império.

De acordo com McClintock, o culto da domesticidade passou a ser indispensável para a consolidação da identidade nacional britânica e no centro dele estava, por exemplo, ideias condensadas na propaganda de uma simples barra de sabão⁸⁷. Isso porque neste mundo em que se assiste o advento do consumo de massa, no qual a imagem do Império

⁸⁶ MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.218

⁸⁷ *ibidem*.2010.p.310

surge como um espetáculo da mercadoria, a propaganda passa a ser um ponto chave na disseminação desses valores e dessa prática de acúmulo de bens e de dominação dos espaços, sendo estes espaços dominados pelos homens. Assim surge, na análise da autora, a ideia de um “império do sabonete”, pois as propagandas de sabão da época valorizavam esse culto da domesticidade e disseminavam em suas campanhas de marketing a ideia da mulher como dona de casa e o homem provedor do lar. Naquele momento, todo o âmbito de comunicação se voltava para vangloriar a imagem do homem imperialista e conquistador, enquanto o culto da domesticidade assegurava que as mulheres permanecessem nas coxias, reféns da dominação. McClintock destaca:

A propaganda trouxe os signos íntimos da domesticidade (crianças no banho, homens se barbeando, mulheres em corpetes, empregadas levando o drinque da noite) para o domínio público, colando cenas de domesticidades em muros, ônibus, vitrines e quadros de anúncios. Ao mesmo tempo, levava cenas do império a cada canto do lar, imprimindo imagens da conquista colonial em caixas de são, caixas de fósforo, latas de biscoitos, garrafas de uísque, latas de chá e barras de chocolate.⁸⁸

A autora então coloca que duas coisas acontecem em tais imagens usadas pela propaganda nas últimas décadas do século XIX: as mulheres desaparecem do Império e os colonizados são feminizados por sua associação com o serviço doméstico.⁸⁹ Ou seja, os trabalhadores domésticos e os espaços de tarefas "femininas" ainda são colocados sob a responsabilidade da mulher e atrelado a sua imagem. A imagem aqui ilustrada, se trata da mulher tida como “anjo do lar”, uma mulher com uma aura doce, gentil, solícita, sempre disposta a ajudar, meiga, cuidadosa, distante da imagem da mulher que busca independência, autonomia e liberdade. O “anjo do lar” atende as necessidades de sua família, é companheira e serve seu marido, não se opondo à ideia do culto da domesticidade, aceitando suas “tarefas” e suas “obrigações” sem questionar ou buscar se equiparar a vida e as demandas masculinas.

Tal reflexão acaba perpassando a vida das mulheres e a maneira com que essas se transformam também em um signo dentro do culto da domesticidade, atribuindo-se a elas um caráter de servidão, limpeza, pureza e sensibilidade. Em oposição, está a criação da imagem do homem explorador, que sai de casa, desbrava os ambientes e que passa para

⁸⁸ *Ibidem*. 2010. p.309

⁸⁹ MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.325

a sociedade a imagem de forte e provedor. Como levantado por Evander Ruthieri S. da Silva, em seu artigo “História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em Drácula (1897), de Bram Stoker”:

A agressividade masculina e suas façanhas no campo de batalha, na indústria ou na política, por outro lado, são elementos expressivos da crença oitocentista na via do progresso, ao mesmo tempo em que o caminho para a decadência seria pavimentado pelas forças (ou pelas fraquezas) femininas.⁹⁰

Em meio a essa ideologia, vemos nascer os personagens criados por Linton no conto aqui explorado. Nas figuras masculinas da narrativa, retratadas em personagens como Jules Cabanel (o juiz de paz), o coveiro e o médico, por exemplo, nos deparamos com homens exploradores, detentores do conhecimento, seja o tradicional ou o científico, desbravadores e fortes. O narrador descreve o próprio Monsieur e suas viagens quando coloca:

A única ligação entre eles e o mundo exterior quanto à mente e o progresso era monsieur Jules Cabanel, o dono, par excellence, do lugar; maire, juge de paix, todas as funções públicas numa só pessoa. E, às vezes, ele ia a Paris, de onde voltava com muitas novidades, que suscitavam inveja, admiração ou medo, dependendo do grau de inteligência de cada um.⁹¹

Sendo assim, expressa-se o caráter de "educação" e "civilização" colocados à imagem do homem e daquele que retém mais o saber e está apto a trazer a verdade e a iluminação do conhecimento para aquelas pessoas do vilarejo. Pessoas essas que, em sua rusticidade, viam no coveiro da cidade um dos homens “mais sábios” da região:

“(...)Martin Briolic tinha a reputação de ser o homem mais sábio da região, até mais do que monsieur le curé, que era um sábio ao seu modo, que não era o mesmo do que Martin – nem monsieur Cabanel, que também era sábio ao seu modo, que não era o mesmo do que Martin, nem o curé.”⁹²

⁹⁰ Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em Drácula (1897), de Bram Stoker História Unisinos, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil. p.188

⁹¹ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 2021, p.249

⁹² *Ibidem*. 2021, p.251

Entender essa teia de dominação e essa imagem de conquista por parte dos homens em relação às mulheres se faz necessária para entender as dinâmicas de poder estabelecidas no período oitocentista e como as mulheres eram vistas e retratadas na literatura nesse momento. A alternativa para estabelecer uma vida minimamente digna para si muitas vezes se encontrava em se colocar em uma posição de aceitação em relação a esse culto da domesticidade e abrir mão muitas vezes de seus desejos e vontades para se render e estabelecer uma vida que a sociedade do período oferecia para que elas existissem.

Com isso, um dos pontos-chaves ao se debater as experiências femininas no século XIX e a relações estabelecidas entre homens e mulheres é o casamento. Silva destaca que, levando-se em consideração as personagens femininas que aparecem na obra *Drácula* de Bram Stoker e as consequências que a sociedade oitocentista revelava a elas, personagens femininas no geral encontravam-se presas a um destino apenas: se casar. Em um trecho do conto de Linton, o narrador destaca que o casamento inesperado de Fanny e Monsieur Cabanel foi algo que, de certa maneira, salvou a jovem de uma vida miserável. Ao dizer que Fanny pertencia a uma classe mais baixa, pois era pobre, órfã e governanta de uma casa, seu destino assim se cruza com Jules Cabanel trazendo o que, nas palavras do narrador:

[...] foi a melhor coisa que poderia ter feito por si mesma. Sem amar ninguém, não foi difícil ser conquistada pelo primeiro homem que demonstrou bondade numa hora de angústia e miséria; e ela aceitou seu pretendente de meia-idade, que tinha mais idade para ser seu pai do que marido, com a consciência limpa e a determinação de cumprir seu dever com alegria e fidelidade - tudo ser se fazer de mártir, ou de vítima sacrificada pela crueldade das circunstâncias.⁹³

Aqui, Linton trabalha justamente essa ideia deste casamento salvador, o qual as mulheres solteiras, miseráveis e sozinhas viam como recurso para ter uma vida melhor. Um casamento, por vezes sem amor, usado apenas como estratégia para se salvar de uma situação não favorável. Situação está que muitas mulheres do XIX encaravam. Neste período, muitas mulheres já trabalhavam e garantiam seu próprio sustento, principalmente mulheres de classes mais baixas que trabalhavam em outros espaços garantindo o sustento da casa desde muito novas. Para essas mulheres, o casamento podia assegurar uma certa ascensão social, como foi o caso de Fanny, mas em muitos dos casos, era colocado de

⁹³ *Ibidem*, 2021, p.252-253.

uma maneira mais livre para que fizessem sua escolha baseada em suas próprias decisões e não necessariamente pensando nas necessidades de sobrevivência. Já a elite social e as mulheres de classe média, que tinham privilégios maiores e que as asseguravam financeiramente para que não precisassem trabalhar, em muitos casos encontravam no casamento uma forma de manter esses privilégios ou até mesmo ascender socialmente. Em um ambiente onde as lutas das chamadas *New Woman*⁹⁴ cresciam e as mulheres de classe média agora passavam a ler e escrever com um pouco mais frequência, entendendo um pouco mais de seus direitos e garantindo para si um espaço na sociedade, o casamento passou a ser questionado como a única alternativa para as mulheres. No entanto, a sociedade oitocentista vendo esse desvio do seu culto da domesticidade e de seus padrões, garantia formas de manter a imagem da construção da família como uma prioridade e uma necessidade na vida das mulheres, disseminando a ideia de que ao negar esse lado da vida feminina, elas perderiam suas principais virtudes, fazendo com que o casamento e a maternidade fossem representados como algo essencial, ou quase um dogma na vida das mulheres.

Ou seja, uma mulher que não seguia os seus supostos “instintos maternos” ou sua feição de “anjo do lar”, que não se interessava pelas tarefas domésticas, como previam os discursos e olhares oitocentistas, que não atendia às vontades de seu marido e se dedicaram a aprender a ler e escrever, eram tidas como estranhas e malvistas naquele período. Silva expressa então que o casamento, elemento que promovia as chamadas “virtudes femininas” no ideário de Bram Stoker, as protegia também da ameaça degeneradora do vampiro. Na narrativa de *Drácula* está posta uma linha de tensão entre a mulher supostamente segura no lar, em seu culto à domesticidade, e a emergência da *New Woman*, propondo novos papéis. Esse temor, segundo Silva, aparece reafirmado tanto na escrita literária quanto nos embates científicos⁹⁵.

⁹⁴ “As “novas mulheres”, celebradas e criticadas nas páginas da imprensa periódica e na literatura, representavam figuras sexualmente independentes, que criticavam a insistência social de que o casamento era a única opção de realização na vida para a mulher. As “novas mulheres” almejavam a formação universitária e despertaram reações hostis e temores dos setores conservadores da sociedade vitoriana finissecular, pois pareciam desafiar a supremacia masculina no campo das artes, nas profissões liberais e até mesmo no lar. Por um lado, jornalistas atacavam as mulheres emancipadas com seu humor mordaz e as descreviam como figuras associadas à insurreição política.” - SILVA, Evander Ruthieri S. da. Degeneracionismo, variação social e monstruosidade na literatura de horror de Bram Stoker (1847 - 1912) / Evander Ruthieri Saturno da Silva. Curitiba, 2016, p. 209.

⁹⁵ Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em *Drácula* (1897), de Bram Stoker História Unisinos, vol. 19,

Consequentemente, quando o narrador do conto destaca que Fanny, uma órfã que se tornou governanta, muito jovem e muito pobre, cujos patrões brigaram com ela e a abandonaram em Paris, sozinha e quase sem dinheiro (...), encontrou sua segurança ao se casar⁹⁶, percebe-se a presença dos traços citados anteriormente da necessidade do matrimônio para a sobrevivência na sociedade no passo que a jovem necessitava, mais do que dinheiro e abrigo, de alguém que garantisse a ela segurança e uma vida melhor do que sozinha ela conseguiu se garantir com as poucas oportunidades que apareciam. O narrador destaca a maneira rápida e inesperada na maneira com que acontece o casamento repentino de Jules Cabanel, que havia sido solteiro durante anos e nunca apareceu como uma pretendente. Essa rápida e inesperada união, contudo, só acabou servindo como mais um elemento para comprovar para o vilarejo de Pieuvrot que Fanny era uma vampira e que ela havia seduzido o Monsieur. Interessante notar, contudo, que Fanny, embora próxima da domesticidade esperada das mulheres, ainda assim não escapará da morte e da violência. Fanny se tornará alvo de desconfiança desde o primeiro momento de sua chegada ao vilarejo. Estrangeira e de condição social diferente, ela desperta rapidamente o incômodo dos moradores da região. O narrador do conto aponta essa questão como algo importante, pois esse olhar inicial, de alguma forma, acabou selando o destino de Madame Cabanel. Na narrativa se destaca que Madame Cabanel era estrangeira e inglesa, jovem, bonita e loura como um anjo. “*La beauté du diable*”, disseram os moradores de Pierrot, em tom de zombaria e revolta, pois as palavras vinham carregadas de um significado maior do que o costumeiro.⁹⁷ A princípio, a imagem passada por Fanny é de uma inglesa padrão. Não tendo muitas questões que a fizessem ser alvo de tantas críticas para qualquer pessoa que a olhasse. Mas para mentalidade rústica e descrita pelo narrador como atrasada daquela população, aquela mulher levantava alvo de suspeita por seus costumes diferentes e por não ser malnutrida e esquelética como eles. Suas diferenças foram sua sentença de morte.

Podemos pensar que Linton, sendo uma figura controversa, conhecida então por seu autodeclarado antifeminismo, explicitado em suas diversas manifestações contra o

núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil, p.189

⁹⁶*Ibidem*, 2021, p.252

⁹⁷ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1ª.ed. - São Paulo: Jangada, 2021, p.251

direito das mulheres ao longo de sua carreira, principalmente no período em que publica “O destino de madame Cabanel”, ao escrever seu conto revela, contudo, questões bastante interessantes sobre a condição feminina no século XIX. Na história de Madame Cabanel, a autora acaba colocando em debate o fato de que ser uma mulher naquele momento era estar em constante sob vigilância e perigo, uma vez que qualquer comportamento considerado “desviante” que viessem a ter as colocava imediatamente como alvo da condenação pública. Passíveis de julgamento, que as podia levar, inclusive, ao linchamento público e a até mesmo à morte. Ou seja, as mulheres que surgem no conto não parecem estar tão seguras no casamento, mas claramente estão ameaçadas e fragilizadas com a violência sempre à espreita. O terror parecia não estar somente em criaturas sobrenaturais, como tradicionalmente aparecia em outras histórias de horror, mas na sociedade e no jeito como a mulher era tratada. Se a própria medicina considerava as “novas mulheres” – que apenas por pensar, se expressar ou mostrar um comportamento eram tidas por “mulheres selvagens”, ansiosas por equiparar suas vidas àquelas dos homens, como argumentou Silva –⁹⁸, nessa ideologia não sobrava espaço para elas para serem nada além do que dóceis rainhas do lar ou enfrentar a fúria da sociedade em troca de sua independência e pequena liberdade.

A construção da vampira de Linton e a condição da mulher em sua obra

Elisa Lynn Linton vai trazer em seu conto uma personagem que é supostamente uma vampira, ao menos no olhar da vila que recebe Fanny após o seu casamento com Cabanel. No nosso imaginário, quando falamos de uma vampira mulher, logo nos deparamos com algumas referências clássicas, entre elas Carmilla, personagem do conto de mesmo nome, escrito por Le Fanu no ano de 1872, surgido apenas um ano antes da história criada por Linton. A imagem desta vampira ficou gravada no universo literário pela sua inteligência, manipulação e por ser muito astuta, sabendo utilizar da sedução como uma arma para atrair suas vítimas. Diferente de madame Cabanel, que é colocada pelo narrador do conto como uma mulher doce, gentil, quase inocente, que não percebe os ataques que a população direcionava a ela, e que, por isso, estava mais perto da figura

⁹⁸Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em Drácula (1897), de Bram Stoker História Unisinos, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193. Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil, p.189.

do “anjo do lar”, em “Carmilla”, a figura feminina central segue outros caminhos. Nesse conto, diferente da história contada por Linton, a protagonista era de fato uma vampira e o destino reservado a ela foi o mesmo que o de Fanny. Isso porque Carmilla também foi morta, agora sob a justificativa de que essa era a única maneira dela não cometer mais os crimes que vinha praticando contra as jovens da aldeia na qual aparece após um “acidente” com sua carruagem.

Inicialmente publicada na revista *Dark Blue magazine*, dividido em três partes que foram simultaneamente entregues ao público de dezembro de 1871 a março de 1872⁹⁹, a história de Carmilla começa quando ela é deixada aos cuidados do pai da jovem Laura após um acidente de carruagem que acontece na entrada da propriedade da família. Carmilla, com seu espírito livre e boas intenções, logo conquista a confiança e a amizade da jovem Laura, que se encanta com a amiga e não percebe que a jovem na verdade é uma vampira. Na narrativa, Laura afirma se lembrar de Carmilla quando a moça faz uma visita em seu quarto na sua infância, mas enganada pela vampira, Laura acredita que é o destino caminhando para que as duas fossem amigas. Com a amizade se tornando obsessão por parte de Carmilla e Laura misteriosamente adoecendo, assim como as jovens das redondezas, a desconfiança que paira sobre Carmilla se confirma, e esta é considerada culpada quando a família recebe a visita do pai de uma amiga de Laura que morreu após abrigar Carmilla em sua casa. Assim, a verdade sobre a vilã vem à tona e ela é morta pelo assassinada pelo pai da jovem que morreu, comprovando-se que, de fato, ela era uma vampira.

Escrito pelo irlandês Le Fanu¹⁰⁰, o conto “Carmilla” é considerado uma das obras precursoras do gênero do vampiro no século XIX e marcou o gênero do gótico, principalmente por estar muito atrelado as questões LGBTQIAP+ ao falar da sexualidade das personagens principais e do possível romance que se pode interpretar na narrativa. Além dessa fama, “Carmilla” também é muito conhecido por geralmente se atrelar à sua protagonista o conceito de *Femme Fatale*. Ou seja, uma mulher que, no olhar

⁹⁹ Ver MAIA, Marília Milhomem Moscoso. Vampirism and lesbianism in Carmilla by Joseph Sheridan Le Fanu. *European Journal of Literature, Language and Linguistics Studies*. Volume 3.2020. p.38

¹⁰⁰ Joseph Sheridan Le Fanu foi um autor irlandês do século XIX, bastante conhecido por suas histórias de horror, mistério e sobrenatural. Ele nasceu em 1814 e morreu em 1873. É considerado um dos mestres da literatura gótica vitoriana e uma das influências mais importantes para autores como Bram Stoker (de Drácula) e M.R. James. - Ver MAIA, Marília Milhomem Moscoso. Vampirism and lesbianism in Carmilla by Joseph Sheridan Le Fanu. *European Journal of Literature, Language and Linguistics Studies*. Volume 3.2020.

oitocentista, usa de jogos de sedução e manipulação para conseguir o que quer e que tem uma sexualidade em evidência, atrelada à sua personalidade. Morena alta, de longos cabelos negros, seios fartos e lábios carnudos, vermelhos como sangue e sempre com um estereótipo de sedução, Carmilla carrega também em sua história o fato de que suas vítimas são sempre mulheres. Personagem imaginada por um autor homem, Le Fanu, Carmilla trilhou caminhos muito diferentes de Fanny. Sua sexualidade é tema da narrativa o tempo todo, sua autonomia e perspicácia também. Vejamos como essa personagem surge no conto. Laura descreve que, ao sair da carruagem, Carmilla aparentava não ter vida. Mas depois de ter passado o “susto” com a carruagem, Laura vê a interação com Carmilla como:

Seu sorriso havia suavizado. O que quer que eu tenha estranhado nele sumira, e suas bochechas com covinhas eram agora encantadoramente belas e inteligentes. Sentia-me reconfortada e continuei na linha da hospitalidade inicial, deserdando-as boas-vindas e dizendo o quão prazerosa sua chegada acidental foi a todos nós, e especialmente, quão feliz fora para mim. Peguei sua mão enquanto falava. Eu estava tímida, como são as pessoas solitárias, mas a situação em deixou eloquente, até mesmo corajosa. Ela apertou minha mão, colocou sua mão sobre a minha, e seus olhos brilharam, enquanto, olhando diretamente para os meus olhos, sorriu novamente.¹⁰¹

Essa interação entre Laura e Carmilla, minuciosamente descrita na história de Le Fanu, envolta em um primeiro encontro mais romântico do que propriamente amistoso, se torna algo que Marília Milhomem Moscoso Maia, em seu artigo “Vampirism and lesbianism in Carmilla by Joseph Sheridan Le Fanu”, conclui que Carmilla é a personagem que tira Laura da inocência da criança e passa a enxergar questões do feminino como amor, desejo e até sua sexualidade. “Carmilla” então é uma narrativa que ameaça os homens presentes no romance por quebrarem com o culto da domesticidade e os bons costumes das moças. A história é vista, ao menos por autores como Maia, como um risco para o patriarcado e para a mentalidade dos homens do XIX. Um comportamento desviante. Maia então coloca:

Para os personagens masculinos presentes na narrativa de Le Fanu, o vampiro personifica a transgressão, a anormalidade e a capacidade de, talvez, dominar e devorar esses mesmos homens. Essa vampira femme fatale, demoníaca e perigosa, é uma fora da lei, uma ameaça ao patriarcado e à masculinidade dos personagens masculinos presentes na narrativa de Le Fanu. Carmilla é um monstro cujas práticas precisam ser interrompidas e proibidas. Seu fim precisa ser um

¹⁰¹ FANU, Joseph Sheridan Le. Carmilla: a vampira de Karnstein; traduzido por Giovana Mattoso. – Cotia: Pandorga, 2021 p.41

"exemplo" e seu apetite e desejo sexual banidos pelos homens (pai de Laura e general Spielsdorf) em defesa de suas filhas e família. O vampiro deve ser eliminado por cometer atos proibidos e por quebrar o clique da vida, ou seja, ser um morto-vivo. Ele ataca a ordem social estabelecida e as estruturas de poder, autoridade e hierarquia¹⁰².

Maia ainda vai tratar de como a sociedade do XIX exaltava a imagem da mulher inocente e modesta. Ela vai falar de como os romances escritos na época vão embasar esse pensamento da sociedade vitoriana e como o molde para esse pensamento passa a estar nas publicações de autores. Ela vai abordar “Carmilla”, e vai trazer questões que envolvem essa ideia desviante da imagem do vampiro. Assim ela diz:

A mulher no período dos romances, representava modelos (mãe, filha, virgem pura e mulher-demônio) e frequentemente internalizava essas representações por acreditar que eram verdadeiras. Isso era essencial para a sustentação de um legado patriarcal, pois a mulher vivia subjugada a um sistema em que era minoria. Os romances dessa época eram verdadeiros guias de moralidade e bons costumes femininos, pois as escritoras descreviam como as mulheres deveriam se comportar e demonstrar certas qualidades (inocência, modéstia e recato).¹⁰³

Um ano depois da publicação de “Carmilla”, Linton, da mesma forma que Le Fanu, decidiu falar sobre o universo de mulheres vampiras. A proximidade de datas de publicação e o sucesso do conto de Le Fanu deixam fortes pistas de que é verossímil imaginar que a história de 1872 de alguma forma estava no horizonte de referências de Linton. Em “O Destino de Madame Cabanel”, a autora descreve Fanny, que será tida como suspeita de ser uma vampira, como uma mulher loira, de estatura mediana, gorducha e com a pele clara. Das poucas semelhanças com aquela que era alta, morena e magra, criada por Le Fanu, a personagem de Linton carregava algumas reminiscências da

¹⁰² Tradução livre de: For the male characters present in Le Fanu's narrative, the vampire embodies transgression, abnormality and the ability to perhaps dominate and devour these same men. This femme fatale vampire, demonic and dangerous is an outlaw, a threat to patriarchy and the masculinity of male characters existing in Le Fanu's narrative. Carmilla is a monster whose practices need to be interrupted and forbidden. His end needs to be an "example" and his appetite and sexual desire banned by mens (Laura's father and general Spielsdorf) in defense of his daughters and family. The vampire must be eliminated for committing prohibited acts and by breaking the click of life, that is, being a undead. It attacks the established social order and the structures of power, authority and hierarchy. MAIA, Marília Milhomem Moscoso. Vampirism and lesbianism in Carmilla by Joseph Sheridan Le Fanu. *European Journal of Literature , Language and Linguistics Studies*. Volume 3.2020. p.43

¹⁰³ Tradução livre de: The woman in the Romantic period represented models (mother, daughter, pure virgin and demon woman) and often they internalized these representations because they believed they were true. This was essential for the support of a patriarchal legacy, because the woman lived subjugated to a system where they were minorities. The novels of this era were true bookcases of morality and good feminine customs, because the writers described how hard women should behave and demonstrate certain qualities (innocence, modesty and modesty). *Ibidem*.2020. p.40

tal *femme fatale*, uma vez que é descrita tendo também lábios carnudos e muito vermelhos, além de sua palidez. A comparação entre essas duas personagens aparece na criação da imagem vampiresca, mas as semelhanças com Carmilla se esgotam nessas pequenas características. A semelhança entre Cabanel e Laura, no entanto, chamam mais atenção do leitor do que entre as duas supostas vampiras. Laura, descrita no conto “Carmilla” como uma jovem doce e inocente, não consegue enxergar o mal e a ameaça representada pela vampira. Fanny, a madame Cabanel, também é descrita da mesma forma e não entende os insultos que o vilarejo e a própria Adèle direcionam a ela, sendo assim envolta em uma aura de bondade. A construção das personagens valoriza as virtudes do império de mulheres feitas para servir e serem atenciosas e puras, a imagem perfeita do império.

Assim, com uma personagem mais livre, independente, quase aventureira, Le Fanu constrói Carmilla podendo ser definida como diferente dos padrões sociais da época, uma vez que se arrisca em vários cenários do conto, se desviando da conduta padrão esperada das mulheres no XIX. Ele traz o que Maia coloca como o que a literatura gótica faz ao retratar a figura do vampiro, a representação dos desejos, das paixões e das vontades dos indivíduos. Sendo Carmilla a representação do que se desvia da sociedade vitoriana e dos bons costumes. Já Laura, personagem que contracenava com Carmilla no conto, assim como Fanny, na obra de Linton, é uma garota moldada a partir da imagem da mulher “ideal” do Império. Criadas para o lar, para o culto da domesticidade e quase intocáveis de tão angelicais e inocentes, tais mulheres (e meninas) são colocadas em situações de risco quando confrontadas com o convívio com personagens que destoam desses modelos. No caso de Laura, é Carmilla que vem trazer o risco para a jovem almejando o assassinato do belo anjo do lar e marca a transição de Laura de menina para mulher. Maia explica tal questão ao colocar que:

Carmilla será uma entidade que marcará a transição de Laura da adolescência para a vida adulta. Esse processo de recordação de eventos fará com que a personagem não seja mais a mesma. Antes de conhecer a vampira, Laura vivia sob a proteção do pai, das babás e da educadora, Mademoiselle De Lafontaine. Há um envolvimento físico e emocional entre as duas personagens femininas. Sheridan Le Fanu sustenta uma percepção do lesbianismo no livro retratado como algo torturante e codificado em um sistema duplo de significações binárias opostas, como prazer/desprazer; amor/ódio; alegria/raiva e proibido/desejável.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Tradução livre de: Carmilla will be an entity that will mark Laura's transition from adolescence to adult. This process of remembering events will make the character no longer the same. Before meeting the

A criação da imagem do vampiro em *Carmilla* vem para mostrar esse lado desviante da condição da mulher, muito usada posteriormente também por Bram Stoker em *Drácula*. A alegoria do vampiro que vem para desviar as jovens das suas virtudes. Maia destaca *Carmilla* como um objeto de transgressão e essa aura de romance que se cria entre a personagem e a Laura mostram como esse comportamento é duplo e desviante, pois aproxima Laura do mal ao mesmo tempo que ela desfruta dos prazeres de descobrir na amizade de *Carmilla* novos sentimentos, como destaca a autora. É importante principalmente salientar que relacionamentos homoafetivos não eram bem-vistos na sociedade vigente e que esse comportamento das jovens é evidenciado na escrita como um mal, pois é ele que dá a vilania de *Carmilla*, seu ar de sedução e conquista.

Já na história de Linton, Adèle, a empregada e amante do senhor Cabanel, diferente de *Carmilla*, é colocada como vilã na história, pois ela estava diretamente envolvida nas acusações que seriam levantadas sobre Fanny. Ou seja, ela é uma vilã, mas por motivos opostos aos da personagem criada por Le Fanu. Movida pelo ciúme e pelo medo de ter seu lugar perdido na casa do patrão, com o qual inclusive tem um filho, Adèle, uma mulher também pobre, se põe, desde o início, abertamente contra a jovem. Podendo ser considerada desviante da imagem da mulher do império, por ter relações extraconjugais com seu patrão, ter um filho fora de seu casamento, e por ser extremamente crente em superstições ao invés de se apoiar na ciência, ela não deixa de ser um contraponto com Fanny. *Carmilla*, por sua vez, com seu apelo sexual, e sua manipulação, se torna vilã no que se trata de enfeitiçar Laura em seus jogos de sedução e na sua articulação para degenerar a garota e, assim, assassiná-la. Duas mulheres que não se enquadram no que as propagandas e morais do império ditavam, mesmo que representadas de formas diferentes e por razões divergentes.

Muito mais do que a aparência das personagens e as vítimas que elas fazem pelo caminho, sendo que Fanny, ao final da narrativa, sequer possuía vítimas, nos mostra uma visão masculina sobre o corpo de uma mulher e a maneira com que Le Fanu descreve as

vampire, Laura lived under the protection of her father, her nannies and her educator Mademoiselle De Lafontaine. There is a physical and emotional involvement between the two female characters. Sheridan Le Fanu sustains a perception of lesbianism in the book depicted in something torturant and codified in a double system of opposite binary significations such as pleasure/displeasure; love/hatred; joy/rage and forbidden/desirable. – *Ibidem*. 2020. p.41-42

suas personagens a partir de estereótipos femininos. Tanto a maneira como Carmilla quanto Laura são descritas deixam pistas sobre a visão de um autor homem, que reproduz valores os olhares de época sobre mulheres. Linton, por sua vez, também segue, de uma forma geral esses padrões e modelos, mas, por outro lado, coloca em cena duas mulheres que estão sob condições de fragilidades e vulnerabilidades impostas: a pobreza, a orfandade, a condição de empregada doméstica frente a um patrão que não reconhece seu filho, o casamento sem amor com um homem mais velho, ou ainda a desconfiança violenta, tacaña e supersticiosa que mira na estrangeira um olhar ameaçador.

A construção da personagem Carmilla é feita para provocar no leitor medo, ainda que seduzido por sua figura. A imagem da *Femme Fatale*, já antes concretizada pela vampira Clarimonde, de Théophile Gautier (*A morte amorosa*, 1836), surge para provocar tal efeito¹⁰⁵. No conto “Carmilla” se comprova o fato de a jovem ser uma vampira. A obra termina com a aniquilação daquele mal, daquela figura que seduz e mata jovens inocentes com sua beleza e com seu charme irreverente. Em Cabanel, uma jovem é acusada injustamente de ser algo que não era e é morta por uma população descontrolada. Nas duas histórias o que causa medo e horror parece estar em lugares diferentes. No conto de Le Fanu o que parece causar medo, além do fato de ser ela uma vampira que suga, como uma doença, as energias da jovem Laura, pode ser interpretado como medo do desvio da moral que Carmilla representava para Laura, a perda de sua inocência e dos seus traços da infância se tornando uma mulher e deixando de lado a submissão e, principalmente no desejo sexual que esse espaço de descobrimento significava para a menina que estava se tornando uma mulher. Essa construção da narrativa de “Carmilla” mostra como um homem pensava os horrores das mulheres e sua visão do mesmo sobre como o imperialismo, o patriarcado e a sociedade pensavam sobre o medo feminino. O que podemos comprovar, é que este se trata mais um medo da sociedade em si, do que propriamente um retrato do medo das mulheres. Já no conto de Linton talvez um dos medos mais destacados seja o do que hoje denominamos “feminicídio”, o falso julgamento, as atrocidades que são cometidas contra a jovem em nome de desconfianças que só se sustentavam na superstição e não na razão. Sendo assim, mais próximo dos reais

¹⁰⁵ Publicado no ano de 1836 (37 anos antes de Cabanel e 36 anos antes de *Carmilla*), uma obra ficcional do poeta Théophile Gautier vai tratar de uma vampira que se apaixona por um padre no dia de sua ordenação. O romance vai acompanhar a paixão de ambos, tida como profana pelas bases que ela constroi, sem fronteiras entre realidade e sonho, dia e noite e, até mesmo, entre vida e morte. MARTINS, Ludimila Rolim; MORAES, Keyze Cristine. UM CONTO FANTÁSTICO: “LA MORTE AMOUREUSE”, DE THÉOPHILE GAUTIER. Academia.ufu.

temores das mulheres e dialogando mais próximo dos anseios femininos, mesmo com sua narrativa tendo traços imperialistas e nacionalistas em sua escrita.

A história narrada por Linton retrata uma jovem inglesa, de classe social baixa, vivendo na grande metrópole e como ela acaba não sobrevivendo ao se casar e ir rumo a lugares mais provincianos. Há uma mudança em seu convívio, uma nova vida que tem que enfrentar e logo de cara a autora destaca a diferença que Fanny tem em relação aos demais moradores. As diferenças entre essas duas personagens, Adèle e Fanny, é outro ponto que merece destaque, na medida em que é levantada pelo narrador ao longo de toda a história. No conto, não parece haver uma intenção clara de mostrá-las como rivais, mas a evidenciar situações e sucessão de fatos que levariam Adèle a desconfianças severas sobre Fanny. Nas entrelinhas nunca desaparece do horizonte que, para Adèle, a chegada de uma esposa, estrangeira, podia colocar em risco sua situação na casa do senhor Cabanel. A precariedade da condição da empregada está posta na narrativa.

Adèle, descrita como uma mulher de hábitos severos, muito centrada em suas obrigações e totalmente voltada às suas responsabilidades, é construída pela autora como uma personagem que vai contra o jeito espirituoso de Fanny, que era doce e compassiva. Descrita pelo narrador como *La Veuve Prieur*¹⁰⁶, Adèle era uma mulher orgulhosa e reservada, tinha noções tão estranhas quanto à sua dignidade, que ninguém se incomodava em discutir com ela.¹⁰⁷ Diferente de Fanny, uma jovem com um espírito doce, compassivo, de certa maneira beirando a inocência, incapaz de se atentar às atrocidades que a aldeia proferia a ela. O narrador a descreve como uma criatura calma e carinhosa e, ao falar sobre a sua relação conturbada com Adèle, destaca esse traço da personalidade de Fanny colocando: “Mas madame aceitou a altiva discrição e a postura desafiadora de Adèle com uma doçura indescritível, de fato, ela ficou satisfeita por tantos problemas terem sido tirados de suas mãos, e por Adèle ter assumido tão gentilmente as tarefas”.¹⁰⁸ As interações entre a governanta e a recém denominada patroa se tornam complicadas, principalmente no que se trata de Fanny estar sempre disposta, com seu espírito doce e acolhedor, a tentar aproximações da rude e severa Adèle, que sempre recusava as ajudas

¹⁰⁶ Tradução livre: A Viúva Prior

¹⁰⁷ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 2021. p.251

¹⁰⁸ *Ibidem*. 2021. p.253

da jovem por temer que a mesma fizesse algo contra o patrão ou contra seu filho. Mas Adèle também temia ainda as consequências que a chegada dessa nova mulher podia significar em sua vida. Ela temia tanto por seu espaço social quanto o de seu filho ilegítimo. Tais fatos já bastariam para justificar a antipatia de Adèle em relação a Fanny, mas junto ao misticismo que a autora coloca na trama e a crença no sobrenatural, pareciam sobrar motivos para que Adèle não suportasse as interações com a jovem inglesa e desprezasse Fanny de todas as maneiras. Assim ela tenta impedir, no que estava ao seu alcance, as tentativas de Fanny de conquistar espaços dentro da casa ou, na cabeça da personagem, fazer mal a algum membro da família. Em um trecho da obra, Fanny se habilita a fazer um ensopado para o marido doente, o que é instantaneamente recusado por Adèle:

E, certa vez, quando Fanny se preocupou com o marido, e quis lhe preparar uma xícara de caldo de carne à l'Anglaise o médico a encarou como se estivesse vendo através dela; e Adèle entornou a panela, dizendo, num tom insolente, com os olhos cheios de lágrimas: “Assim não é rápido o suficiente, madame? Mais devagar, a não ser que me mate primeiro!”¹⁰⁹

Ao citar o costume que a aldeia tinha de frequentar o missal, o narrador levanta como Cabanel não seguia os padrões esperados colocando que, embora ela fosse pontualmente à missa, desconhecia o missal, e se sentava de lado. Lá *beauté di diable*, na fé!¹¹⁰ Assim, é criada sobre ela uma imagem clara de aversão desde a primeira interação com os demais personagens da trama. Muito se dá pela sua aparência, diferente da dos demais ali, mas também por seus costumes e pela sua forma de agir. O narrador pontua essa diferença entre Fanny e os moradores quando diz:

Seus lábios ficaram mais vermelhos, as bochechas mais rosadas, os ombros mais carnudos do que nunca, mas enquanto ela resplandecia, a saúde da pequena aldeia definhava, e nem o aldeão mais antigo tinha memória de um tempo com tantas doenças e mortes. O senhor também sofreu um pouco; o pequeno Adolphe, adoeceu inesperadamente. Essa falta de saúde generalizada em aldeias próximas a terrenos pantanosos não é incomum na França, ou na Inglaterra, nem a constante e lamentável mortalidade das crianças francesas, mas Adèle tratava do assunto como fato excepcional e, quebrando seus hábitos lacônicos, disse a todos o que queria dizer, enfaticamente, sobre a estranha doença que se abateu sobre Pieuvrot e a Mansão Cabanel, e como ela acreditava que fosse algo além de incomum; e quanto a seu pequeno

¹⁰⁹ *Ibidem*. 2021. p.260

¹¹⁰ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1ª.ed. - São Paulo: Jangada, 2021. p..251

sobrinho, ela não podia dizer, nem encontrar um remédio para a estranha doença que o afligia.¹¹¹

Adolphe é filho de Adèle e Mousieur Jules Cabanel na relação extraconjugal que tiveram, mas que na narrativa é inicialmente é colocado como apenas filho de Adèle e uma espécie de sobrinho do patrão. Por esta razão, Adèle a todo custo fica na posição de defendê-lo de Fanny, afastando-o da suposta vampira e não deixando que ela se aproximasse na criança de maneira alguma. Isso poderia ser um simples caso de xenofobia, já que Fanny vem da Inglaterra para o pequeno vilarejo, ou um estranhamento com algo novo, tendo em contas os diferentes costumes da moça, como caminhadas que ela fazia pelo cemitério que o narrador descreve a atitude da jovem justificando:

O único lugar realmente bonito em Pieuvrot era o cemitério. Em contraste, havia uma floresta sombria, grandiosa em seu modo misterioso; e havia uma larga planície onde se podia passear durante um longo dia de verão sem chegar até o fim, mas dificilmente esses seriam lugares aonde uma moça gostaria de ir sozinha e, de resto, havia os pequenos campos cultivados semeados pelos camponeses, onde faziam suas pobres e miseráveis colheitas. Então, madame Cabanel, que, pela indolência a que se entregou, tinha como hábito caminhar e tomar ar fresco, assombrada com aquele pequeno cemitério. Ela não possuía qualquer sentimento por ele. Não conhecia, nem se importava com nenhum dos mortos que jaziam ali nos estreitos caixões, mas gostava de olhar os belos canteiros de flores, as guirlandas de *immortelles* e coisas parecidas; também a distância de sua própria casa era bastante para ela, com uma boa vista da planície até o cinturão escuro de floresta e das montanhas além.¹¹²

Com a crença supersticiosa e acreditando mais nas cartas que o coveiro jogava e em mitos de vampiros do que na verdade posta diante de seus olhos, a narrativa de Linton mostra uma forte defesa do saber científico ao denunciar os males da crença sem embasamento no místico e no sobrenatural. Tratando os cidadãos de vilarejo como ignorantes e supersticiosos, ela destaca uma característica muito forte do imperialismo que é a crença no progresso e na ciência, bem como na superioridade inglesa.

A pergunta que emerge depois desta análise é saber do que se sente medo no conto “O destino de madame Cabanel”. Quem deveria sentir medo na sociedade em que impõem sobre as mulheres suspeitas constantes e situações que as coloca em estado de alerta e perigo constantemente? Em uma sociedade tomada pela barbárie, pela exclusão e

¹¹¹ *Ibidem*.2021.p.256.

¹¹² *Ibidem*.2021.p.256

até pelo linchamento, vale se questionar o que se deve temer e o que realmente é capaz de assustar. É a partir desse ponto, que o narrador inocenta Fanny Cabanel, pois traz ao leitor a reflexão de até que ponto aquela ameaça que os moradores do vilarejo julgavam ser de fato era uma ameaça? Ou ainda: quem ameaçava quem? No final, o vilarejo, e sua violência, foram a grande ameaça de fato. A descrição de Carmilla e de madame Cabanel, ambas com seus lábios volumosos e vermelhos, que inicialmente tratamos, pode parecer algo sem significado, mas como destacado por Silva, essas características, além de muito comuns em vampiros e vampiras, marca a sexualização sobre esses corpos, evidenciando o desejo e o uso da sedução contra as suas vítimas, fraqueza dos homens, para cair em sua presa. Silva destaca:

Afinal, com seus “belos olhos”, “aparência amorosa e boca voluptuosa prestes a beijar”, a sedução feminina é uma ameaça, pois no ideário de Bram Stoker “o homem é fraco...” (Stoker, 1994, p. 439), tal qual alerta Abraham Van Helsing ao encontrar as vampiras. Homens fracos e homens loucos permeiam o romance de Stoker em sintonia com um temor diante dos efeitos da degenerescência, até porque o sangue, elemento almejado pelas monstrosidades em Drácula, é fortemente associado pela medicina oitocentista a doenças sexualmente transmissíveis, a exemplo da sífilis.¹¹³

Em *Carmilla*, vamos acompanhar a trajetória de uma *Femme Fatale* fazendo sua última vítima e tendo um fim trágico, encerrando o mal que causava na região. Sendo um romance atualmente considerado pelo público geral como LGBTQIAP+, Carmilla passa a assumir um diferente tom na reflexão que trazemos aqui, e sua relação com Laura ao ser melhor explorada, mostra que as investidas de Carmilla, por mais que fossem disfarçadas por essa personalidade inocente de Laura, para um leitor atento, não deixa de aparecer que de certa maneira a garota retribuiu sua afeição a Carmilla pelo modo de descrevê-la, de sentir falta da companhia da suposta amiga e de se aproximar cada vez mais dessa mulher sedutora e imponente. Na história, Carmilla é morta pelo pai de uma de suas vítimas, que era uma amiga próxima de Laura. A morte da vilã, é colocada pela narradora do conto, Laura, como algo triste, mas que era necessário, já que Carmilla é condenada e culpada pelo responsável pelos assassinatos que aconteciam na região. No entanto, Laura destaca que nunca se esqueceria da amizade que teve com Carmilla dando

¹¹³Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstrosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em Drácula (1897), de Bram Stoker História Unisinos, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil.p. 187

a entender que a sedução e as investidas de Carmilla trouxeram de certa forma sucesso, pois Laura ainda a guardava com carinho em sua memória.

Aqui então podemos observar na construção da vampira de Le Fanu não só com a sexualização que aparece ao descrever a boca de um vampiro, o corpo de Carmilla, a relação dela com Laura, mas a maneira com que essas características são atreladas a uma imagem de perigo, de alerta e colocadas para que o leitor entenda que era impossível não cair na trama de sedução da vampira. A descrição dada a ela, é muito significativa ao passo que oferece ao leitor uma visão masculina da sedução e do perigo. Carmilla, além de sedutora e sexy, se prova muito inteligente e astuta, sobrevivendo a anos sem ser pega na narrativa de Le Fanu e só é condenada, quando cede seus encantos a Laura, e por um deslize acaba morta pelo pai de uma de suas vítimas. Ana-Gratiela Gal destaca: “Quando esses clichês negativos da feminilidade surgem no terror masculino, ou está sujeito ao olhar masculino, ele serve para inteirar os preceitos e instituições do patriarcado”¹¹⁴.

Ou seja, a vilanização da *femme fatale* e a construção dessa mulher perigosa, sedutora, dominadora, tão diferente do doce e ingênuo anjo do lar, a mulher inglesa, faz com que as ideias de domesticidade, ideias estas atreladas ao imperialismo, sejam conservadas e perpetuadas e junto com elas, os ideais de dominação e poder masculino como gênero superior. Isso pode ser observado tanto em *Carmilla* quanto em “O destino de Madame Cabanel”. As características de Carmilla, escritas por Le Fanu, e a maneira com que é construída a sua vilania, garante a manutenção da imagem da domesticidade quando cria um medo sob a imagem de uma mulher dominadora, independente e sedutora, sendo morta pela figura masculina que acaba com aquele mal que ameaça a inocência, a pureza e a modéstia do anjo do lar, na história representada por Laura e a jovens mortas pela vampira. Carmilla, que no olhar de Linton talvez estivesse mais próxima de uma “New Woman”, se constrói a partir de um imaginário que se perpetua até hoje de uma mulher sexy e independente que é malvista pela sociedade, ou que atraí julgamentos por seu corpo e sua beleza, mas também sua inteligência e por ser astuta e ardilosa.

¹¹⁴ “When this negative cliché of femininity springs from male terror or is subject to the male gaze, it serves to iterate the precepts and institutions of patriarchy.” - GAL, Ana-Gratiela. “Masquerading from the Periphery: Literary and Visual Representations of Performative Vampiric Corporeality in the Anglo-American Gothic Tradition, 1816 - 2013. University of Memphis. 2013. Electronic Theses and Dissertations. 792. <https://digitalcommons.memphis.edu/etd/792>, p.49.

Com “O destino de Madame Cabanel”, podemos observar o mesmo padrão de execução do culto à domesticidade, e a construção do anjo do lar. Tendo já destacada a diferença de personalidade de Fanny e Adèle, percebemos na construção da história que como destacado por Gal, apesar de ser Fanny a acusada de ser vampira, nas lentes do narrador, é a francesa Adèle que é colocada como a ameaça na história, ao condenar e instigar o assassinato da bondosa e amorosa Fanny. Ela destaca: “Embora Fanny de Linton seja suspeita de vampirismo, ela não é uma lâmina nem um demônio sugador de sangue, pois não é sua inadequação física e cultural que as lentes rígidas do narrador escrutinam, mas a da francesa”¹¹⁵.

Mesmo que escrita de maneira divergente do conto “Carmilla”, e não podendo ser considerada como uma New Woman, a construção da personagem de Adèle busca certa oposição entre o “anjo do lar” e a hostil, temperamental, e severa mulher francesa, governanta que vai contra o espirituoso jeito da nova esposa de seu interesse amoroso, Jules Cabanel, colocada sobre outra mulher a vilanização a fim de valorizar a padronização esperada pelo império para a condição feminina, para o corpo das mulheres e seus modos dentro da sociedade. Como destaca Gal:

Na verdade, tanto Linton quanto Braddon parecem oferecer ideais patriarcais de feminilidade ao celebrar a passividade, a virtude pré-marital e a naturalidade e ao sancionar a promiscuidade ou qualquer tipo de excesso ou desejo feminino experimentado fora e contra o sistema patriarcal.¹¹⁶

Dessa maneira, a narrativa vai tecendo para o leitor uma compaixão com Fanny ao passo que vamos pegando uma aversão a figura de Adèle, que o narrador coloca como uma pessoa quase desprezível. Aqui, a criação desse “outro” pelos moradores do vilarejo, na narrativa de Linton com a visão do narrador, aparece de uma forma diferente, onde o público se compadece com o “estranho” e entende Adèle como a verdadeira vilã da narrativa.

¹¹⁵ “Even though Linton’s Fanny is suspected of vampirism, she is neither a lamia nor a bloodsucking fiend, as it is not her physical and cultural inadequacy that the narrator’s rigid lenses scrutinize, but the Frenchwoman’s.” - *ibidem*. 2013.p.53.

¹¹⁶ “In fact, both Linton and Braddon seem to proffer patriarchal ideals of femininity by celebrating passivity, pre-marital virtue, and naturalness and by sanctioning promiscuity or any kind of female excess or desire experienced outside and against the patriarchal system.” - *ibidem*. 2013.p.54.

Relações de poder e segurança: o culto da domesticidade e do “anjo do lar”

Então qual seria a relevância de tais argumentos para se entender a escrita das mulheres nesse âmbito? Há muito o que se pensar quando Eliza Lynn Linton traz suas personagens como mulheres pobres, uma já sendo criada e a outra antes governanta, mas que ascende socialmente por um casamento, levando seu leitor a perceber sutis pistas dessa mentalidade que tomava o período oitocentista que se reflete na escrita da autora. Buscar segurança nos papéis destinados a mulher como maternidade, casamento, na domesticidade, são as alternativas que se apresentam para as personagens do conto de Linton. Ao final, em um diálogo estabelecido entre Monsieur e Adèle antes de a jovem empregada tirar sua vida após a acusação pela morte de Fanny, podemos ver que ela é colocada em uma condição em que sua relação com Monsieur poderia salvá-la das acusações direcionadas a ela, mas que naquele momento, a relação dos dois passa a não importar diante dos fatos e assim aparece:

“E não vingaremos nosso filho?” “Te vingarias de Deus, mulher?” perguntou monsieur Cabanel, num tom severo. “E os anos de amor que vivemos, senhor?” “São lembranças de ódio, Adèle” – respondeu monsieur Cabanel, virando-se de novo para o pálido rosto da esposa morta. “Então, meu lugar está vazio” – disse Adèle, num choro amargo. – “Ah, meu pequeno Adolphe, que bom que foste antes de mim!” “Espere, madame Adèle!” – exclamou Martin. Mas antes que pudessem lhe estender a mão, com um salto e um grito, ela se atirou no poço onde queria lançar madame Cabanel, e ouviram seu corpo bater na água, com um ruído surdo, como se caísse de uma grande altura.¹¹⁷

Em um outro trecho, a jovem Adèle clama pelo amor de seu senhor, que por um breve momento parece dar importância aos sentimentos da moça, mas logo volta a sua ternura a sua esposa, madame Cabanel, deixando Adèle desolada. Esse desespero, poderia significar na narrativa, tanto medo pela vida de seu filho e de seu senhor, quanto a insegurança de perder seu lugar de prestígio e seu cômodo modo de viver até então sendo o único conhecido. Nesse jogo de perder e ganhar o amor de Jules Cabanel, vai se entendendo a vilanização da personagem feita pelo narrador, que constrói, como observado no próprio conto, uma mulher que causa desprezo em seu leitor por suas atitudes agressivas. No trecho seguinte se destaca:

“Por que me trocaste por uma mulher como essa? Eu, que te amava, que te era fiel e, ela, que anda entre túmulos, que suga teu sangue e de nosso filho, ela

¹¹⁷ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1ª.ed. - São Paulo: Jangada, 2021. pp. 265- 266

que tem uma beleza diabólica e que não te ama?” Algo, de repente, pareceu tocá-lo com uma descarga elétrica. “Que tolo miserável que fui!” – ele respondeu, chorando com a cabeça encostada no ombro de Adèle. O coração dela saltou de alegria. Seu reinado seria renovado? Sua rival seria destronada? A partir dessa noite, o comportamento de monsieur Cabanel mudou em relação à jovem esposa, mas esta era dócil e inocente demais para perceber qualquer coisa, ou se percebeu, ela o amava tão pouco – era apenas uma questão de amizade não perturbada –, que não se preocupou, e aceitou a frieza e a rudeza que surgiram em seus modos, como sempre aceitava tudo de boa vontade. Seria mais sensato se tivesse chorado, feito um escândalo e aberto o jogo com monsieur Cabanel. Eles teriam se entendido melhor, pois os franceses adoram discussões acaloradas seguidas de reconciliação.¹¹⁸

A paternidade é revogada pela jovem criada diversas vezes ao longo do conto como podemos observar e ao final, não se serve de segurança as consequências da cega crença de Adèle em superstições e essa segurança é questionada até em outros momentos por moradores do vilarejo no trecho onde o narrador coloca:

Ele disse isso na taberna La Veuve Prieur onde a aldeia se reunia todas as noites para conversar sobre os pequenos afazeres do dia, e onde o tema principal, desde que esta chegara à aldeia havia três meses, era madame Cabanel, seus estranhos modos, sua torpe ignorância sobre o missal e seus misteriosos malfeitos, intercalados com perguntas maldosas, que passava de um a outro, de como madame Adèle aceitava isso? – e o que seria do le petit Adolphe quando nascesse o legítimo herdeiro? – alguns acrescentavam que monsieur era um homem corajoso por abrigar duas gatas selvagens debaixo do mesmo teto; e o que aconteceria no final? Com certeza, algum mal.¹¹⁹

Qual seria o destino de Adolphe caso houvesse um herdeiro dos Cabanel? Como ficaria a segurança de Adèle dentro da casa? Qual seria a relação da empregada e do patrão agora como a nova esposa? Essas questões mostram que dentro da sociedade da época, nada garantia a total segurança de uma mulher, principalmente as de classe social mais baixa e que tinham menos direito do que as mais bem sucedidas.

Dessa forma, entender essas teias de relações que Linton constrói em seu conto, nos faz vislumbrar um pouco sobre as inseguranças e medos que essas mulheres tinham no século XIX, o que as amedrontava mais do que um conto de vampiros. Adèle, acreditava sim que Fanny era uma vampira, mas estaria sua implicância com a moça apenas na desconfiança cega na superstição, ou de alguma forma a ameaça a seu espaço

¹¹⁸ *Ibidem*. 2021. p. 259

¹¹⁹ *Ibidem*. 2021. p.256-257.

de segurança a fez desgostar da moça e acusá-la de maneira tão incisiva se tornando a grande vilã da história?

Adèle, junto com o coveiro e outros homens da cidade, levantam a certeza de que Fanny seria de fato uma vampira e a consequência é arrastá-la para jogá-la em um poço da cidade. Todos participavam daquele motim, mas apenas Adèle é culpada de toda a barbárie. Em um momento em que Adèle justificava seus feitos o médico lhe responde:

“Ela estava te matando!” – disse Adèle. – “Pergunte ao monsieur *le docteur*. O que o deixou doente, monsieur?” “Não me impute essa infâmia” – respondeu o médico, desviando os olhos da morta. – “Não importa o que deixou monsieur doente; ela não deveria estar aqui. Tu foste juíza e carrasca, Adèle, e terás que responder perante a lei.”¹²⁰

Adèle clama em nome de seu filho para Monsieur que nega a ela sua misericórdia negando assim a absorção de Adèle pelo crime cometido. No trecho aparece: “Concordas com ele, senhor?” – perguntou Adèle. “Concordo” – respondeu monsieur Cabanel. – “Terás que responder diante da lei pela vida inocente que tão cruelmente assassinaste, tu e todos os tolos e assassinos que se juntaram a ti”. “E não vingaremos nosso filho?”¹²¹ Assim, deixando claro pelo narrador que tudo aquilo não passava de um assassinato as cegas, tanto por crença em superstições e que Fanny de fato era inocente, quanto em relação ao cegos ciúmes e descontentamento de Adèle por perder seu posto e sua segurança.

Logo, o narrador conduz o seu leitor a ver que Adèle acreditava que sua maternidade a salvaria e manteria a lealdade de Monsieur ao seu lado. Isso evidencia as discussões já apresentadas neste trabalho sobre como a mulher passa pela exploração do homem, e se torna sua curiosidade, seu fruto, mas que em momentos de apuro, esses micros poderes concedidos a elas nem sempre se colocam à prova. A mulher, enquanto agente, se torna a mulher enquanto espetáculo, precisa ser assistida, entretida e dominada. Através do discurso imperial, da superfície e do arquivo do espetáculo, a cidade-labirinto é capturada e reivindicada como um território masculino de classe média.¹²² Com isso posto, a maternidade citada era o que garantia a Adèle um pinga de conforto e segurança na sua relação com Cabanel, mas não foi suficiente para salvá-la das consequências que

¹²⁰ *Ibidem*.2021. p. 265.

¹²¹ *Ibidem*.2021. p.265.

¹²² MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.133

lhes foram atribuídas. Explorando ainda a relação de Adèle e Fanny junto a interação de ambas com Jules Cabanel, podemos discutir as classes sociais e os espaços ocupados por diferentes mulheres do século XIX dentro da sociedade vigente. No campo, ambas as personagens femininas vêm de uma vida de pobreza, sendo Adèle a criada de Cabanel e Fanny uma governanta antes de se casar com o juiz de paz.

Ademais, McClintock aborda em *Couro imperial* estes trabalhos como babás, criadas, prostitutas, lavadeiras, entre outros comuns meios atrelados à figura feminina. Vemos que, mesmo dentro do mercado, o culto da domesticidade ainda se faz presente quando todos os meios de trabalho atrelados às mulheres são voltados a servir as figuras masculinas e ainda colocá-las sob o seu domínio e poder. A autora destaca no capítulo segundo intitulado “Massa” e as criadas. Poder e desejo na metrópole imperial”, o fetichismo em tais diferenciações de classe, quando destaca a vontade de Munby em desejar mulheres que trabalham com funções como babás e prostitutas, para que ele possa exercer seu “poder” sob os corpos femininos, uma vez que mulheres que ocupavam classes sociais mais altas ou equivalente as dele, não o atraíam, colocada pela autora como “luvas de lavanda”¹²³.

Em um dado apontado pela autora sobre a Inglaterra, ela destaca que, em 1851, 40% das mulheres assalariadas trabalhavam como domésticas. Entre 1851 e 1871, o número de criadas aumentou mais de 56%, duas vezes mais rápido que a população, o maior crescimento se dando nos anos 1860¹²⁴. O culto da domesticidade, até aqui abordado, apontou que o espaço doméstico, para os corpos femininos, é uma grande conquista e seu local de segurança na sociedade hostil imperialista. Esses 40% de mulheres assalariadas representa muito na conta da quantidade de mulheres buscando por segurança dentro dessa sociedade que não seja dentro de um casamento, como se era esperado por uma população feminina do século XIX. As mulheres, mesmo pobres, ainda que casadas, tinham também que trabalhar para garantir o sustento da família, podendo inferir assim que servir está no cotidiano feminino.

No entanto, o domínio dos corpos femininos perpassa muito mais do que o conjunto de normas sociais que ditam o comportamento das mulheres e as condiciona a uma vida aos moldes que a sociedade prega. Em alguns casos, o controle físico dos corpos

¹²³ Mais informações sobre ler *ibidem*. 2010. p. 135.

¹²⁴ *Ibidem*. 2010. p. 137

acontece em situações nas quais as mulheres perdem o domínio sobre si mesmas e são colocadas em condições ameaçadoras. A doutora Ana Paula Vosne Martins, em sua obra *Visões do feminino - a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*, narra sob a ótica da medicina como a ciência do século XIX enxergava os corpos femininos. No capítulo intitulado *A ciência das mulheres*, a autora descreve um acontecimento em particular quando explica ao leitor sobre a relevância e a notoriedade que as cirurgias alcançaram no ramo ginecológico e obstétrico. No trecho, ela traz a história de uma senhora de 53 anos que sofria de uma fístula rectovaginal. Ela relata que a senhora procurou um cirurgião, Dr. Charles West (1870), médico inglês que atendia no antigo hospital londrino Saint-Barthélemy, e este, sem o consentimento da mulher e não informando nada nem a ela e nem ao seu marido, extirpou-lhe o clitóris.

O que nos interessa aqui então, não o lado ético da medicina, que por si só já apresenta um problema aqui, mas em como esse caso em particular, se torna mais profundo no que se trata do corpo feminino, quando a autora menciona que o Dr. Charles West, alertava seus alunos para a degradação de alguns cirurgiões que se especializaram em ‘curar a masturbação’. Esse fato em particular, evidencia como a mulher perde completamente o domínio sobre seu corpo ao passo que um homem, ou um conjunto de homens, exercem sua vontade, seu “conhecimento” sobre elas e sobre a suas vontades. Nessa história narrada por Martins, vemos na prática, o controle exercido pela figura masculina sob o corpo feminino com justificativas pautadas na moral e ela ainda coloca:

No entanto, a produção do discurso médico sobre a mulher era bastante significativa desde a segunda metade do século XVIII, conforme analisado anteriormente. Evidentemente tratava-se de um conjunto de textos de caráter prescritivo fundado em princípios morais. Com a resignificação política da família, os corpos infantis e femininos passaram a ser o alvo das regulações e dos controles, o que levou muitos médicos a se interessarem pelas peculiaridades das doenças das mulheres.¹²⁵

Sendo assim, ela explora a ideia de que dentro da ciência, algumas noções se tornam intocáveis e imutáveis, como a velha ideia de que o homem é o detentor da razão, da virilidade, enquanto a mulher exprime sensibilidade e sexualidade, sendo seu corpo um objeto de desejo, e de servidão e tido como algo fácil de se manipular, algo que eles

¹²⁵ MARTINS, APV. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>. p.110

podem controlar. A autora ainda destaca que, esses pensamentos, não restringem a produção de saberes científicos, mas não impede de que toda a construção de um pensamento científico tenha sido trabalhada e pautada nesse pensamento e nessas ideias o que nos faz pensar que uma sociedade, também é e pode continuar sendo pautada e construída em valores morais e éticos apoiados por esses mesmos pensamentos. No conto, Fanny é morta injustamente com base em conhecimentos e dizeres de um homem tido pela população como o mais sábio de todos. Em um trecho se destaca:

Ele disse isso certa noite na taberna La Veuve Prieur, e com uma convicção que tinha seu peso. Porque Martin Briolic tinha a reputação de ser o homem mais sábio da região, até mais do que monsieur *le curé*, que era um sábio ao seu modo, que não era o mesmo do que Martin – nem monsieur Cabanel, que também era sábio ao seu modo, que não era o mesmo do que Martin, nem o *curé*¹²⁶.

E assim, ao alcançar esse espaço na sociedade de sábio, ele aponta que Fanny é uma vampira diante de seus conhecimentos e isso acarreta na morte da jovem que tenta se defender das acusações tão “infantis”, como a própria personagem coloca, mas é silenciada por um grupo de homens e por Adèle. O narrador destaca:

Fanny riu com desdém: “Não aceito responder a esta loucura” – ela disse, erguendo a cabeça. – “Vocês são adultos ou crianças?” “Somos adultos, madame” – disse Legros, o moleiro – “e como adultos, devemos proteger os mais fracos. Todos já tiveram suas dúvidas, e quem com mais motivos do que eu, que tive três pequeninos levados para o céu antes do tempo? E agora temos certeza.” “Porque cuidei de uma criança moribunda, e fiz o que pude para acalmá-la!” – disse madame Cabanel, tomada pela tristeza. “Chega de palavras!” – exclamou Adèle, puxando-a pelo braço que agarrou ao chegar e ainda não havia soltado. – “Vamos atirá-la no poço, meus amigos, se não quiserem que morram todos os seus filhos como morreu o meu, como os filhos do bom Legros morreram!”¹²⁷

Comportamentos como os que Fanny apresenta, são alvo em muitas das vezes de acusações infames e na condição de ser mulher, sua verdade sempre é colocada à prova diante de acusações feitas sobre si. A histeria, o comportamento fora das normas de conduta, entre outras questões que são atreladas ao comportamento feminino ao longo da história e ao longo da leitura dos contos e dos estudos, evidenciam um padrão que Martins coloca como uma consequência da visão de dominação do corpo feminino atrelando

¹²⁶ LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta – 1ª ed. - São Paulo: Jangada, 2021. pp.251-252.

¹²⁷ *Ibidem*. 2021.pp.265-263.

comportamentos que para os corpos masculinos seriam normais, mas que atrelados a figura da mulher se tornam comportamentos patológicos plausíveis de intervenção e cura. Ela destaca:

O debate em torno da sexualidade feminina na segunda metade do século XIX se deu no terreno da patologia. Quanto mais os médicos pesquisavam os comportamentos femininos, mais se fortalecia a imagem hiperssexualizada da mulher – um processo que Foucault (1980) denominou de histerização do corpo feminino. Esta formulação é bastante adequada para se pensar os dispositivos por meio dos quais a sexualidade feminina tornou-se um problema e o corpo da mulher um objeto que requeria intervenção médica, apesar da histeria ter sido associada com o mau funcionamento dos órgãos reprodutivos desde a época clássica da medicina grega.¹²⁸

Em outro conto da coleção *Mais mortais que os homens*, intitulado “O papel de parede amarelo” de Charlotte Perkins Gilman, a protagonista é acusada de estar sofrendo delírios e com caso de histeria após dar à luz a seu primeiro filho. O que não se percebe, é que a personagem em questão está passando por uma severa depressão pós-parto, afetando seu comportamento não por questões atreladas a sexualidade ou ao que os médicos da época julgavam como uma histeria. As reflexões postas aqui enfim, nos trazem a luz de como um *ethos* de uma sociedade inteira poderia afetar a vida de uma mulher, e que a ciência, a moral, a ética e todo o modo de agir de uma sociedade, se mostra o tempo todo, conspirar contra os corpos femininos e contra sua sobrevivência em espaços que, como foram apresentados no conto de Linton, podem se mostrar tão hostis e mortais para essas mulheres.

O assassinato a jovem Fanny, é, por mais trágico que seja, é apenas uma das várias consequências que um corpo feminino poderia sofrer no século XIX dentro da trama patriarcal, imperialista amparada nos discursos científicos, morais e civilizatórios de poder. É difícil vislumbrar outros cenários diante de uma consequência tão extrema como a morte, mas outros destinos poderiam ser mais cruéis do que “O destino de Cabanel” ao final deste conto, levando em conta todos os indícios e pontos que o século XIX guardava para as mulheres.

¹²⁸ MARTINS, APV. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. p.113.

Capítulo III: A literatura em sala de aula: uma proposta didática

Faça um experimento. Imagine que você está em uma sala de aula repleta de crianças. Peça a elas que desenhem a imagem de uma mulher em uma folha em branco. Quando fizer isso, observe as cores que elas usaram, imagine como as descreveram, imagine os elementos que compõem essa imagem. É bem provável que nessa representação você encontre flores, bem como as cores rosa, roxo e vermelho, ou até mesmo uma figura materna e uma mulher do lar. Essa imagem de leveza, delicadeza, de limpeza e de suavidade é sempre atrelada aos corpos femininos e, como consequência, à escrita de autoras mulheres. Isso dificulta até imaginar os horrores que esse sexo carrega historicamente consigo e faz com que muitos duvidem da capacidade desses seres de trazer ao mundo horrores. Horrores esses que cercam seu dia a dia, horrores estes que estão nas páginas dos livros e que muitos chegam a duvidar que essas mulheres possam ser “mais mortais” que os homens em suas narrativas literárias¹²⁹.

Todas essas questões envolvendo a imagem das mulheres perpassam materiais paradidáticos, livros didáticos e até mesmo a sala de aula, principalmente no ensino de história. No entanto, além dos horrores enfrentados pelas mulheres, elas também enfrentaram a desvalorização das suas trajetórias na História. Vários livros didáticos e paradidáticos carregam consigo a marca de não abordar de forma significativa o protagonismo das mulheres em diferentes áreas da sociedade, deixando-as às margens, relegando a história de mulheres e feita por mulheres nos apêndices e notas de rodapé, desvalorizando suas lutas e suas narrativas.

Tendo em conta que a parcela da história dos livros didáticos que aparecem as mulheres é inferior a 30%, o que representa muitas ausências e lacunas na história que se é contada aos alunos, parte-se então para uma reflexão de como essas histórias estão sendo abordadas¹³⁰. Em muitos casos, as mulheres nos livros didáticos aparecem apenas de maneira ilustrativa, ao lado de figuras masculinas de maior destaque. Ou surgem quando elas ocupam um lugar de notório destaque e poder, como é o caso de rainhas como

¹²⁹ A expressão é uma referência à coletânea, *Mais moral que os homens*, da editora Jangada, que vai reunir contos de horror do século XIX escritos por mulheres do período. Davis, Graeme. Eliza Lynn Linton In: *Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX* / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1ª.ed. - São Paulo: Jangada, 2021.

¹³⁰ GINITY, Eliane Goulart Mac Ginity. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015, p.925.

Elizabeth, Isabel, que geralmente são mulheres brancas. E, ainda assim, aparecem em destaque por meia página, não recebendo atenção mais aprofundada. É muito comum encontrar nos livros didáticos o que chamamos de “apêndice”, que se trata de uma área do livro para informações extras, ou curiosidades, rápidas e curtas, para serem adicionadas aos assuntos principais da unidade. Nesses apêndices é que, geralmente, podemos encontrar a história das mulheres. Como exemplo temos a história de Maria Bonita, que nos livros didáticos, no módulo sobre a história do cangaço brasileiro, aparece geralmente apenas como a esposa de Lampião. Usualmente se destacam entre as informações dadas apenas um ou dois feitos por ela, ignorando muitas vezes sua notoriedade e seu papel dentro do daquele movimento.

A partir de tais constatações, este capítulo parte de uma inquietação: pensar em uma forma de melhorar, ou ainda ampliar, a maneira com que a história das mulheres pode ser trabalhada na sala de aula, em especial no ensino de História. A partir das lacunas encontradas no aprendizado dos alunos em relação à temática, objetiva-se então analisar o que tem sido dito sobre mulheres nos materiais usados em sala de aula e, a partir das conclusões desse estudo sobre a representação da mulher na educação e nos livros didáticos e paradidáticos, propõe-se trazer reflexões acerca da possibilidade de se trabalhar experiências de mulheres na história através da produção de um material que auxilie professores e estudantes a percorrer tais assuntos. Ao final desta monografia, como já dito anteriormente, será apresentada uma proposta pedagógica sobre história das mulheres. Destacando o papel do paradidático em sala de aula, mostrando como ele pode multiplicar as estratégias na abordagem do tema com os alunos, o material que segue em anexo visa também mostrar o potencial da literatura, aqui vista como fonte histórica.

O material paradidático, assim, tem a função de complementar o processo de ensino-aprendizagem, ampliando os conteúdos trabalhados em sala de aula por meio de uma abordagem mais interativa, contextualizada e interdisciplinar. Ele estimula a leitura crítica e a autonomia do estudante, contribuindo para a formação de leitores mais reflexivos e atentos. Segundo Silva e Zilberman (2003), os livros paradidáticos atuam como mediadores entre o conhecimento formal, geralmente transmitido pelos livros didáticos, e o universo cultural do aluno, tornando o aprendizado mais significativo. Eles

permitem explorar temas atuais e questões sociais que muitas vezes tem o apoio para sua execução por meio da literatura, crônicas, reportagens, entre outros gêneros textuais¹³¹.

Por isso, a escolha de se produzir um paradidático foi um passo fundamental para a conclusão desta monografia, uma vez que ele reúne toda a discussão em torno da experiência feminina proposta na análise do conto de Linton, dando assim subsídios para fomentar uma discussão em torno da experiência feminina no século XIX com turmas do Ensino Médio, mais especificadamente as turmas de 3º ano, que já são mais velhas e tem mais entendimento e maturidade para entender os temas sensíveis que surgem na interpretação do conto. O material usa a literatura como fonte histórica e apresenta estratégias para trabalhar um conto publicado em 1873 com os alunos em sala de aula. A ideia não é para transformá-los em pequenos historiadores, mas instigar o lado criativo e lúdico dos discentes para que eles tenham subsídios para realizar leituras iniciais de fontes históricas, investigando alguns de seus significados. O uso da literatura como fonte vai instigar os alunos a ter curiosidade e a proximidade com a temática. O material paradidático proposto aqui optou por uma linguagem mais simples e acessível a esses jovens, sendo uma ferramenta que, se bem aproveitada, se torna muito relevante no ensino de história, principalmente trabalhando a interdisciplinaridade, que é a troca de experiências com outras matérias do currículo, a fim de integrar conhecimentos de diferentes disciplinas para resolver problemas complexos, promover uma compreensão mais ampla dos conteúdos e relacionar o saber escolar à realidade dos estudantes.

A literatura como fonte histórica e seu papel em sala de aula

. Entende-se como fonte histórica documentos, objetos ou vestígios que forneçam informações sobre os acontecimentos tanto do passado quanto do presente, utilizados pelos historiadores para a construção do conhecimento histórico. As fontes históricas são materiais fundamentais no trabalho do historiador, uma vez que este pode, a partir delas, produzir interpretações dos fatos passados e criar hipóteses sobre as diversas questões presentes no documento produzido na temporalidade estudada. Marc Bloch vê as fontes históricas como cruciais para o trabalho do historiador, enfatizando a importância dos

¹³¹ SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. A leitura e o livro didático. São Paulo: Global, 2003.

testemunhos e da observação destes na construção da narrativa histórica. Ele destaca que as fontes podem ser divididas em categorias, onde as fontes narrativas, aquelas deliberadamente destinadas a informar, são valiosas, mas cuja verdadeira confiança da investigação deve estar nas "testemunhas à revelia". Ou seja, nas fontes que não foram criadas especificamente para a história e que muitas vezes refletem a realidade de maneira mais autêntica. Outro ponto importante levantado pelo autor está na necessidade de um olhar crítico e atento às diversas formas de fontes disponíveis para compreender melhor o passado. Lilia Moritz Schwarcz no prefácio de *Antropologia do saber* afirma que

“A mesma postura crítica escorregava para a análise dos documentos, que deixavam de representar fontes inoculadas e por si só verdadeiras. "Documentos são vestígios" diz Marc Bloch, contrapondo-se à versão da época, que definia o passado como um dado rígido, que ninguém altera ou modifica. Longe dessa postura mais ontológica e reificadora, para o historiador francês o passado era uma "estrutura em progresso". Segundo Bloch, mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado.”¹³²

Assim, podemos entender quando Marc Bloch discute as transformações que as noções do que seriam as fontes históricas sofreram ao longo do tempo, destacando o papel dinâmico do conhecimento do passado. Ele observa que o conhecimento histórico não é fixo, mas uma coisa sempre em progresso, que se transforma e se aperfeiçoa. Essa transformação é impulsionada pelo trabalho dos pesquisadores que constantemente buscam novas informações e métodos para enriquecer a compreensão histórica. Uma das principais mudanças mencionadas por ele é a busca por testemunhos e evidências que muitas vezes não foram criados especificamente para o registro histórico, mas que acabaram se tornando fontes valiosas para os historiadores. Bloch também reflete sobre as mudanças no estado das coisas em relação às fontes ao longo dos séculos, como a "migração dos manuscritos" e as vicissitudes da cultura, que também afetam como as fontes são preservadas e transmitidas. O autor ressalta ainda que essas transformações são parte do processo contínuo de reavaliação e reaprendizagem que caracteriza a disciplina histórica¹³³.

Portanto, as fontes históricas, de acordo com Bloch, não são estáticas. Elas evoluem com o tempo e a interpretação e a utilização delas pelos historiadores também

¹³² BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Tradução de Lilia Moritz Schwarcz. - 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. pp.7-8

¹³³ *Ibidem*. 2002. P.25

mudam, refletindo a complexidade e a riqueza da história. Pereira e Seffner abordam as mudanças no entendimento do que são fontes históricas no artigo *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula*, no qual vão explorar a maneira como professores e alunos podem usar diversas fontes em sala de aula, entendendo cada uma delas em sua complexidade e especificidade. Sobre o caráter de veracidade que as fontes têm e, principalmente, sobre a maneira como são usadas em sala de aula, geralmente com teor comprobatório, os autores alertam sobre os cuidados necessários ao utilizar esse tipo de material no ensino de história. O que Pereira e Seffner problematizam é justamente esse tipo de uso de fontes históricas no aprendizado, uma vez que são apresentadas muitas vezes como artifício de prova para algo colocado para seus alunos. Os autores argumentam que tal prática perde justamente a criticidade que é possibilitada com o uso das fontes e, de certa maneira, produz uma aura de verdade absoluta sobre alguns fatos, resultado que não deveria ser a intenção do professor em sala de aula. Eles apontam que:

“[...]perde-se de ensinar às crianças o papel que as fontes assumem no interior de cada geração e de cada uso que delas se faz. Neste caso, parece-nos que tais imagens têm servido para, de maneira bastante velada, mostrar que no período medieval não passou de um intervalo obscuro na civilização e que o seu legado cultural não passou de cópia de tudo que se produzia no mundo antigo clássico.”¹³⁴

Para os autores, a história não é uma verdade absoluta a ser passada para os estudantes como um informativo sem que haja criticidade e interpretação. Ou seja, para os eles, as fontes são mais do que documentos para simplesmente se provar algo e, por isso, assumem significados diversos a serem adotados dentro das pesquisas, dos estudos e principalmente em sala de aula. Os autores ainda dão o exemplo de quando um aluno assiste uma telenovela e tem contato com certo período ou fato histórico representados pela mídia e como atualmente tem acesso tão facilmente a diferentes fontes históricas e conteúdos de mídia que abordam a historiografia e temáticas historiográficas. Segundo ele, de certa maneira, hoje essas produções e essas mídias são tidas como fontes e essas “fontes” ficam no imaginário das pessoas e muitas vezes geram uma discussão em sala de aula, tornando-se pauta no conteúdo do dia, tornando-se, assim, uma fonte para ser debatida pelo professor em sala de aula. O que se pode fazer nesses casos é subsidiar o aluno com ferramentas para que ele consiga ter um olhar crítico sobre essas produções e

¹³⁴ PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v.15, n. 28, p.113-128, dez. 2008, p.123.

entendê-las como representações de um passado e não uma verdade absoluta. É importante entender que essas são sim fontes históricas, assim como filmes, como a literatura, as séries, entre outros diferentes materiais produzidos e que são trabalhadas por historiadores. Mas alertam que cada uma dessas produções é fruto de seu tempo, de sua interpretação, da visão de quem a produziu e é passível de investigação e questionamento, sendo, de forma alguma, uma verdade absoluta¹³⁵.

Por isso, levar a literatura para sala de aula, e até mesmo outras fontes para além das tradicionais (como jornais, imagens, documentos, entre outros), se torna importante. Tanto pelos motivos aqui já destacados, mas também como uma forma de combate à desinformação e à manutenção do saber crítico dos alunos ao terem contato com outras fontes históricas, podendo analisá-las e destrinchá-las, para que trabalhar com elas alimente seu lado criativo, para que seja um momento reflexivo e para que entendam, manuseando as fontes, aquilo que elas representam. E sobre esse ponto destacam os autores:

“O professor de História na escola estabelece as diferenças entre os diversos discursos que se propõem a recriar o passado e o relato historiográfico, discute a especificidade do cinema, da televisão, da literatura, sobretudo, da historiografia como o espaço mesmo do ofício da produção de representações sobre o passado.”¹³⁶

Atentando-se a essas questões do uso da literatura em sala de aula, Pedro Pio Fontineles Filho em seu artigo *Linguagens de Clio: práticas pedagógicas entre a literatura e os quadrinhos no ensino de história* (2016), destaca as questões sobre a metodologia do uso da literatura como fonte histórica e a maneira com que vários autores e historiadores tem feito uso desse material. Ele destaca o historiador Sidney Chalhoub e Nicolau Sevcenko como principais nomes desse percurso e chama a atenção para a visão desses dois para a temática. Fontineles Filho destaca que, para esses historiadores, “a literatura é, enfim, testemunho histórico”.¹³⁷ Assim, Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira em *A história contada* (1998), se propõem a enxergar a história social no estudo da

¹³⁵ FILHO, Pedro Pio Fontineles. *Linguagens de Clio: práticas pedagógicas entre a literatura e os quadrinhos no ensino de história*. Revista História Hoje, V.5, nº9, p285-308.2016, p.291.

¹³⁶ PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v.15, n. 28, p.113-128, dez. 2008, p.119.

¹³⁷ Fontineles Filho, Pedro Pio. “Linguagens de Clio: práticas pedagógicas entre a literatura e os quadrinhos no ensino de História”. Em *Revista História Hoje*. V. 5. N. 9. PP. 285-308. Ano: 2016. p.289 apud. CHALHOUB; PEREIRA,1998, p.7.

literatura. Os autores traçam uma discussão a respeito da forma com que interpretamos a literatura e a possibilidade de historicizá-la para tê-la como fonte histórica a partir de pistas que levam o leitor a imergir no período em questão com o que o escritor lhe fornece. E assim eles destacam:

“(...) é historicizar a obra literária - seja ela conto, crônica, poesia romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar a suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social - algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.”¹³⁸

A partir dessa visão dos autores apontados, ao trabalhar em uma seleção bibliográfica sobre o uso de fontes literárias dentro da sala de aula como ferramentas para se desenvolver o ensino de história, um ponto que aparece em destaque em todas as leituras feitas é a questão da interdisciplinaridade. Ou seja, a troca de saberes que é possível estabelecer entre os estudos de Literatura e o ensino de História. Muitos autores como Almeida e Amador partilham dessa mesma visão e destacam que a literatura abre portas no estudo da História com o fim de entender um século, uma sociedade, uma narrativa da melhor forma possível. A interdisciplinaridade nesse caso busca romper com o método tradicional das salas de aula (as aulas expositivas, os questionários, as provas objetivas, etc) e trazer uma nova visão para o ensino, principalmente o ensino de história atrelado à literatura. Importante lembrar que no Brasil foram criadas leis e parâmetros para melhor adequar o ensino à possibilidade de interdisciplinaridade, tendo em conta sua importância para a formação dos estudantes. Em 1996 foi estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) e, em 1998, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Esses movimentos ajudaram na implementação de uma educação voltada às necessidades dos alunos, suas vivências e sua subjetividade, tornando o ensino mais integrado, possibilitando um currículo mais flexível, pautado, como no caso dos anos fundamentais, em eixos temáticos, fazendo com que a interdisciplinaridade se tornasse mais possível e mais acessível, melhorando assim o ensino dos alunos.

Pensando essa interdisciplinaridade, o que nos importa aqui é como a História e a Literatura se encontram. Almeida e Amador destacam que:

“A literatura como documento possibilita identificar as características e intencionalidades dos sujeitos históricos de uma sociedade em diferentes épocas.

¹³⁸ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso De Miranda. A história Contada. Capítulos de história social da literatura no Brasil. Editora Nova Fronteira..1998.p.7

Visto que, apresentam aspectos sociais múltiplos e subjetividades que nos possibilitam extrair informações pertinentes para a análise historiográfica, além de nos colocar frente a outras formas de análise, tornando a pesquisa histórica interdisciplinar e variada.”¹³⁹

Ou seja, para as autoras, a literatura se torna um campo a ser explorado em sala de aula nessa interdisciplinaridade de poder ver o mundo historicamente com base no aparato documental que a literatura passa a ter. Elas então sugerem que os professores utilizem obras literárias como material didático, promovendo atividades que envolvam leitura, discussão e análise crítica, defendendo que as obras literárias são documentos valiosos para a análise histórica. Essas obras oferecem uma perspectiva subjetiva e sensível dos acontecimentos históricos, complementando as fontes tradicionais e proporcionando uma compreensão mais ampla do passado. Janaína dos Santos Correia, por exemplo, em *Uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX)*¹⁴⁰, argumenta que trabalhar a literatura em sala de aula é ensinar o aluno a ler o mundo, com base na *literacia histórica* e que, a partir do uso da literatura como fonte, é possível desenvolver no aluno a “empatia” e a percepção de si como sujeito histórico e do seu ambiente como agentes históricos. Ela destaca que trabalhar com a literatura em sala de aula é possibilidade de entender dos valores sociais e experiências dos homens e mulheres no tempo e isso com a forma sensível de ver o mundo.

Com essas questões, podemos entender então que a literatura em si então se mostra no que Ginzburg coloca como os rastros a serem seguidos pelos historiadores a fim de entender e dar sentido as perguntas feitas a obra e ao tempo. Tanto no seu uso em sala de aula quanto para o historiador na execução de seu ofício. O que Ginzburg estabelece em um diálogo com Marc Bloch é no debate do ofício do historiador e como ele usa de “rastros” para fazer história. Em *O fio e os rastros*¹⁴¹, Ginzburg dá esse panorama do que se trata do uso da literatura como fonte histórica e a ideia de que mesmo textos fictícios podem conter elementos históricos valiosos. Ao narrar o conto de Teseu,

¹³⁹ ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel., A interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre a história e a literatura. *Fronteiras & Debates*. Macapá, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019 ISSN 2446-8215 <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> p.106.apud BORGES 2010.

¹⁴⁰ CORREIA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). *História e Ensino*, Londrina, v.18, n.2.p.179-201, jul./dez.2012.

¹⁴¹ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. 1º reimpressão. Companhia das letras. 2007, pp. 7--14

onde Ariadne dá a ele o fio que o guia pelo labirinto, o mito não fala dos rastros deixados pelo herói. No entanto Ginzburg os aborda e os usa como analogia para dar a esses rastros e testemunhos involuntários uma explicação do que seria o uso da literatura como fonte. Ginzburg menciona que a literatura, embora não tenha a pretensão de ser um documento histórico, pode revelar verdades sobre a sociedade, costumes e mentalidades de épocas passadas”. Ginzburg discute como, ao analisar essas narrativas literárias, é possível descobrir testemunhos históricos no que refere a vozes e realidades que emergem das intenções de quem produziu esses textos, muitas vezes escapando aos estereótipos ou narrativas dominantes. O autor menciona a importância de ler contra as intenções dos autores, sugerindo que todo texto inclui elementos incontrolados que podem fornecer fatos sobre a época em que foi produzido, sobre a visão do autor da obra e rastros que contextualizam um período histórico. Ele destaca que contar histórias a partir dos rastros é essencial e que o ato de narrar não é simplesmente um registro dos dados, mas uma construção que busca dar sentido aos fragmentos da realidade que os rastros representam. Isso envolve criar uma narrativa que nos ajude a nos orientar através da complexidade do passado e a partir dos rastros deixados pelo autor. Ele ainda destaca a importância de reconhecer a subjetividade das fontes narrativas e coloca que embora os rastros possam fornecer um caminho para a verdade histórica, eles são também moldados pelas perspectivas e intenções de seus autores. Portanto, o historiador deve ser crítico em sua análise, entendendo que os rastros são parte de uma construção interpretativa e não um espelho do real que direciona o leitor aos fatos exatos que aconteceram¹⁴².

Outrossim, Peter Gay, em *Represálias Selvagens* (2010), traz um aspecto relevante para essa discussão da literatura como fonte histórica abordando a questão no que envolve o estudo da ficção e da sociedade em torno de uma obra literária e de seu uso como objeto de pesquisa. O autor destaca que:

Procurando, digamos, fatos concretos no inesquecível romance de Pérez Galdós, *Fortunata e Jacinta* (1886-7), que se passa por volta de 1870, um historiador poderia reunir um volume de informações confiáveis sobre o casamento burguês em Madrid, as modas intelectuais em círculos universitários, as práticas comerciais predominantes e as tensões políticas endêmicas. Além disso, o erudito interessado na história da loja de departamento pode começar muito bem com *O paraíso das damas* (1883), de Zola, depois de dar um desconto para alguns exageros e simplificações melodramáticas. Esses exemplos ilustram por que o romance parece um guia tão insuperável. Encontra-se na intersecção estratégica entre a cultura e o indivíduo, o macro e o micro, apresentando ideias e práticas políticas, sociais, religiosas, desenvolvimentos portentosos e conflitos memoráveis, num

¹⁴² *Ibidem*. 2007.p.7

cenário íntimo. Lido de forma correta, promete tornar-se um documento extraordinariamente instrutivo¹⁴³.

Assim, o que esses autores aqui destacam é algo que é primordial entender: que essas fontes históricas não expressam, sozinhas, totalmente os acontecimentos e nem podem ser colocadas como reflexo exato do passado, sendo resumidas a um mero espelho da realidade. É necessário compreender as metáforas e analogias presentes nas obras literárias e entender sobre o autor e o tempo em que essa fonte foi escrita, a maneira como ela dialoga ou interpreta as questões que se sabem sobre o tempo e espaço recortado. É importante destacar que, ao se trabalhar fontes históricas com os alunos, não se trata bem de transformá-los em pequenos historiadores, mas sim instigar uma análise crítica e autônoma por parte dos estudantes a fim de analisar a temporalidade e o espaço em que se encontram. Desse modo, Correia coloca que o texto que vai ser tratado como fonte histórica deve responder: [...] Quem é o autor? Qual seu público? A quem se destina a obra? Em que momento histórico foi criado? Qual a importância desta obra nos dias atuais? Perguntas essenciais para iniciar um trabalho interdisciplinar envolvendo literatura no ensino de história.¹⁴⁴.

Para Fontineles Filho, o professor de história, em certa medida, é reflexo de suas leituras e discussões realizadas durante o período de formação do seu saber docente.¹⁴⁵ Sendo assim, as fontes, as trocas de saberes e experiências que serão escolhidas por este professor são pensadas por ele por serem fruto de seu próprio aprendizado e do que absorveu ao longo de sua jornada. As fontes então escolhidas para serem trabalhadas vem junto com a criticidade, com a análise e com o estudo daquele professor, e não são vagamente jogados à mercê de interpretações dos alunos. Ele leva, para além de suas próprias verdades, a vivência e as trocas e experiências do professor. Parte do ensinar então consiste em dar subsídios para que o aluno construa sua interpretação, guiando-o dentro do conteúdo para que então ele se torne um sujeito crítico e reflexivo. Já nas palavras de Pereira “ensinar história na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade das suas determinações socioculturais, fundamento de uma compreensão de

¹⁴³ GAY, Peter. “Prólogo” e “Epílogo”. In: *Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.11-28 e pp.141-156.

¹⁴⁴ CORREIRA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). *História e Ensino*, Londrina, v.18. n.2.p.179-201, jul/dez.2012.pp.192-193

¹⁴⁵ FILHO Fontineles, Pedro Pio. “Linguagens de Clío: práticas pedagógicas entre a literatura e os quadrinhos no ensino de História”. Em *Revista História Hoje*. V. 5. N. 9. PP. 285-308. Ano: 2016.p.292

si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico”¹⁴⁶.

No que se trata então da literatura e de seu uso em sala de aula nesse aspecto de interpretação de Pereira e Filho, Correia destaca que a literatura, como todo e qualquer documento histórico, só se permite trabalhar com mediante as perguntas que você faz a ela. Ou seja, com bagagem de experiência e questões que um professor carrega, ao levantar perguntas para fonte com sua turma, envolvendo nas discussões as perguntas necessárias para se conduzir o estudo das fontes e as temáticas da sala de aula, que o professor vai conseguir com a literatura passar para os alunos a totalidade que essas fontes têm a oferecer. Com isso os alunos devem:

- 1) Situar o documento no contexto que foi produzido, por meio de perguntas como: Quem produziu? Quando? Onde? Em que condições? Onde está publicado?
- 2) Criar diversas atividades de leitura e compreensão dos textos, possibilitando o aluno questionar fontes, confrontá-las, estabelecer um diálogo crítico entre as concepções prévias, os conhecimentos históricos anteriormente adquiridos, as indagações e os textos.
- 3) Orientar a produção de conhecimento, sugerindo formas, linguagens, construções discursivas que favoreçam o desenvolvimento da aprendizagem e a compreensão da história como construção.¹⁴⁷

Portanto, em *A leitura de textos literários no ensino de história escolar: entrelaçando percursos metodológicos para o trato com os conceitos de tempo e espaço*, Maria Aparecido Leopoldino vai trabalhar o uso da literatura como fonte histórica em sala de aula e, como já abordado aqui, as possibilidades literatura e a história podem coexistir no mesmo espaço com a interdisciplinaridade, articulando e trabalhando as mesmas questões em conjunto para construção de uma análise mais profunda e respaldada em diferentes fontes, tais como romances, crônicas, poesias, e outros materiais literários que já entendemos aqui serem fontes históricas. Ou seja, para o historiador, é interessante tomar a literatura como parte de seu campo de estudo e de suas pesquisas, ao

¹⁴⁶ PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v.15, n. 28, p.113-128, dez. 2008. p.119

¹⁴⁷ FONSECA, S. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizado. Campinas, SP: Papirus, 2003. Apud CORREIRA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). História e Ensino, Londrina, v.18, n.2, p.179-201, jul./dez.2012, p.197.

passo que elas se tornam narrativas capazes de trazer visões e inquietações para os estudos historiográficos a partir das interpretações do autor da obra de seu tempo e espaço. A essas indagações a autora responde que nesse uso da literatura em sala de aula deve-se

Entrelaçar caminhos metodológicos nesse sentido significa buscar em textos literários um acesso a formas de se representar e expressar o mundo social, almejando-se com isso problematizar, por intermédio das linguagens, questões relativas a conceitos temporais e espaciais da vida prática em sociedade. Isso porque se espera que o ensino de História desde os anos iniciais do fundamental possa ajudar o aluno a formular conceitos de tempo e espaço a partir de sua vivência cotidiana e das relações sociais vividas, habilitando-o a perceber passagem do tempo e suas diferentes dimensões.¹⁴⁸

Trazar a literatura para o ensino de história é estratégia defendida por Almeida e Amador pois, além de deixar a aula mais lúdica e despertar o interesse dos alunos pela leitura, possibilita ao professor trabalhar a questão da historicidade de uma maneira mais dinâmica e interativa de explorar as questões levantadas pela temática trabalhada, trazendo um aprendizado mais eficiente e exemplificado para os alunos uma vez que as narrativas têm o poder de ilustrar as questões explicadas pelo professor.¹⁴⁹ Sendo assim, as autoras então concluem diversas sugestões sobre como utilizar a literatura em sala de aula para enriquecer o ensino de História, visando encorajar os alunos a fazer conexões entre textos literários e eventos históricos específicos, podendo ser realizado através da criação de projetos que envolvam escrita, análise e discussão de obras literárias a partir de um tema comum em História e Literatura, como as crônicas, romances ou poesias que representam diferentes épocas ou eventos significativos. Vale ainda instigar, a partir do uso da literatura, debates sobre as obras a fim de entender a multiplicidade de perspectivas sobre o passado. Essas ideias partem principalmente de os alunos entenderem mais sobre o contexto social, político e cultural em que a literatura foi produzida com propostas de criação de hipóteses e perguntas a serem feitas as obras.

¹⁴⁸ LEOPOLDINO, Maria Aparecida A leitura de textos literários no ensino de história escolar: entrelaçando percursos metodológicos para o trato com os conceitos de tempo e espaço. Revista História Hoje, v.4, n/8, p.130-151.2015. p.132

¹⁴⁹ ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel., A interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre a história e a literatura. Fronteiras & Debates. Macapá, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019 ISSN 2446-8215 <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> p.P.106.apud BORGES 2010.p. 110

Sendo assim, no que se trata de instigar o uso da literatura e do fomento dos alunos lerem mais em sala de aula, ou até mesmo fora da sala de aula. Leopoldino, por sua vez, coloca que:

Nesse sentido, ouvir ou ler histórias iniciava a criança no processo de construção de linguagem, ideias, valores e sentimentos que contribuíam com sua formação cultural. Tal observação denota a importância de se repensar o texto literário isolado em seu gênero textual para reconhecê-lo como pertencente ao conjunto de uma cultura escolar, com diálogo e inserção em debates que integram uma conformação pedagógica complexa, constituída por uma ordem literária que cria, difunde e dá sustentação aos programas escolares e às práticas que lhe fornecem temáticas e estéticas fundamentais, assim com o ensino de História.¹⁵⁰

Ademais, é normal pensar que estes dois, história e literatura, não se encaixam e que não se integram em seus estudos, mas o que as autoras Almeida e Amador e outros estudiosos destacam é que ambas as áreas pensam as interpretações do mundo em que vivemos e os aspectos que rodeiam as temáticas estudadas para melhor compreensão das questões pertinentes. Por conseguinte, literatura e história podem ser trabalhadas conjuntamente e até certo ponto completar-se no sentido em que Grecco coloca como:

[...] a aproximação entre História e Literatura amplia novos paradigmas interpretativos. Nesse sentido, os discursos literários, ao resgatarem temas históricos, operam seletivamente, assegurando um novo olhar sobre os fatos, reinterpretando-os (...) tanto a Literatura como a História, portanto, contribuem para a construção de uma identidade social e individual. Ambas traduzem uma sensibilidade na apreensão da realidade e operam oferecendo leituras diversas.¹⁵¹

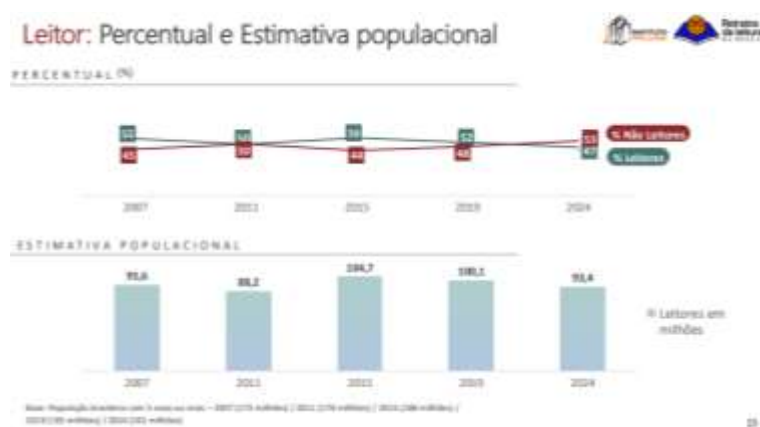
Literatura nas aulas de história e o incentivo à leitura

Muitas vezes vista pelos alunos como uma disciplina chata, engessada e entediante, trazer essa nova perspectiva pode deixar as aulas de história mais dinâmicas

¹⁵⁰ LEOPOLDINO, Maria Aparecida A leitura de textos literários no ensino de história escolar: entrelaçando percursos metodológicos para o trato com os conceitos de tempo e espaço. Revista História Hoje, v.4, n/8, p.130-151.2015, p.134-135.

¹⁵¹ ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel., A interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre a história e a literatura. Fronteiras & Debates. Macapá, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019 ISSN 2446-8215 <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> p.108 apud GRECCO, Gabriela de Lima. História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. Revista Historiador. Porto Alegre, n. 07, ano 07, p. 118- 129, jan/2015, p.122.

e, como destacado anteriormente, trabalhar com literatura pode desenvolver interesse pela própria leitura. Tendo tudo isso em vista, propõe-se aqui levar o conto de Eliza Lynn Linton para sala de aula e trabalhar a leitura com os alunos em classe, uma vez que se sabe que a maior parte dos brasileiros atualmente não leem nem mesmo uma obra em suas vidas. Em pesquisas feitas pelo Instituto Pró livro, na 6ª pesquisa Retrato da leitura no Brasil¹⁵², que é realizada pelo instituto desde o ano de 2007, os brasileiros, tanto escolarizados quanto não escolarizados, perderam o hábito da leitura, seja a leitura feita por lazer ou por obrigação (visando estudos, formação técnica, etc.). De acordo com dados da pesquisa realizada no ano de 2024, destaca-se que foram ouvidos 5.504 entrevistados em 208 municípios. Os resultados mostram que 53% da população é identificada como não leitora.¹⁵³



Dados da pesquisa de percentual de leitores e não leitores no Brasil em 2024. Fonte: Retrato da leitura no Brasil.

A pesquisa completa informa diferentes variantes entre escolaridade, gênero, idade, gosto para leitura, influência de como começou o hábito de leitura, livros e autores mais lidos entre outras informações importantes para se conhecer o ritmo de leitura dos brasileiros atualmente. Mas o que interessa para o estudo deste caso é a leitura dos alunos em sala de aula ou leituras para sala de aula. O gráfico gerado pela pesquisa aponta que

¹⁵² É uma pesquisa realizada em âmbito nacional que objetiva avaliar o comportamento leitor do brasileiro, os índices e dados sobre a população e a literatura com um público alvo sendo a população brasileira residente com 5 anos e mais, alfabetizada ou não.

¹⁵³ INSTITUTO PRÓ- LIVRO (IPL) E MINISTÉRIO DA CULTURA(MINC). 6ª pesquisa Retrato da leitura no Brasil. [IBOPE Inteligência (2007-2019), Ipec (2024)] Versão 2024. URL: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf

36,3 milhões de estudantes em 2024 estão estudando e desses 77% são leitores. Esse número se mostra interessante, principalmente por serem altos em relação às turmas de Fundamental I, II e Ensino Médio, onde vemos uma maior desmotivação dos estudantes em relação à leitura.

Um pouco dessa análise dos números mais altos se dá em razão do boom das mídias sociais como *Tik Tok* e *Instagram*, que em suas redes possuem produtores de conteúdo específicos da área da literatura, que incentivam a leitura dos jovens e divulgam livros na internet em canais de comunicação conhecidos como “bookredes”, ou até “bookgram” (mistura de book e *instagram*) ou “Booktok” (mistura de book com *Tik Tok*). Essa febre entre os jovens e a criação dessas comunidades acabam gerando um sentimento de pertencimento que faz com que eles busquem a leitura como um meio de socialização entre si, podendo ser considerado como um grande clube do livro das redes, onde a comunidade jovem participa ativamente e fomenta essa “indústria do livro”. Esse crescimento do sucesso dos livros nas redes se deu muito no período da pandemia do covid-19, quando esses jovens estavam em suas casas devido ao distanciamento social e acabavam passando mais tempo lendo e se comunicando com o mundo exterior por meio das redes sociais, gerando essa comunidade de leitores que permanece até os dias atuais.

No entanto, por mais que os números sejam bons, é perceptível uma queda de 2019 para 2024 com o retorno da vida para além do ambiente doméstico, quando do fim da pandemia. Os números mostram uma porcentagem significativa de pessoas que abandonaram o hábito de leitura, indicando que, para alguns indivíduos, a leitura deixou de ser presente em suas vidas quando o ciclo social voltou a existir. E por mais que essa rede social entre os leitores seja até hoje existente e permaneça incentivando a leitura, ainda se percebe a realidade dos leitores assíduos muito distantes. Com o alto preço dos livros físicos, a exaustiva rotina do dia a dia, ler parece um hobby distante e quase elitista para muitos, o que pode explicar a queda no número de leitores. E, apesar da divulgação dos criadores de conteúdo e das escolas para que os jovens consumam obras literárias e adotem o hábito de ler, ainda existem obstáculos como próprio preço dos livros, a dificuldade de frequentar bibliotecas, o tempo em telas, entre outras coisas que vão abaixando esse número de leitores cada dia mais.



Percentual de leitores que estudam/ têm escolaridade Fonte: Retrato da leitura no Brasil.

Dados da pesquisa ainda informam que a leitura dos alunos de Fundamental I, II e Ensino Médio são baixos nas questões que se relacionam em ler livros por vontade própria em suas casas, sem que seja destinado para escola. Essa baixa, pode se relacionar muito com o advento das novas tecnologias que tomam das crianças e jovens um maior tempo em frente às telas que ocasiona uma falta de interesse na prática da leitura, que pode ser tida como maçante e entediante. Quando se trata, no entanto, de uma leitura feita devido a uma demanda da escola, os alunos se mostram mais interessados e a porcentagem de leitura cresce um pouco em decorrente a quantidade de alunos que leem por vontade própria. Mas ainda que haja um aumento, 30% de leitores de livro didático na sala de aula, ainda se considera um número baixo. Isso considerando que o número de 23% para os que leem uma vez por semana os livros indicados pela escola (contos, fábulas etc) é quase nada comparado ao número total de alunos.



Frequência de leitura de maneira geral Fonte: Retrato da leitura no Brasil.



Frequência de leitura de estudantes por vontade própria Fonte: Retrato da leitura no Brasil.

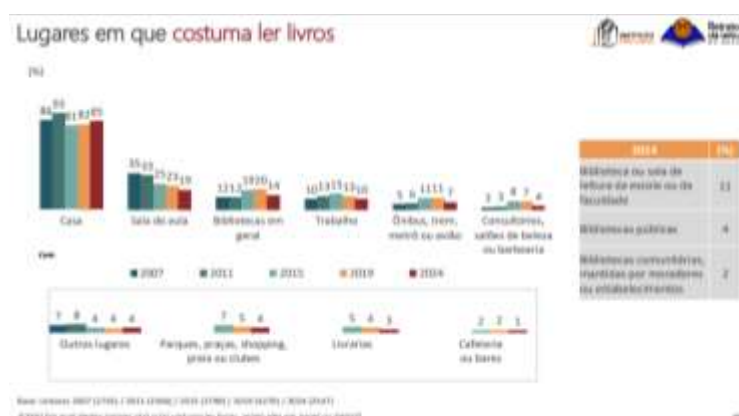


Frequência de leitura de estudantes com livros didáticos e materiais para sala de aula Fonte: Retrato da leitura no Brasil.



Frequência de leitura dos alunos de contos, romances, entre outros gêneros para sala de aula Fonte: Retrato da leitura no Brasil.

Ainda sobre a pesquisa, os gráficos mostram que nos anos que foram realizadas as pesquisas, houve uma baixa considerável no número de leitura feita por alunos na sala de aula e um crescimento na leitura em casa, podendo ser considerada a leitura por lazer. Esse aumento por ser analisado devido a questões já levantadas como as “bookredes” e até mesmo a pandemia do covid-19, mas não deixa de espantar a queda brusca nas leituras em sala de aula do ano de 2007 a 2024. Parece um tempo até longo para se ter uma queda tão alta, mas se for considerado o desmanches na educação, a falta de subsídio para professores e alunos, a falta de investimento e verba para as escolas, os ataques constantes a educação e a falta de incentivo à leitura, muitas das vezes por falta de tempo hábil para a realização da mesma nas escolas, justifica-se esse índice estar diminuindo tão rapidamente e fica evidente que ele tende a cada vez diminuir mais, caso não haja políticas educacionais e movimentação para mudança desses dados.



Dados dos principais lugares de leitura dos alunos Fonte: Retrato da leitura no Brasil.

Diante de todos esses dados apresentados e das questões que envolvem a literatura e o ensino de história, refletimos então sobre crianças e jovens que perdem o interesse e o contato com a leitura. Uma vez que passa a ser negligenciado, sem incentivo por parte das famílias e das escolas, junto ao com o advento das novas tecnologias substituindo o momento da leitura, mais alto será o índice de não leitores com o passar do tempo, já que atualmente o interesse dos alunos está voltado para mídias sociais e as chamadas *bigtechs*. Desse modo, a literatura fica em segundo plano e passa a se perder debates e reflexões produzidos por ela e se perdendo junto a criticidade, a reflexão, a criatividade e imaginação, características essas que poderiam ser desenvolvidas com a leitura. Trazer a

literatura inclusive para as aulas de história, dando destaque para outros olhares possíveis sobre ela, pode ser uma maneira interessante de ajudar a reverter esse quadro de desinteresse ou queda no hábito de leitura dos alunos. Instigando, assim, novos olhares sobre as obras literárias, provocando um entendimento delas também como fonte histórica.

Além da queda de leitura em sala de aula e do desinteresse eminente pela literatura, outro dado que pode ser observado nos gráficos e que são interessantes para se debater é a leitura dos livros didáticos pelos alunos. A pesquisa aponta que 20% não chegam nem a ler o livro didático e apenas 30% deles faz a leitura diária desse material. Esses números são alarmantes quando se tem a importância do livro didático tão acentuada como ferramenta em sala de aula. O que podemos concluir então dessas questões que se tratam tanto de literatura como fonte histórica em sala de aula, quanto na questão da leitura dessa literatura em si, é que para os alunos, principalmente os mais novos, os que nasceram nesse advento da tecnologia, História e Literatura como matérias que demandam muita leitura e reflexão são vistas como chatas e maçantes e, como posto por Fernanda de Fátima Fernandes Pereira em *Literatura e História- Uma combinação perfeita para um diálogo interdisciplinar de saberes*¹⁵⁴, nessa nova era tecnológica onde professores disputam lugar com as novas tecnologias, aplicar o conteúdo se torna quase impossível com tanta desvalorização. Nesse sentido, não se pode desistir de trazer para sala de aula outros meios de se trabalhar a Literatura e a História para que não se perca as habilidades que juntas se pode desenvolver no aprendizado. Assim, na luta dos professores para deixar o conteúdo atraente, juntar essas duas disciplinas parece uma ideia interessante, capaz de deixar as aulas de história e as aulas de literatura estimulantes. E assim conclui-se com Pereira que:

Ainda não vemos muito a prática interdisciplinar ocorrendo em nossas escolas e universidades, uma vez que mudanças sempre costumam causar hesitações, mas quando houver uma maior conscientização dos professores a respeito de seus resultados, acreditamos que muitos mais passarão a adotar a interdisciplinaridade em sua prática, que poderá transformar suas aulas com momentos de maior interação entre os alunos e professores, fazendo assim que elas se tornem mais dinâmicas e interessantes, além de estarem preparando melhor o aluno para seus conhecimentos específicos de cada área de

¹⁵⁴ PEREIRA, Fernanda de Fátima Fernandes. *Literatura e História- Uma combinação perfeita para um diálogo interdisciplinar de saberes*. Anais do 21º encontro de História da ANPUH – Rio: História, democracia, igualdade e diversidade. Rio de Janeiro. ANPUH-Rio. 2024

conhecimento, além de se tornarem mais observadores, críticos e reflexivos.¹⁵⁵

A história que não se conta: os apêndices dos livros didáticos e a narrativa feminina

Eliane Goulart Mac Ginity fez um estudo sobre a aparição das mulheres no livro didático, no qual ela tomou como base a história geral e a história do Brasil durante o século XX. Com uma seleção de nove coleções de livros, das 19 disponíveis no PNLEM 2015, a autora toma seus principais referenciais de análise. Segundo ela, foram definidas

[...] três categorias de análise “Classe” (elite, mista/indefinida e popular), “Etnia” (afrodescendente, branca, indígena, outras [asiáticas e árabes] e várias mais de uma etnia na mesma imagem) e por fim, “Posicionamento” (atuante e espectadora). Esta última, merece uma explicação mais detalhada. As mulheres consideradas como atuantes são aquelas que estão em algum tipo de manifestação de resistência, exercendo uma profissão específica ou quando o texto fala especificamente sobre a figura da mulher, dependendo da forma que este se refere. A posição da mulher é tida como espectadora quando ela é tida apenas como uma espécie de ilustração, ou seja, como acessória.¹⁵⁶

Nas análises feitas pela autora podemos observar como se dá a presença das mulheres nos livros didáticos, identificando-a como baixa ou quase inexistente. Ginity trabalha com dados que mostram o protagonismo masculino majoritário nas representações de lutas, movimentos sociais e eventos históricos, o que configuraria uma desvalorização da figura da mulher como protagonista nos processos históricos. Segundo a autora:

As mulheres representam pouco mais de 10% do total de imagens de homens, num total de 65 para 601 respectivamente. As figuras dos dois sexos juntos (283) possuem dois aspectos, permite o aparecimento de um número maior de mulheres, ao mesmo tempo, porém, aumenta ainda mais a presença masculina nos livros.¹⁵⁷

¹⁵⁵ *Ibidem*. 2024.p.14

¹⁵⁶ GINITY, Eliane Goulart Mac Ginity. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015 p.925

¹⁵⁷ GINITY, Eliane Goulart Mac Ginity. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015 p.925

Ginity destaca ainda que quando procura por mulheres pretas e indígenas nas imagens e nas representações presentes nos livros didáticos, essa porcentagem diminui ainda mais, uma conclusão preocupante e problemática, uma vez que o dado mostra como a história contada aos alunos pode estar bastante restrita. Segundo a autora, “nas imagens dos livros”, “as mulheres afrodescendentes (34) representam apenas 15% do número de imagens de mulheres brancas (226), enquanto não há a presença da figura feminina indígena (dentro do recorte de tempo adotado)”¹⁵⁸. Ginity mostra os perigos de se adotar apenas uma narrativa, argumentando que, dessa forma, o ensino pode muitas vezes se tornar excludente e segregar as imagens com a não menção de algumas figuras na sua história.

No que diz respeito à história das mulheres, Letícia Mistura e Flávia Eloísa Cami, citando Joan Scott, afirmam que a história dos gêneros aparece a partir dos movimentos feministas que surgem em 1960, sobretudo nos Estados Unidos. As autoras apontam como a historiografia se preocupou, a partir do estudo da história dos gêneros, a trazer para os seus estudos a questão do gênero. Ademais, as autoras destacam a luta feminina por serem reconhecidas além da história, mas também na academia, ganhando um salário mais digno e sendo reconhecidas por suas pesquisas e pelas suas contribuições¹⁵⁹. O debate de gênero então, declara as autoras, enfrentou várias problemáticas ao longo de sua consolidação. Segundo Mistura e Cami, essa diversidade de interpretações de gênero e os debates que envolviam essa denominação fez com que o conceito de “história das mulheres” se expandisse e se tornasse “história dos gêneros”, abarcando para a temática um significado mais amplo, sem perder as discussões que perpassam o feminino. Esses debates vêm a partir das demandas sociais que surgiam para que a história abordasse essas questões em seus estudos e, por consequência da chegada desses estudos na área da historiografia, essa temática social deságua na educação e no que se pensa sobre o estudo do gênero dentro das salas de aula.

A partir disso, passam a ser debatidos os papéis masculinos e femininos na sociedade e a influência de cada um deles dentro dos saberes. A escola, sendo local de trocas e aprendizado, e um local onde os temas, principalmente de cunho sociais, são

¹⁵⁸ *Ibidem*. 2015, p. 926.

¹⁵⁹ MISTURA, Letícia; CAMI, Flávia Eloísa. O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010). *Aedos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 229-246, Jul. 2015, p.237.

debatidos e abordados, tem sempre a demanda de trazer para sala de aula as questões que envolvem o estudo de gênero. Sendo assim, Ginity coloca que a personalidade dos jovens é formada a partir das trocas que eles têm ao longo da vida e que nós somos formados a partir das interações e das ligações que fazemos, além dos artefatos culturais que conhecemos. Por esta razão, o chão da escola e a sala de aula são importantes norteadores de diversas discussões e da formação da personalidade dos jovens durante o seu período de formação. Assim, esses debates sociais, principalmente os debates de gênero, são caros para entender que tipo de indivíduo as escolas estão formando.

Nesse sentido, o livro didático se torna um importante norteador nessa discussão e as narrativas que estão e que não estão contidas em suas páginas passam a ser caras para se discutir o que está sendo debatido nas salas de aula e o quanto as discussões presentes na produção acadêmica estão sendo abarcadas no ensino de história das diversas escolas, públicas e particulares. Não só ter a representação no livro didático se torna uma questão, como a Ginity destaca a forma como as imagens das mulheres são representadas nos livros didáticos vão contribuir para a composição das identidades do alunado.¹⁶⁰

Mistura e Cami, por sua vez, analisam 11 produções didáticas da História do Brasil editadas no período de 1910 até 2010 para averiguar como o estudo de gênero estava sendo representado nos livros didáticos. Tal estudo é relevante por ser um “norteador” a respeito das narrativas expostas dentro da sala de aula. Reconhecendo a importância da questão de gênero, a presença do tema nos materiais didáticos se faz urgente para que possamos cumprir o papel de entregar para sociedade os debates e as questões que a envolvem e a história das mulheres, que por muito tempo foi negligenciada e apagada. Fato é que, com as novas demandas sociais, essas temáticas estão, aos poucos, adentrando as salas de aula. A pergunta que fica é: será que os livros didáticos acompanharam esse debate do gênero e possuem em suas páginas narrativas que contemplam a história das mulheres? Existe protagonismo feminino nos livros didáticos de história ou o masculino continua a prevalecer?

Pode se afirmar, então, a partir das análises apontadas que os livros didáticos distribuídos abordam pouco o assunto, das mulheres dentro de suas especificidades e como apontado por Mistura e Caim, que notaram que a participação das mulheres nos

¹⁶⁰ GINITY, Eliane Goulart Mac Ginity. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015 p.918

livros didáticos era secundária ou quase inexistente, principalmente de mulheres negras e indígenas, que apareciam menos ainda nas menções da figura feminina na história. Ou seja, de acordo com as autoras:

Pode-se constatar, pela análise empreendida sobre a amostra, que a representação do gênero feminino é parca na maioria dos livros; que as mulheres são apresentadas de forma homogênea em várias obras e são ignoradas por completo em muitas outras. Também se observa um “desaparecimento” de algumas das categorias, como as mulheres indígenas e as que compunham o grupo das escravas africanas ou mulheres afrodescendentes, que são absolutamente “eliminadas” da história após a proclamação da República.¹⁶¹

Tendo em mente tais questões a respeito da disparidade de assuntos que tratam a experiência feminina nos livros didáticos, necessita-se de uma alternativa que vai de certa maneira viabilizar essas histórias e trazer para a sala de aula uma maneira de auxiliar os professores com as temáticas que se encontram defasadas nos livros didáticos e dar subsídio para que seja aplicado nas aulas esse material. Assim, a proposta de se trabalhar materiais paradidáticos se faz interessante pela sua especificidade em temáticas e por contemplar de maneira mais lúdica e específicas, temáticas que muitas vezes são deixadas de fora dos livros didáticos. Mas para isso, precisa-se entender o que se trata de um material paradidático e o que ele significa no seu uso e na sua criação.

O termo "paradidático" surgiu na década de 1970 no Brasil, quando editoras começaram a lançar obras que, embora informativas, também buscavam engajar o leitor de forma mais dinâmica do que os livros didáticos tradicionais. A Editora Ática, por exemplo, foi pioneira nessa abordagem ao lançar a Série *Bom Livro*, que tinha o objetivo de incentivar a leitura sem seguir estritamente o currículo escolar. Campello e Silva, em *Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático*, exploram a definição de "paradidático" que definem como sendo complexa e variada, refletindo as controvérsias existentes no uso do termo em diferentes contextos como o uso acadêmico e o uso editorial. De maneira geral, a definição mais correta de um livro paradidático pode ser entendida como um material que visa complementar o ensino, engajando o aluno de

¹⁶¹ MISTURA, Letícia; CAMI, Flávia Eloisa. O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010). *Aedos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 229-246, Jul. 2015, p.243.

maneira lúdica e informativa, sem se restringir às diretrizes rígidas dos livros didáticos tradicionais¹⁶².

Os precursores do paradidático foram, de certa maneira, agregados ao uso da literatura, principalmente quando se fala dos primeiros paradidáticos que saíram. Elas destacam:

Embora o livro paradidático tenha sido assim denominado somente a partir da década de 1970, considera-se que a noção já existisse em alguns livros de Monteiro Lobato, que apresentavam, além de elementos ficcionais, uma intenção pedagógica e utilitarista (DALCIN, 2007). A preocupação de Monteiro Lobato com um ensino divertido e agradável característica do paradidático aparece claramente em *Emília no país da gramática*, publicado pela primeira vez em 1937.¹⁶³

Ou seja, a relação entre livros paradidáticos e a literatura é um tema complexo, já que os livros paradidáticos podem abranger tanto textos literários quanto obras de caráter informativo e alguns deles podem ser considerados interdisciplinares e usados de diferentes formas. No entanto, a natureza do material paradidático não pode ser entendida como “apoio didático” ou “livro informativo”, como as autoras levantam que muitas editoras o fazem. Pois, por mais que a natureza do paradidático seja mais lúdica e acessível a discentes e docentes, ele ainda cumpre com as funcionalidades de um material didático que objetiva a aprendizagem, sendo sua diferença na estrutura, que ao invés de seguir rigorosamente o currículo escolar, abordar conteúdos de maneira mais flexível e criativa e até mesmo temáticas que não aparecem nos livros didáticos. Mas algo que Campello e Silva destacam é que o material paradidático não pode ser um substituto do livro didático e nem lido como um mero complemento para se trabalhar em sala de aula, além de que com o crescimento do mercado editorial, as definições que antes eram mais claras se tornaram “diluídas”, dificultando a identificação e distinção do livro paradidático frente ao livro didático tradicional o que confunde muito o entendimento do que se trata um material paradidático.

¹⁶² CAMPELLO, Bernadete Santos Campello; SILVA, Eduardo Valadares da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. *Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto*, v. 6, n. 1, p.64 - 80, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238 - 5894.berev.2018.143430 p.67

¹⁶³ DALCIN, A. Um olhar sobre o paradidático de Matemática Zetetiké, Campinas, v. 15, n. 27, p. 25 - 36, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/zetetike/article/view/2418/2180>>. Acesso em: 16 fev. 2017. apud. CAMPELLO, Bernadete Santos Campello; SILVA, Eduardo Valadares da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. *Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto*, v. 6, n. 1, p.64 - 80, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238 - 5894.berev.2018.143430 p.68

Então, tendo em conta todas essas questões envolvendo as lacunas dos livros didáticos e a utilização do paradidático, sua relevância e sua pluralidade, o objetivo de se trabalhar um paradidático que propõe o uso da literatura como fonte histórica, bem como seu uso em sala de aula, se torna relevante pois, além de promover a leitura diante da necessidade do incentivo da mesma para com às jovens na atualidade, ele também visa mobilizar a interdisciplinaridade com as matérias como português, redação e literatura, podendo aproximar os diálogos e aprimorar os saberes além de suprir essa deficiência dos materiais didáticos que não falam das mulheres ou se falam excluem uma parcela significativa no seu processo.

Uma proposta de paradidático: História, mulheres e literatura

Tendo em vista o recorrente apagamento da história das mulheres nos materiais didáticos de história e reconhecendo o potencial da literatura se lida como uma fonte histórica, esta monografia prevê a elaboração de um material paradidático sobre a história das mulheres no século XIX na Inglaterra. O material tem como objetivo propor discussões sobre a experiência de mulheres no período oitocentista a partir do conto “O destino de Madame Cabanel”, escrito pela jornalista Eliza Lynn Linton em 1873.

A criação deste paradidático surgiu das inquietações aqui já expostas sobre a falta de representação da história das mulheres no ensino de história das redes pública e privada. Por mais que haja o avanço dos discursos feministas, da produção historiográfica sobre o tema, bem como uma maior representação das mulheres na sociedade, ainda há muito o que se falar sobre a história de mulheres em livros didáticos e paradidáticos que são trabalhados nas salas de aula. Como argumenta Circe Bittencourt, “a escolha dos materiais depende, portanto, de nossas concepções sobre o conhecimento, de como o aluno vai apreendê-lo e do tipo de formação que estamos oferecendo”¹⁶⁴.

O material paradidático desenvolvido ainda não contempla completamente a experiência das mulheres no século XIX por completo, mas já preenche uma lacuna ao se falar da domesticidade, do culto do império, do antifeminismo presente nos jornais do XIX, principalmente enviesados por Eliza Lynn Linton e outras experiências que foram

¹⁶⁴ BITTENCOURT, 2008, p. 299 apud. THOMPSON, Ana Beatriz Accorsi. Os paradidáticos no ensino de História: uma reflexão sobre a literatura infantil/juvenil na atualidade. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016.p.28

destacadas nos capítulos anteriores dessa monografia. Sendo um pequeno passo para pesquisas maiores, esse material prevê levar aos estudantes uma reflexão que pode se aprofundar em outras direções, mas que é um pequeno passo para representação feminina nas salas de aulas, de certa maneira aumentando a voz das mulheres que está sendo apagada pelos materiais trabalhados e de certa maneira na própria produção dos saberes históricos nas salas de aula.

Com isso, explorando os escritos de Linton, objetiva-se levá-los para dentro de sala de aula para debater o que ela estava escrevendo e o que esses escritos dizem sobre a experiência de mulheres na Inglaterra Vitoriana. Pois como levantado por Tavares, a escrita de mulheres no século XIX era uma forma de mostrar a voz, de romper os limites entre o privado e o público, sendo o primeiro o único local aceitável para uma mulher¹⁶⁵. E explorando essa questão, junto às perguntas como: “que mulheres eram essas que podiam escrever? Como e quando ganharam espaço? O que escreviam? A que classe pertenciam?” Que vamos traçar os paralelos entre a fonte, sendo essa o conto de Linton, e a condição feminina do XIX.

O paradidático, além de buscar valorizar essa história das mulheres e agregar no ensino de história de turmas de 3º ano do ensino médio, busca também fomentar a leitura e sala de aula e a aproximação com a literatura. Outros objetivos que este paradidático busca, é dentro da BNCC¹⁶⁶ (Base Nacional Comum Curricular), contemplar as competências específicas de ciências humanas e sociais do ensino médio, especificamente a competência 5, que visa identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos, podemos observar que cabe no processo do ensino e aprendizado dentro de sala de aula.¹⁶⁷ De acordo com essa competência, cabe ao jovem:

¹⁶⁵ TAVARES, Eleuza Almeida; TABAK, Fani Miranda. Literatura e História no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula. 2007.

¹⁶⁶ É um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). - BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p. 7

¹⁶⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p. 570

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. Ao realizar esse exercício na abordagem de circunstâncias da vida cotidiana, os estudantes podem desnaturalizar condutas, relativizar costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional.

Sendo assim, cabe a ela habilidades que permitam que seja desenvolvido essas questões nos jovens como:

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Dividido em 4 encontros, o material apresenta atividades que buscam aprimorar a leitura e interpretação textual, realizar trabalho com fontes históricas (literatura), refletir sobre temáticas ligadas à história, entender o contexto histórico estudado, explorando principalmente as questões que envolvem a vida das mulheres na sociedade oitocentista. O projeto visa abordar questões importantes para historicidade do período fazendo ligação com a atualidade e a vivência dos alunos, buscando levar a eles o entendimento dos próprios estudantes a partir da leitura e interpretação dos contos para que se vejam como sujeitos históricos dentro de uma sociedade e do ambiente em que eles estão inseridos.

Entendemos que a sala de aula, apesar dos planejamentos, é local de diversos saberes e que cada região tem sua peculiaridade, mas para a produção desse material

adotamos o currículo referência de Minas Gerais. Apesar dessa questão, os conteúdos deste material podem ser adaptados para qualquer currículo e também para melhor atendimento do professor com sua sala de aula, tendo em conta o número de aulas em cada plano de ensino e com todos os imprevistos que haja em sala de aula.

A princípio, as oficinas destacadas neste material, são previstas para serem realizadas em sala de aula durante as aulas de história, sendo distribuídas da maneira que o professor melhor achar que se enquadra em seu conteúdo, podendo cada etapa ser realizada de maneira independente, ou seguindo a ordem indicada. Além das aulas de história, o material propõe uma interação entre o ensino de história e o uso de literatura como fonte histórica, podendo ser assim uma possibilidade de interdisciplinaridade com matérias como português, literatura e redação, sendo cada etapa da oficina realizada nas diferentes aulas. No que se trata do ensino de história, de acordo com o currículo referência de Minas Gerais, na unidade temática território e fronteira, é previsto que a temática do imperialismo seja explorada. De acordo com a competência 2, é previsto que se deve: “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.”

Para melhor compreensão, o material foi dividido em duas partes, sendo uma parte voltada para o professor com a aplicação de cada uma das etapas das oficinas e outra parte podendo ser disponibilizada pelo professor para os alunos para que acompanhem o conteúdo produzido por eles com exercícios, recomendações e textos adaptados. Recomendamos que as duas sejam usadas e que os alunos tenham acesso ao seu material para melhor funcionamento das oficinas que vão acrescentar nas aulas de história sendo uma fonte extra de conteúdo para seus estudos. Espera-se que essa proposta atenda as expectativas e auxilie os professores que com ela tenham contato.

É fundamental reconhecer que a inserção de uma perspectiva de gênero no ensino de história não só enriquece a compreensão do passado, mas também contribui para a formação de uma consciência crítica nos alunos, ampliando suas visões sobre as diversas realidades e experiências que compõem a sociedade. A literatura, nesse contexto, emerge como um poderoso instrumento de reflexão e análise, permitindo que os estudantes se conectem emocionalmente e intelectualmente com os relatos históricos, enquanto desenvolvem uma leitura mais crítica e contextualizada do papel das mulheres ao longo do tempo. Por fim, ao integrar essas questões de maneira eficaz no currículo escolar, abre-

se espaço para a construção de uma educação mais inclusiva, justa e representativa, que valorize a diversidade e a pluralidade das experiências humanas.

Referências bibliográficas

ALCIN, A. Um olhar sobre o paradidático de Matemática Zetetiké, Campinas, v. 15, n. 27, p. 25 - 36, jan./jun. 2007. Disponível em:<<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/zetetike/article/view/2418/2180>>. Acesso em: 16 fev. 2017. apud. CAMPELLO, Bernadete Santos Campello; SILVA, Eduardo Valadares da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p.64 - 80, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238 - 5894.berev.2018.143430 p.68

ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel., A interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre a história e a literatura. Fronteiras & Debates. Macapá, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019 ISSN 2446-8215 <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> p.106.apud BORGES 2010.

ANDERSON, Nancy Fix. Eliza Lynn Linton, Dickens, and the Woman Question. The Johns Hopkins University Press. Victorian Periodicals Review, Winter, 1989, Vol.22, No.4 (Winter, 198)

Ardanaz, Eleonora (2009). “Los hombres le temen y con razón”: acerca de la mujer moderna en The Girl of the Period de Eliza Lynn Linton. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

BILSTON, Sarah J. Conflict and Ambiguity in Victorian Women's Writing: Eliza Lynn Linton and the Possibilities of Agnosticism Tulsa Studies in Women's Literature Vol. 23, No. 2 (Fall, 2004), Doi: <https://doi.org/10.2307/20455191>

BITTENCOURT, 2008, p. 299 apud. THOMPSON, Ana Beatriz Accorsi. Os paradidáticos no ensino de História: uma reflexão sobre a literatura infantil/juvenil na atualidade. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016.p.28

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Tradução de Lilia Moritz Schwarcz. - 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BROOMFIEL. Andrea L. Much more than an antifeminist: Eliza Lynn Linton's contribution to the rise of Victorian popular journalism. Cambridge University Press. Victorian Literature and Culture. 2001, Vol.29. No. 2 (2001).

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAMPELLO, Bernadete Santos Campello; SILVA, Eduardo Valadares da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p.64 - 80, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238 - 5894.berev.2018.143430 p.67.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso De Miranda. A história Contada. Capítulos de história social da literatura no Brasil. Editora Nova Fronteira..1998.

CORREIRA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). História e Ensino, Londrina, v.18. n.2.p.179-201, jul./dez.2012.

Davis, Graeme. Eliza Lynn Linton In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christin a Rocque da Motta - 1º.ed. - São Paulo: Jangada, 2021

LINTON, Eliza Lynn. O destino de madame Cabanel. In: Mais mortais que os homens: Obras-primas do terror de grandes escritoras do século XIX / Graeme Davis; introdução à edição brasileira, tradução e notas Thereza Christina Rocque da Motta - 1^o.ed. - São Paulo: Jangada, 2021

ESTEVES, Lainister de Oliveira. *Literatura nas sombras: usos do horror na ficção brasileira do século XIX*, 250 f.: il.; 30 cm. Orientador: Andrea Daher Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2014

ESTEVES, Lainister de Oliveira. (2020). THE MYSTERIES OF UDOLPHO: O SOBRENATURAL COMO PROBLEMA LITERÁRIO. *Revista De Estudos De Cultura*, 5(16), 51–64.

FANU, Joseph Sheridan Le. Carmilla: a vampira de Karnstein; traduzido por Giovana Mattoso. – Cotia: Pandorga, 2021.

FILHO, Pedro Pio Fontineles. Linguagens de Clio: práticas pedagógicas entre a literatura e os quadrinhos no ensino de história. *Revista História Hoje*, V.5, n^o9, p.285-308.2016

FONSECA, S. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizado. Campinas, SP: Papirus, 2003. Apud CORREIRA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). *História e Ensino*, Londrina, v.18. n.2.p.179-201, jul./dez.2012.p.197.

Gal. 2013. p.49 apud Eliza Lynn Linton, “The Girl of the Period” in *The Girl of the Period and Other Social Essays* (London: Richard Bentley & Son, 1883.

GAL, Ana-Gratiela. "Masquerading from the Periphery: Literary and Visual Representations of Performative Vampiric Corporeality in the Anglo-American Gothic Tradition, 1816 - 2013. University of Memphis. 2013. Electronic Theses and Dissertations. 792., p.47 apud Pamela Gilbert, *Disease, Desire, and the Body in Victorian Women's Popular Novels* (New York: Cambridge University Press, 1997).

GAY, Peter. “Prólogo” e “Epílogo”. In: *Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.11-28 e pp.141-156.

GINITY, Eliane Goulart Mac Ginity. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015.

GINZBUG, Carlo. O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguar e Eduardo Brandão. 1^o reimpressão. Companhia das letras. 2007.

Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em *Drácula* (1897), de Bram Stoker *História Unisinos*, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil.

HOBSBAWM, Eric J. Era dos impérios. tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOUGHTON Walter. Periodical Literature an the Articulate Classes. Shattock and wolff 3-7 apud BROOMFIELD, Andrea L. Much more than an anti feminist: Eliza Lynn Linton's Contribution to the Rise of Victorian Popular Journalism. *Victorian Literature and Culture*, 2001, Vol.29 No.2 (2001), p.270.

INSTITUTO PRÓ- LIVRO (IPL) E MINISTÉRIO DA CULTURA(MINC). 6^o pesquisa Retrato da leitura no Brasil. [IBOPE Inteligência (2007-2019), Ipec (2024)] Versão 2024. URL: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf

Klein, Indaiá Demarchi. Orientadora: Aline Dias de Silveira. 2018. 74 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 20198. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190935>. Acesso em: 24 jan. 2023.

LEOPOLDINO, Maria Aparecida A leitura de textos literários no ensino de história escolar: entrelaçando percursos metodológicos para o trato com os conceitos de tempo e espaço. *Revista História Hoje*, v.4, n/8, p.130-151.2015.

LIBERATO, Ermelinda. Wollstonecraft, uma defensora dos direitos das mulheres: : a propósito do livro. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 58, p. e205819, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664380>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MAIA, Marília Milhomem Moscoso. Vampirism and lesbianism in *Carmilla* by Joseph Sheridan Le Fanu. *European Journal of Literature, Language and Linguistics Studies*. Volume 3.2020.

MARTINS, APV. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MARTINS, Ludimila Rolim; MORAES, Keyze Cristine. UM CONTO FANTÁSTICO: “LA MORTE AMOUREUSE”, DE THÉOPHILE GAUTIER. *Academia.ufu*.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Melo, A. P. B. de. (2018). Mulheres, loucura e escrita no século XIX: um estudo sobre a obra *O papel de parede amarelo* de Charlotte Perkins Gilman (1892). *Mundo Livre: Revista Multidisciplinar*, 4(2), 48-57. Recuperado de <https://periodicos.ufrb.br/mundolivre/article/view/39966>.

MISTURA, Letícia; CAMI, Flávia Eloisa. O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010). *Aedos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 229-246, Jul. 2015.

PEREIRA, Fernanda de Fátima Fernandes. Literatura e História- Uma combinação perfeita para um diálogo interdisciplinar de saberes. *Anais do 21º encontro de História da ANPUH – Rio: História, democracia, igualdade e diversidade*. Rio de Janeiro. ANPUH-Rio. 2024.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

ROSSI, Aparecido Donizete. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesas e norte-americanas: um panorama. *Revista de Letras*, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 55-76, jul. 2008. ISSN:1982-7717 Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5128> .

SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. *A leitura e o livro didático*. São Paulo: Global, 2003.

SILVA, Evander Ruthieri S. da. *Degeneracionismo, variação social e monstrosidade na literatura de horror de Bram Stoker (1847 - 1912)* / Evander Ruthieri Saturno da Silva. Curitiba, 2016.

TAVARES, Eleuza Almeida; TABAK, Fani Miranda. *Literatura e História no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula*. 2007.

O HORROR DAS MULHERES

A CONDIÇÃO FEMININA NA LITERATURA GÓTICA:

O DESTINO DE MADAME
CABANEL (1873), ELIZA LYNN
LINTON



POR:
ANAMARIA
DOMINGUES
OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO DE:
ANA FLÁVIA
CERNIC
RAMOS

Esse trabalho tem como objetivo analisar contos góticos escritos por mulheres no século XIX, especialmente entre os anos 1872 e 1873, com a finalidade de investigar os medos e anseios sociais presentes nas escritas da literata Eliza Lynn Linton e do escritor Joseph Sheridan Le Fanu.



Introdução

ETAPA I

Século XIX, o gótico e o imperialismo

ETAPA II

Leitura e interpretação: O destino de Madame Cabanel

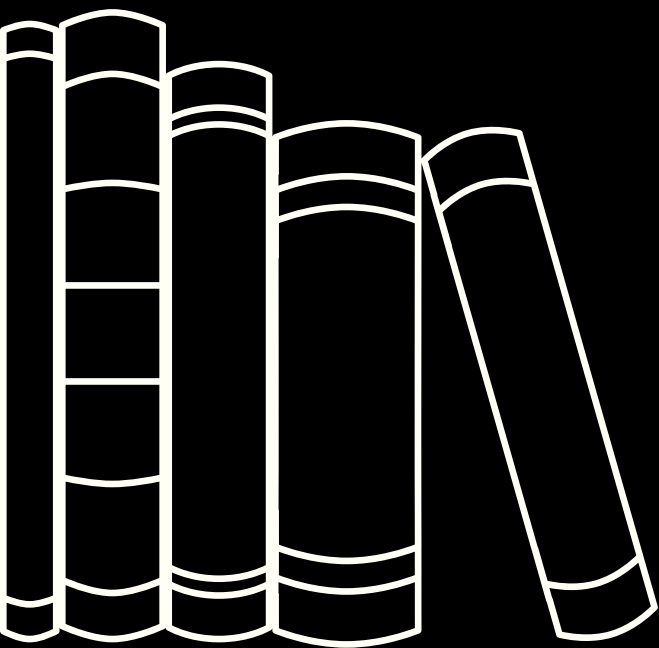
ETAPA III

Trabalhando o conto: experiência feminina no XIX

ETAPA IV

Atividade final

Material do aluno



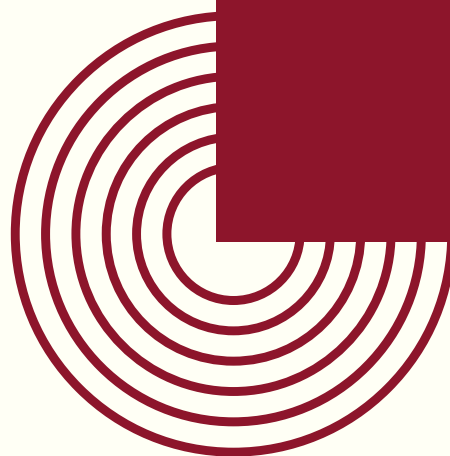
Apresentação ao professor

Este material pedagógico foi desenvolvido durante o processo de elaboração do trabalho de conclusão de curso para graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia em 2025. Amparado por uma pesquisa sobre a temática da condição feminina no século XIX, com um olhar na literatura oitocentista, este paradidático busca levar para sala de aula olhares sobre a experiência de mulheres no contexto do imperialismo britânico, do advento da ciência e do capitalismo, bem como propor o uso da literatura como fonte histórica para compreender o século XIX. A pesquisa “O horror das mulheres e a condição feminina na literatura gótica: O destino de Madame Cabanel (1873), de Eliza Lynn Linton”, que fundamenta esse material, teve como objetivo central analisar contos góticos escritos por mulheres no século XIX, especialmente entre os anos 1872 e 1873.

Buscou-se investigar os medos e anseios sociais nas histórias contadas por Eliza Lynn Linton (1822-1898). O trabalho analisa o conto “O destino de Madame Cabanel” (1873), presente na coletânea *Mais mortais que os homens*, publicado pela editora Jangada em 2021. A proposta foi entender a perspectiva das mulheres nas histórias de horror e a condição feminina apresentadas nesses contos. Entre os temas de interesse estavam as relações de poder, família, xenofobia e violência.


Dessa maneira encontra-se o cerne desse material uma análise também de temas que emergem dos contos, tais como cidadania, racismo e imperialismo. A pesquisa que deu origem ao presente material buscou, assim, perceber como esses elementos são incorporados nas características da literatura gótica, produzida por mulheres, no século XIX.

O presente material, fundamentado nessa pesquisa, visa instigar nos alunos a reconhecer na literatura também um produto cultural historicamente datado, bem como fazê-los refletir sobre as dinâmicas da investigação histórica, buscando despertar, de forma lúdica, mas ao mesmo tempo crítica, a percepção sobre as temáticas presentes no conto escrito por Eliza Lynn Linton. Inicialmente, a dinâmica do material prevê para que sejam analisados os contos “O destino de Madame Cabanel” (1873) e “Carmilla” (1872). As duas histórias trazem como protagonistas mulheres que são acusadas de serem vampiras e são assassinadas como punição por seus atos.



Pensado para ser executado em 4 etapas com os alunos, o material apresenta atividades que buscam aprimorar a leitura e interpretação textual, bem como incentivar o trabalho com fontes históricas (no caso a literatura), refletindo a partir delas sobre temáticas ligadas à história. A ideia é ampliar o entendimento sobre o período histórico estudado, explorando principalmente as questões que envolvem a vida das mulheres na sociedade oitocentista que muitas vezes não estão nos livros didáticos e que não são muito exploradas em sala de aula. Objetiva-se assim colocar em debate histórias que muitas vezes não estão presentes no cotidiano escolar, destacando, dessa forma, a importância e a relevância de trazer sujeitos que ficaram por muito tempo às margens das narrativas históricas presentes nos materiais didáticos.

A ideia é abordar questões importantes do período estudado a partir do conto, mostrando a historicidade desta fonte histórica. Propõe-se também tentar fazer uma ligação com a atualidade e a vivência dos alunos, buscando instigar neles uma leitura crítica, uma consciência histórica, para que eles se vejam como sujeitos históricos dentro de uma sociedade e do ambiente em que eles estão inseridos.



Entendemos que a sala de aula, apesar dos planejamentos, é local de diversos saberes e que cada região tem suas peculiaridades, mas para a produção desse material adotamos o currículo do Estado de Minas Gerais como referência. Apesar dessa questão, os conteúdos deste material podem ser adaptados para qualquer currículo em história, visando um melhor aproveitamento do professor com sua sala de aula, levando em conta o número de aulas em cada plano de ensino.

A princípio, as oficinas destacadas neste material, são previstas para serem realizadas em sala durante as aulas de história, sendo distribuídas da maneira que o professor melhor achar que se enquadra em seu conteúdo. Ou seja, o material prevê uma flexibilidade de seu uso, conforme as necessidades de cada professor. Assim, cada etapa pode ser realizada de maneira independente ou seguindo a ordem indicada. Além das aulas de história, o material propõe uma interação, ou interdisciplinaridade, entre o ensino de história e o de Literatura. Ou seja, é possível a articulação com disciplinas de Português e Redação. É possível, inclusive, que as diferentes etapas da oficina sejam realizadas em diferentes aulas e não só as de História.

No que diz respeito ao ensino de História, o material está de acordo com o currículo referência de Minas Gerais, na unidade temática “Território e Fronteira”, quando está previsto que a temática do imperialismo seja explorada. De acordo com a Competência 2, deve-se: “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações”. Com isso, as competências específicas preveem tal conteúdo são:

EM13CHS201- Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. Imperialismo. Revolução Russa. Primeira Guerra Mundial.

EM13CHS206 - Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

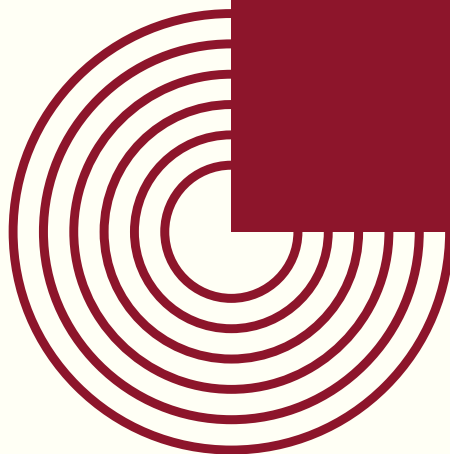
Destaca-se, assim, a importância da aderência desse material didático, uma vez que ele contempla esse período está de acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), em especial nas Competências Específicas de Ciências Humanas e Sociais do Ensino Médio, especificamente a Competência 5, que visa “identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos, podemos observar que cabe no processo do ensino e aprendizado dentro de sala de aula” principalmente na história das mulheres. De acordo com essa competência, cabe ao jovem:

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. Ao realizar esse exercício na abordagem de circunstâncias da vida cotidiana, os estudantes podem desnaturalizar condutas, relativizar costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional.

Segundo essas prerrogativas, devem ainda se desenvolver as seguintes competências específicas:

EM13CHS501- Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

EM13CHS502 - Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.



EM13CHS504 - Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Para melhor compreensão, o material foi dividido em duas partes, sendo uma parte voltada para o professor, com a aplicação de cada uma das etapas das oficinas, e outra parte podendo ser disponibilizada para os alunos, para que eles acompanhem o conteúdo produzido com exercícios, recomendações e textos adaptados. Esperamos que o material atenda às expectativas e auxilie os professores que com ele tenham contato.

Agradecemos. Boa leitura!



ETAPA I

Caro (a) professor (a), este é o roteiro da realização da primeira etapa da atividade proposta. Nessa etapa, o objetivo é apresentar aos alunos o tema da oficina e reconhecer seus conhecimentos prévios sobre o imperialismo e o século XIX, testando suas experiências. A ideia é que a oficina ocorra quando os alunos já tiverem tido contato básico com a temática prevista no currículo, para que os temas debatidos aqui sejam um complemento.

Objetivos →

- Avaliar conhecimento prévio da turma sobre Imperialismo e século XIX;
- Introduzir conceito de literatura como fonte histórica;
- Estabelecer diálogos e conexões entre literatura e história;
- Introduzir conto aos alunos.

MATERIAL UTILIZADO ↓

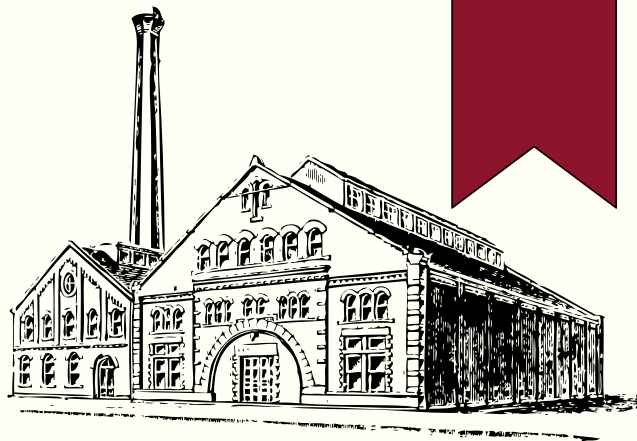
Voz
Quadro
Giz ou Pincel
Eventuais textos selecionados sobre o século XIX (artigos, trechos de livros) - para aprofundamento do docente sobre a temática (Veja as sugestões de leitura listadas)

Recomendações

Para a realização das atividades deste encontro, aconselha-se organizar pedir para que a turma tome notas durante a exposição. Recomenda-se que o docente use o quadro para anotar as principais ideias que estejam surgindo da discussão para instigar a participação dos alunos e movimentar o diálogo.

Passo 1

IMPERIALISMOS NO SÉCULO XIX



Nesta etapa, o professor deve fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o século das revoluções e a visão de progresso. O objetivo é desenvolver e organizar os saberes dos alunos, direcionando o debate para questões sobre imperialismo, ciência, Iluminismo, o advento do Capitalismo e, se der tempo, questões envolvendo o papel das mulheres nas fábricas, nos movimentos sociais e em outros lugares naquela sociedade. Nesse momento, o professor deve, de forma expositiva, conduzir a aula para contextualização dos alunos com o período, instigando suas lembranças sobre personagens ou eventos que remetam à atuação de mulheres

Temáticas principais:

- Influências iluministas e pensamentos do século da luz;
- Revolução Industrial: suas fases, e impactos sociais: urbanização;
- Destacar as mudanças no ethos da sociedade.



AO PROFESSOR: Anotar as palavras no quadro em formato de mapa mental para fixação. Estimular o aluno a montar esse mapa mental em suas anotações também. **Sugestão:** aplicar atividades 1 e 2 do material do aluno.

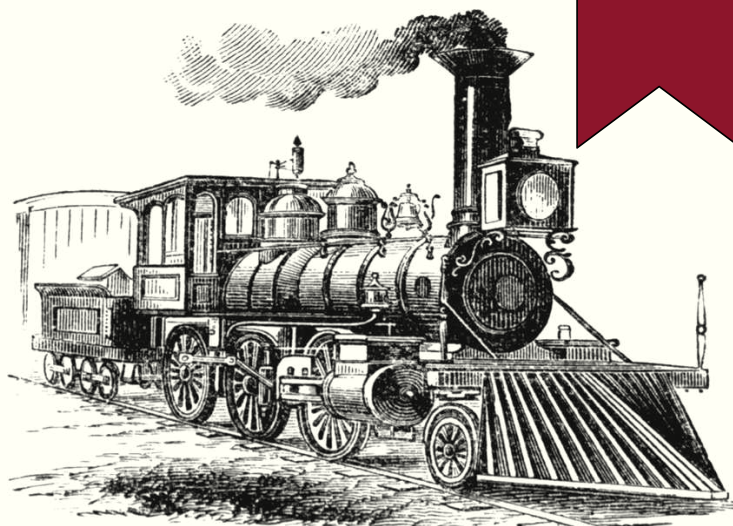


Bibliografia sugerida

- FERRO, Marc. História das colonizações.
- HOBBSBAWM, Eric J. Era dos impérios. tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- SAID, Edward. "Prefácio" e "Introdução". In: Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978]
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. in: O fenômeno urbano. Zahar Editores. Rio de Janeiro. Organização e introdução de Otávio Guilherme Velho. 1973. 2ª edição.
- SAID, Edward. "Visão consolidada". In: Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Passo 2

GÓTICO, HORROR E MEDO



Em 1784, Horace Walpole inaugurou o gênero do romance gótico com sua obra “O Castelo de Otranto”. Esse novo estilo literário, com raízes nas novelas inglesas, refletia os anseios e medos da sociedade do século XIX, marcada pela industrialização intensa e a repressão emocional.

O gótico se estrutura principalmente em três elementos: terror, medo e horror, que criam uma atmosfera de suspense por meio da combinação entre o irracional e o real. Segundo Aparecido Donizete Ross, essa fusão desperta no leitor sensações intensas, aproximando-o da narrativa.

Caracterizado por elementos sobrenaturais, o gênero explora cenários sombrios como castelos antigos, florestas isoladas e ambientes enevoados, além de figuras simbólicas como bruxas, vampiros e gatos pretos. Esses recursos constroem uma ambientação tensa, envolvendo o leitor em um universo onde o medo é a principal emoção evocada.

Nessa etapa 2, será trabalhado com os alunos o que é a literatura gótica. Serão debatidos temas como: as características do gótico, seu sucesso junto ao público e sua importância artística. Importante destacar as relações desse gênero literário com seu tempo histórico. Importante pensar como este gênero literário pode ser relacionado ao tema “mulheres”.

Deve-se fazer um reconhecimento do que os alunos já sabem sobre o gótico, levantando nomes de autores importantes para o gênero, obras famosas, etc. Enfatize se eles conhecem mulheres na autoria dessas histórias. Explore nessa etapa as referências bibliográficas indicadas e trabalhe o imaginário dos alunos com o gênero.

Temáticas principais:

- Contextualização do gênero e de sua criação;
- Relações históricas com o período oitocentista;
- Principais obras e nomes;
- Possibilidades de uso como fonte historiográfica.



Referências que podem ser usadas:

- ESTEVES, Lainister de Oliveira. Literatura nas sombras: usos do horror na ficção brasileira do século XIX VIII, 250 f: il.; 30 cm. Orientador: Andrea Daher Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2014. Referências: f. 236–249.
- FRANÇA, Julio. O Gótico e a presença fantasmagórica do passado. In: ABRALIC, 15, 2017a
- ROSSI, Aparecido Donizete. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesas e norte – americanas: um panorama. Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 55–76, jul. 2008. ISSN:1982–7717.

Passo 3

O SÉCULO DOS IMPÉRIOS

Nessa etapa, é importante destacar o que era o imperialismo. É preciso que os alunos entendam o papel dos países imperialistas, principalmente o papel da Inglaterra, por ser o locus principal das histórias do gênero e ser o local no qual se passa o conto a ser analisado. Entender os processos de dominação, as escalas de poder e a manutenção do patriarcado que aconteciam neste período é o principal para a etapa.

Sugestão: Aplicar atividade 4 do material do aluno.

Referências que podem ser usadas:

- FATURI, Fábio Rosa. O Imperialismo e a aula de História. Revista Latino-Americana de História Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial by PPGH-UNISINOS
- Podcast História em Meia hora. Ep. Imperialismo Europe
<https://open.spotify.com/episode/7DqSD2b2Q2TOL8YDdWA2Hc?si=2e862e83c8ff405a>
- GAY, Peter. “Prólogo” In: Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.11–28 e pp.141–156.
- GINZBUG, Carlo. O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguar e Eduardo Brandão. 1º reimpressão. Companhia das letras. 2007.



Fonte: Victorian Secrets

ELIZA LYNN LINTON (1822-98)

A A U T O R A

Linton e o jornal

Linton consolidou uma carreira longa e satisfatória no escritos para jornais. Trabalhando para periódicos como Household Words e Temples Bar, ela escreveu ao lado de nomes como Charles Dickens. A autora pavimentou um caminho longo e consolidado nos jornais, com um posicionamento irônico e considerado muitas vezes sarcástico, Linton ficou conhecida por suas matérias polêmicas, principalmente no que se trata do direito das mulheres.

Sobre a autora

Eliza Lynn Linton, nascida em 10 de fevereiro de 1822, foi uma escritora Inglesa que ganhou notoriedade tanto no âmbito da literatura quanto do jornalismo. Conhecida por ser a primeira mulher a receber salário como jornalista no Reino Unido, se emancipou desde cedo e trabalhou como jornalista e escritora até o fim de sua vida em 14 de julho de 1898.

Feminismo e emancipação

Os embates na vida da autora são diversos e esta é muito conhecida por sua personalidade anti feminista e por seus posicionamentos contrários ao direito das mulheres na época, mesmo sendo uma mulher emancipada e possui privilégios que não eram concebidos a todas as mulheres na época. No entanto, pesquisas atuais apontam que tais posicionamentos de Linton, podem ter sido por conveniência da escrita a fim de consolidar sua carreira como escritora e jornalista. Sua mais famosa obra sobre a temática, "The girl of the period" foi publicada em 1868.



Sugestão de atividade



PASSAR PARA OS ALUNOS A ATIVIDADE DO PARA CASA INDICADA NO MATERIAL DO ALUNO.



Mais informações sobre Eliza Lynn Linton acessar:

Oliveira, Anamaria Domingues. O horror das mulheres: O horror feminino do século XIX a partir de análises de contos de escritoras de literatura gótica (1872-1873) – Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

ETAPA II

TEMA: O destino de Madame Cabanel – Leitura e interpretação

MATERIAL UTILIZADO

Voz
Quadro
Giz ou Pincel
O destino de Madame Cabanel -
Conto impresso

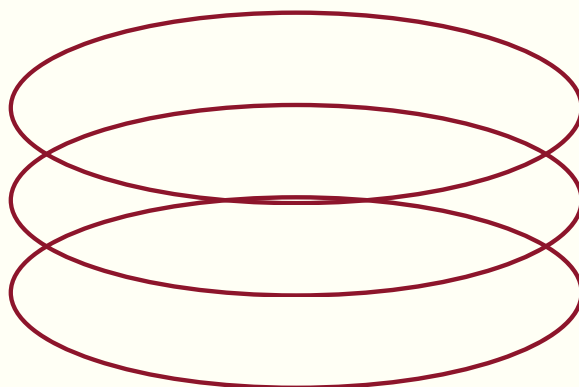
Recomendações

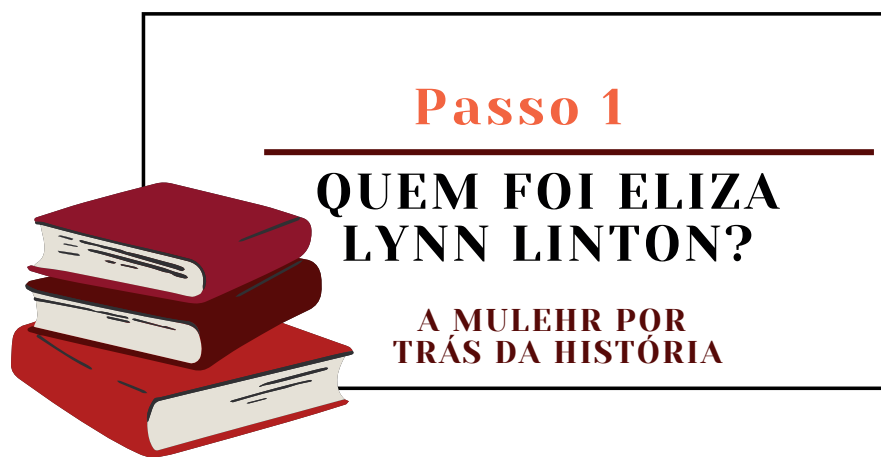
Para a realização das atividades deste encontro, aconselha-se organizar a turma de forma circular a fim de proporcionar uma melhor experiência de leitura e uma proximidade maior durante a atividade. Recomenda-se que o docente intercale entre os alunos e dê oportunidade para que todos leiam uma parte do conto e que durante a leitura, haja a interpretação e interação dos alunos, deixando que comentários e indagações sejam bem vindos.

Caro (a) professor (a), nesta etapa vamos trabalhar o conto "O destino de Madame Cabanel" (1873), de Eliza Lynn Linton. Por essa razão, é essencial que a leitura do mesmo seja feita pelos alunos. Recomenda-se, que a leitura seja feita em conjunto em sala de aula, para estimular a leitura e captar as primeiras impressões do conto. Caso não haja tempo hábil para realização da etapa, a leitura pode ser recomendada para ser feita em casa, dando sequência ao debate nas aulas seguintes.

Objetivo

- Trabalhar a comunicação, a leitura, a participação e estimular a imaginação dos alunos diante do conto.
- Estabelecer diálogos sobre os pontos principais do conto para uma discussão histórica;
- Introduzir os alunos ao debate acerca da condição feminina do XIX.





Caro professor,

Tendo em vista a atividade encaminhada para casa no encontro anterior, recomenda-se que esta etapa se inicie com a correção dos textos produzidos pelos alunos. A sugestão é que o regente da turma indique que alguns alunos façam a leitura do seu texto ou falem livremente fatos que acham considerem importantes para o entendimento de quem foi Eliza Lynn Linton. Nesse momento, é importante lembrar de alguns pontos principais como:

- Sua personalidade antifeminista;
- Seus escritos sobre as mulheres no século XIX como sua obra “The Girl of the period” (1868) na qual consolidou sua personalidade antifeminista para seu público;
- Seu forte nacionalismo e a sua colaboração com a manutenção do patriarcado e falas contra o direito das mulheres.

Essas informações, são importantes para a interpretação do conto e o diálogo do mesmo em sala de aula com os alunos. Destine um tempo da aula para essa discussão. Caso não seja contemplados todos os tópicos acima sobre a vida e trajetória de Linton, destacar para os alunos de forma rápida esses pontos para dar continuidade na atividade.



Para mais informações sobre Eliza Lynn Linton consultar:

Oliveira, Anamaria Domingues. O horror das mulheres: O horror feminino do século XIX a partir de análises de contos de escritoras de literatura gótica (1872-1873) – Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.



Passo 2

LEITURA E REFLEXÃO


“O DESTINO DE MADAME CABANEL”

Vamos a leitura!

Nesse momento deve ser realizada a leitura do conto “O destino de Madame Cabanel”, da escritora inglesa Eliza Lynn Linton. Importante que nesta etapa se faça uma contextualização com os alunos sobre o ano em que o conto foi escrito (1873), o local em que se passa (Inglaterra) e focar em destacar os principais pontos da narrativa durante a leitura. Inicialmente está prevista uma leitura conjunta (caso a leitura tenha sido realizada previamente em casa, esse momento pode ser uma releitura de alguns pontos importantes do conto) e recomenda-se que se atentem as principais questões inicialmente:

- Quem são os personagens principais? Qual sua importância na trama?
- Qual a ambientação do conto? Em que período ele se passa?
- Qual o (os) elemento (s) de horror presente (s) no conto?
- O que motiva a acusação movida contra a personagem principal?
- Qual o climax da história?
- Qual sua opinião sobre os acontecimentos da narrativa?

Agora já na roda de conversa, inicia-se a leitura entre os alunos de forma intercalada.

 **AO PROFESSOR:** Após o momento de leitura, debater um pouco com os alunos o que acharam da leitura do conto tendo em vista as perguntas levantadas. Atentar-se às indagações e possíveis diálogos que possam surgir e a partir deles conduzir a discussão.



O conto “O destino de Madame Cabanel” pode ser encontrado na coletânea *Mais Mortais que os Homens*, publicado pela editora Jangada e organizado por Graeme Davis. Publicado no ano de 2021, com introdução brasileira, tradução e notas de Thereza Christina Rocque de Motta, o livro se trata de uma coletânea de contos de horror do século XIX escritos por mulheres no período. Entre as autoras reunidas na coletânea estão Louisa May Alcott, Charlotte Perkins Gilman, Mary Cholmondeley, Mary Austin, Alice Rea, Mary Elizabeth Braddon, entre outros nomes reunindo no total contos de autoria feminina.



Passo 3



LEITURA E REFLEXÃO

“O DESTINO DE MADAME CABANEL”

Após a leitura do conto e de algumas reflexões, vamos pensar alguns outros pontos importantes para esse debate:

- Qual a temática principal do conto?
- Qual período histórico é o pano de fundo dos eventos da narrativa?
- Qual relação podemos fazer com os debates do encontro anterior?
- Quais aspectos você destaca como importantes para o decorrer da história?
- O que na sua opinião é o que mais “dá medo” nessa história?

A partir das perguntas acima, recomende que os alunos façam um resumo breve respondendo-as e deixando sua opinião a respeito da leitura do conto em sala.



AO PROFESSOR: Disponibilizar folha aos alunos pois serão recolhidas e avaliadas como pontuação e participação.

Aqui aplicar a atividade de número 5 e 6 do material do aluno
Pontos a explorar:

- A experiência feminina no século XIX, recorte de trechos do conto.
Habilidades a desenvolver:
- Análise junto aos alunos;
- Trabalho na leitura e interpretação de texto
- Reunião de saberes adquiridos nas unidades anteriores.

Etapa III

TEMA: A condição feminina no século XIX

Caro (a) professor (a), nesse momento o foco é explorar a história das mulheres no século XIX. Vamos abordar questões sobre a condição feminina no século XIX, levando em consideração a influência do Imperialismo e as relações de poder no âmbito público e privado presentes na sociedade oitocentista e entender conceitos como "culto da domesticidade", "anjo do lar" e "império do sabonete", importantes para se entender o conto discutido em sala.

Temáticas a desenvolver →

- Culto da domesticidade;
- "Anjo do lar"
- Movimento feminista e antifeminista;
- Imperialismo;
- Patriarcado.

MATERIAL UTILIZADO ↓

Voz
Quadro
Giz ou Pincel
Textos selecionados a condição feminina no XIX (artigos, trechos de livros)
Material do aluno anexo a essa unidade

Recomendações

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstruosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em Drácula (1897), de Bram Stoker História Unisinos, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil

Passo 1

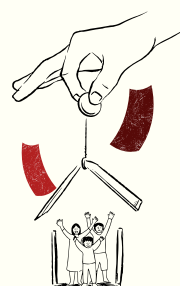
CONCEITOS

CONDIÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX



Aqui estão alguns conceitos importantes para se entender a condição feminina no século XIX, marcada, entre outras coisas, pelo chamado “culto da domesticidade”, a ideia de “anjo do lar”, bem como pela propaganda imperialista. É importante se atentar a esses conceitos, já que eles nos ajudam a entender melhor o que a Inglaterra oitocentista pensava sobre o lugar da mulher na sociedade, os papéis que ela deveria desempenhar, o que garantia sua sobrevivência nesse período.

CULTO DA DOMESTICIDADE



Se trata de um conjunto de ideologias e práticas que surgiram principalmente no século XIX na Europa e nos Estados Unidos. Esse conceito está ligado à forma como a sociedade ocidental patriarcal idealizava e estruturava as funções e papéis de gênero na vida doméstica. Ademais, o culto da domesticidade foi uma estratégia crucial para manter e justificar a dominação masculina e colonialista durante o auge do Império Britânico [1].

Voltado à ideia de uma família onde o patriarca provia o sustento da casa e às mulheres da família ficavam reservadas com as funções da manutenção do lar, a realização dos afazeres domésticos, restringindo-as a situações de condição de servidão. Esse culto glorificava a ideia da mulher como guardiã do lar e da moralidade, atribuindo-lhe responsabilidades como cuidadora dos filhos, gerente do lar e zeladora dos valores familiares. Um verdadeiro “anjo do lar”. Essa idealização da esfera doméstica como o “reino natural” da mulher servia para reforçar a supremacia masculina nos espaços públicos, já que a estes eram atribuídos papéis a serem ocupados na política, nos negócios e na expansão do Império.

[1] MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.218

Importante nesse momento aplicar o conceito de domesticidade apresentado por Anne McClintock em “O couro imperial”. Dar ênfase especialmente na construção da família, o papel da mulher no lar, a restrição dos espaços públicos para figura feminina e a alta valorização do espaço doméstico e atribuição das obrigações da casa direcionadas à mulher.

Destaque aqui o papel do império na criação desse culto e aspectos que cercam e asseguram a sua manutenção na sociedade oitocentista. Sinta-se livre na exposição para usar o material indicado, mas caso sinta necessidade, traga exemplos de charges, propagandas no século XIX e outras fontes que possam servir de apoio na explicação.

Passo 2

MULHERES E O IMPERIALISMO

McClintock coloca que duas coisas acontecem nas últimas décadas do século XIX: as mulheres desaparecem do Império e os colonizados são feminizados por sua associação com o serviço doméstico.^[2] Ou seja, os trabalhadores domésticos e os espaços de tarefas "femininas" ainda são colocados sob a responsabilidade da mulher e atrelado a sua imagem.

^[2] MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.325

Tal reflexão acaba perpassando a vida das mulheres e a maneira com que essas se transformam também em um signo dentro do culto da domesticidade, atribuindo-se a elas um caráter de servidão, limpeza, pureza e sensibilidade. Em oposição, está a criação da imagem do homem explorador, que sai de casa, desbrava os ambientes e que passa para a sociedade a imagem de forte e provedor. Como levantado por Evander Ruthieri S. da Silva quando ele colcoa:

"A agressividade masculina e suas façanhas no campo de batalha, na indústria ou na política, por outro lado, são elementos expressivos da crença oitocentista na via do progresso, ao mesmo tempo em que o caminho para a decadência seria pavimentado pelas forças (ou pelas fraquezas) femininas."^[3]

^[3] Gruner, Clóvis; da Silva, Evander Ruthieri S. História e Literatura: monstrosidades femininas, degenerescência e ansiedades modernas em Drácula (1897), de Bram Stoker História Unisinos, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 183-193 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil. p.188

Referências que podem ser usadas: MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Capítulos:

- "Massa" e as criadas - Poder e desejo na metrópole imperial.
- Couro imperial - Raça, travestismo e o culto da domesticidade
- O império do sabonete - Racismo mercantil e propaganda imperial.

Nessa etapa destaca-se o papel da mulher no século XIX e o que o império influenciou a vida dessas mulheres oitocentistas. É interessante relembrar a imagem do homem conquistador, a construção do patriarcado, da imagem de superioridade masculina, o poder na mão de poucos e a imagem da mulher colocada canonizada como "rainha do lar".



Passo 3



"ANJO DO LAR"

Expressão usada para denominar a imagem da mulher inglesa ideal, que era dócil, amável, que se dedicava as funções da casa, da família e se mantinha dentro dos padrões estabelecidos pelo culto da domesticidade disseminado pelo ideal imperialista da época que restringia o espaço doméstico as mulheres e aos homens cabia desbravar as terras, conquistar os espaços públicos e assegurar o bem estar da família e sustento da casa.

Referências que podem ser usadas:

- SILVA, Evander Ruthieri S. da. Degeneracionismo, variação social e monstrosidade na literatura de horror de Bram Stoker (1847 - 1912) / Evander Ruthieri Saturno da Silva. Curitiba, 2016. p.99



Extra

- Usar imagens como exemplificação;
- Usar pedaços de artigos como exemplificação;
- Usar o quadro para definir conceitos e principais tópicos a serem lembrados.

MATERIAL DE APOIO



“Anjo do lar” – a mulher como rainha do espaço doméstico
Fonte: Pintura de Eugenio Zampighi, “Idyllic Family Scene with Newborn” (séc XIX).



As chamadas “luvas de lavanda”, mulheres que não precisavam se preocupar com status sociais e afazeres domésticos. Fonte: “Hora da Música”, de Oscar Pereira da Silva (Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo).



FIGURE 3.13 CULLWICK AS A DRUDGE.

Fig.3.13. Cullwick lavando o chão.

Culto da domesticidade – Fonte: O couro Imperial, McClintock Anne



FIGURE 3.16 THE PARAPHERNALIA OF DOMESTIC FETTERISM.

Fig.3.16. A parafernália do fetichismo doméstico

Culto da domesticidade – Fonte: O couro Imperial, McClintock Anne

CONCEITOS

CONDIÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX



O IMPÉRIO DO SABONETE

A propaganda de sabão oferece uma alegoria do processo imperial como espetáculo.” (McClintock, 2010, p. 317)

Interessante nesse momento dar um destaque para propaganda imperialista, com o advento do capitalismo e a forte mão de obra nas fábricas, as propagandas da época serviam como manutenção da imagem imperialista. A propaganda do sabão é indicada devido ao apoio da bibliografia de McClintock, que descreve esse momento do “império do sabonete” como uma jogada das marcas de sabão que apoiavam as ideias do imperialismo de supremacia da limpeza e da pureza tanto das mulheres, como mostra a imagem abaixo onde ilustra o momento onde uma mulher levanta e faz sua higiene matinal destacando a damas recatada e pura, que preza pela sua limpeza, a limpeza da casa, dos filhos e mantém tudo em ordem dentro do culto doméstico e são destacadas como um exemplo para outras mulheres na sociedade.



Mas não so as propagandas do sabonete Pears destaca esse culto a domesticidade, mas também destaca uma veia racista do império como visto na outra imagem onde um menino branco ajuda um menino negro a tomar banho e esse após usar o sabonete Pears, sai com o corpo branco. McClintock analisa essa imagem como:

“O corpo do menino negro se tornou magicamente branco, mas seu rosto – para os vitorianos o lugar da individualidade e da auto-consciência, racional – continua teimosamente negro. O menino branco aparece, assim, como agente da história e o herdeiro masculino do progresso, mostrando o reflexo de seu irmão “inferior” no espelho europeu da autoconsciência.” (McClintock, 2010, p. 317)



Etapa IV

TEMA: A condição feminina no século XIX

Caro (a) professor (a), depois de uma densa reflexão, de explorar todas as questões do conto e da leitura conjunta, vamos para a atividade final desta oficina. Ela tem por objetivo averiguar a criatividade, a percepção e a interpretação que os alunos fizeram do material, além avaliar o conhecimento que absorveram até aqui nas reflexões promovidas. É um momento para escrita criativa dos alunos. Como atividade final, a proposta é deixá-los livres para expressar o que entenderam das aulas expositivas e da leitura do conto.

Conceitos chave



- Leitura e escrita;
- Interpretação textual;
- Escrita criativa;
- Habilidade de síntese e compreensão;
- Coerência da narrativa e imaginação.

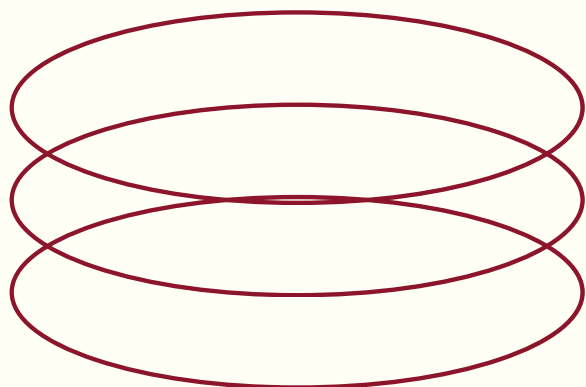
MATERIAL UTILIZADO



Voz
Quadro
Giz ou Pincel
Material do aluno anexo a essa unidade
Folhas brancas
Lápis
Borracha
Caneta

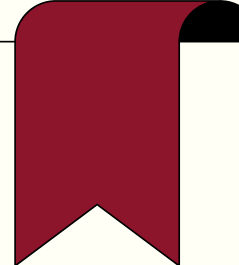
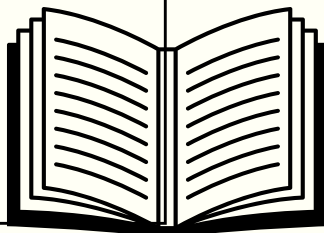
Recomendações

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
SILVA, Evander Ruthieri S. da. Degeneracionismo, variação social e monstruosidade na literatura de horror de Bram Stoker (1847 - 1912) / Evander Ruthieri Saturno da Silva. Curitiba, 2016.



Passo Final

ATIVIDADE



Vamos colocar na prática os conhecimentos adquiridos até aqui.

Distribua para a turma folhas brancas e peça para que eles abram o material de apoio na página da atividade final. Para essa atividade é esperado que os alunos treinem sua escrita criativa, a interpretação textual, a síntese e compreensão do conteúdo apresentado, além da imaginação e observação. A atividade trata de escrever um final alternativo para a história “O destino de Madame Cabanel” sem que ocorra a morte das personagens e tendo em consideração o período e o que aprenderam da condição feminina do XIX. Ao final, o professor deve recolher as folhas para correção e nota para a atividade.

Aqui aplicar a atividade de número 7 : Atividade final do material do aluno

Pontos a explorar:

- Avaliar o aprendizado dos conceitos e temáticas exploradas pelo material;
- Explorar a criatividade dos alunos;
- Trabalho na leitura e interpretação de texto
- Reunião de saberes adquiridos nas unidades anteriores.

O HORROR DAS MULHERES

A CONDIÇÃO FEMININA NA LITERATURA GÓTICA:

O DESTINO DE MADAME
CABANEL (1873), ELIZA LYNN
LINTON



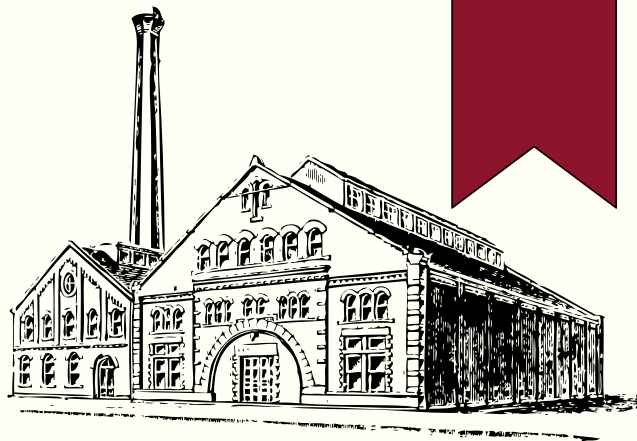
POR:
ANAMARIA
DOMINGUES
OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO DE:
ANA FLÁVIA
CERNIC
RAMOS

Esse trabalho tem como objetivo analisar contos góticos escritos por mulheres no século XIX, especialmente entre os anos 1872 e 1873, com a finalidade de investigar os medos e anseios sociais presentes nas escritas da literata Eliza Lynn Linton e do escritor Joseph Sheridan Le Fanu.

Unidade 1

O QUE ERA O SÉCULO XIX



Vamos falar sobre o século das revoluções, ou século do progresso. Marcado por grandes movimentos sociais, políticos e econômicos, o século XIX vem para movimentar o ethos da sociedade. Passando por grandes mudanças, os indivíduos veem uma ascensão do capitalismo, a industrialização e o crescimento populacional e econômico. Ainda influenciada pelo movimento iluministas, com os ideais de progresso e iluminação das ideias, com a sociedade movida pela razão e não mais pela fé, esse século vem com força na produção exacerbada, da maquinofatura e na acentuação da divisão de classes. Século marcado pelo imperialismo, é considerado um momento importante para a história.

Após as apresentações do professor, vamos conversar um pouco sobre a temática. Vamos pensar nas palavras que remetem ao século XIX e o que se passa na sua cabeça quando falamos desse período?

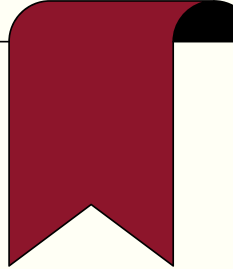


Atividade 1: Em seu caderno faça um pequeno texto com o que você acredita que caracterize o século XIX e o porque. Use as palavras destacadas abaixo como um norte.



Palavras chaves para auxiliar:


- Iluminismo
- Revolução industrial
- Imperialismo
- Neocolonialismo
- Filosofia do Século XIX
- Cultura e Artes do Século XIX
- Imperialismo e Expansionismo
- Sociedade e Economia no Século XIX

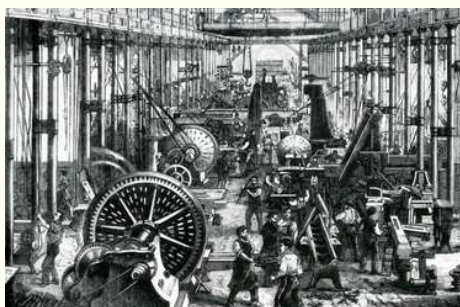


Atividade 2

EXERCÍCIOS FIXAÇÃO

Após a contextualização do professor sobre o século XIX e a análise do mapa mental produzido em conjunto na sala de aula, vamos exercitar o que você absorveu da explicação!

 **Exercício:** Você já entendeu das ideias iluministas na formação do ideário burguês, o avanço do Capitalismo e outros pontos importantes sobre o período. Vamos agora relacioná-los na prática. Analise as imagens abaixo e organize um pequeno texto no espaço indicado em cada uma sobre qual característica do século XIX você acredita que se trata cada representação. Explore o que construiu no mapa mental e na sua análise particular sobre o que entender do período.





VOCÊ SABIA QUE LITERATURA TAMBÉM É UMA FONTE HISTÓRICA?

CONTEÚDO
EXTRA PARA
SE INFORMAR

Literatura como fonte histórica

Historiadores como Sidney Chalhoub e Nicolau Sevcenko acreditam que a literatura pode ser usada como fonte para entender a história. Eles mostram que, ao ler contos, crônicas, poesias e romances com atenção, conseguimos enxergar pistas sobre a sociedade da época em que foram escritos. Isso é chamado de **historicizar a literatura**: olhar para as obras como parte do contexto social e histórico, e não só como arte. Mesmo quando o autor não fala diretamente sobre política ou sociedade, ele mostra um pouco da realidade que viveu.

Sobre a literatura se fala:

- Peter Gay mostra que ao estudar romances como *Fortunata e Jacinta* (de Pérez Galdós), é possível aprender sobre temas como o casamento, o comércio, a política ou até o funcionamento das lojas da época. Esses livros misturam o macro (sociedade) e o micro (vida pessoal), o que ajuda a entender melhor o contexto histórico.
- Quando levamos isso para a sala de aula, não é para transformar os alunos em “mini-historiadores”, mas para ensinar a pensar criticamente, a observar os detalhes e a entender melhor o tempo e o espaço retratado nas obras.

A literatura pode ajudar muito na hora de estudar história. O historiador Carlo Ginzburg fala que os textos literários, mesmo quando são ficção, deixam “rastros” que o historiador pode seguir para entender melhor o passado. Esses rastros são como pequenas pistas escondidas nos textos que revelam como era a sociedade, o que as pessoas pensavam, como se comportavam e até como sentiam as coisas na época em que o livro foi escrito. A literatura como fonte histórica pode então ser usada como uma forma de entender melhor o contexto, os valores, as tensões e as realidades sociais, culturais e políticas de uma determinada época. A literatura, diferente de um jornal por exemplo, não é uma fonte documental tradicional, como registros oficiais ou dados empíricos, mas de certa forma ela oferece uma visão única da história, pois reflete a experiência humana, as emoções do seu autor, as preocupações e as ideias daquele autor do passado.

Ideias principais:

- Literatura como testemunho histórico
- Ler obras como pistas da sociedade da época
- Historicizar a literatura = ver o texto dentro de seu contexto histórico
- Mesmo obras que não falam diretamente de história trazem visões sociais

Cuidados ao interpretar:

- Nem sempre o que o autor quis dizer o que é interpretado
- Importância de estudar o contexto histórico e aprofundar a leitura

O historiador Correia lembra que é preciso fazer perguntas como:

- Quem é o autor?
- Quando a obra foi escrita?
- Para quem ela foi feita?
- Qual a importância dela hoje?]

Unidade 2

GÓTICO, HORROR E MEDO

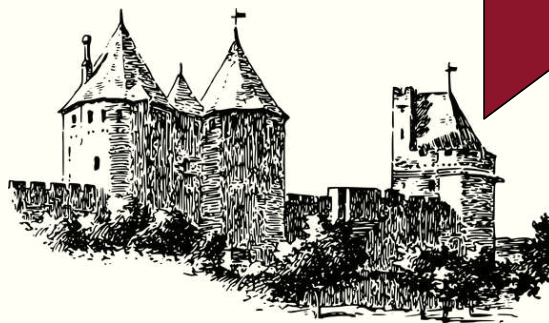
No ano de 1784, o autor Horace Walpole, 4º conde de Oxford e romancista aristocrata inglês, trouxe vida a obra intitulada “O Castelo de Otranto” dando início ao que seria considerado adiante, a inauguração de um novo gênero literário denominado “romance gótico”. Esse gênero se perpetuou na Europa e teve suas raízes advindas das novels inglesas.

O gótico, muito marcado por retratar a vida frenética da sociedade no período oitocentista, refletia os anseios, medos e inquietações dos indivíduos marcados pela forte industrialização e horas massivas de trabalho, que sem tempo para o ócio, reprimir suas emoções que acabavam sendo saciadas pela leitura dos contos de horror.

Pode-se identificar no gênero gótico três pontos principais que dão significado ao gênero: o terror, o medo e o horror. Esses três pontos constroem, segundo Aparecido Donizete Ross, a atmosfera do gênero, que carrega consigo a irracionalidade explorando elementos de ficção em contraponto com o real a fim de criar um mundo de suspense, medo, horror carregando elementos da sociedade, da cultura, das dinâmicas sociais dos indivíduos, entre outros principais pontos.

Ou seja, o gênero de horror, possui muito símbolos e marcas que dão sentido a narrativa e constroem a atmosfera de medo junto ao real, causando uma aproximação do leitor com a narrativa desencadeando o medo.

É um gênero muito marcado pela presença do sobrenatural, lembrado por brincar com a imaginação e o medo humano, colocando em suas narrativas elementos comuns que constroem tensão e agonia em seus leitores na identificação com a atmosfera criada. Ambientado muitas vezes em antigos castelos, mansões, com presença de neblinas, geralmente com florestas e lugares afastados, possui artifícios muito marcantes que são características exploradas como o gato preto, a bruxa, o vampiro, etc.



Para contextualizar:

O gênero do horror possui grandes nomes que marcaram a escrita do gênero ao longo das décadas como:

- Bram Stoker com o “Drácula” (1897)
- Allan Poe com “O Corvo” (1845)
- Kipling com “A marca da besta” (1890)
- Lovecraft com “Cthulhu” (1926)

Mas o gênero do gótico não foi explorado apenas por homens. As mulheres também marcam a escrita do gênero e criaram criaturas tão arrepiantes como o Drácula, como é o caso de Mary Shelley – e seu Frankenstein (1818). Outros nomes como Anne Radcliffe com The Mysteries of Udolpho, (1794) que foi a pioneira no que se trata de construir a ambientação do horror com castelos e ambientes amaldiçoados. Outras autoras muito conhecidas por romances também se aventuraram no gênero como o caso de Louisa May Alcott, com obras como A maldição da múmia (1869) e Charlotte Perkins Gilman, entre outras. Essa última em especial, com seu livro Papel de parede amarelo, publicado em 1892, vai contar de perto horrores que envolvem a vida feminina, como também é o caso de Eliza Lynn Linton com “O destino de Madame Cabanel”.



Antes de serem publicadas em livros, muitas das histórias de horror eram publicadas em folhetins e eram consumidas pela parcela da população que pegava trens para o trabalho e lia as histórias no caminho das fábricas. Sendo assim, as histórias se popularizavam muito facilmente pelo público trabalhador.



Vamos falar sobre o horror!!!

Atividade 3: Responda as perguntas a seguir em seu caderno.

- Você já leu alguma história de horror?
- Você conhece algum nome da escrita do horror?
- Me diga um personagem marcante do gênero do horror.
- Como podemos pensar a literatura em conjunto com a história?

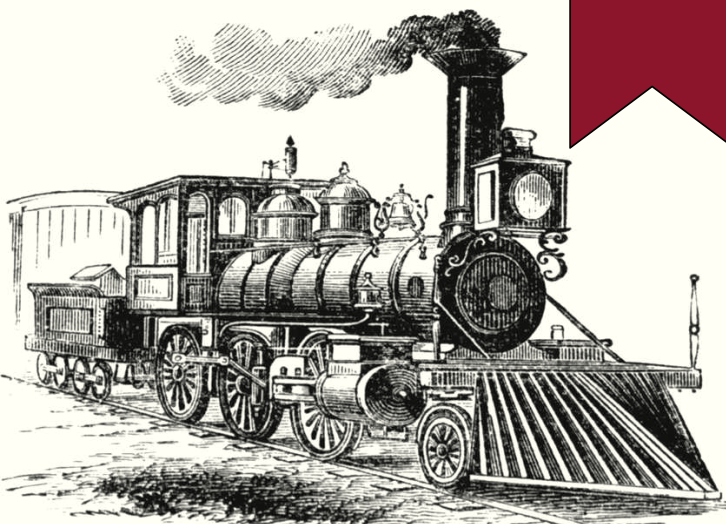
Unidade 3

O SÉCULO DOS IMPÉRIOS

O imperialismo é marcado pelo advento das principais potências mundiais (europeias, Estados Unidos e Japão) em um movimento forte de expansão territorial, domínio econômico, e conflitos e resistências. Nesse momento, acontece a criação dos Estados da Itália e Alemanha, a partilha da África e a conquista de territórios na Ásia e Oceania, entre outros marcantes pontos da história.



Fonte: NOVAES, Carlos Eduardo; RODRIGUES, Vilmar. *Capitalismo para principiantes: a história dos privilégios econômicos*. São Paulo: Ática, 2003, p. 88.



O cerne da análise leninista (que se baseava abertamente em vários autores da época, tanto marxianos como não marxianos) era que as raízes econômicas do novo imperialismo residiam numa nova etapa específica de capitalismo que, entre outras coisas, levava à "divisão territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas", configurando um conjunto de colônias formais e informais e de esfera de influência".^[1]

[1] HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos impérios*. tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.93



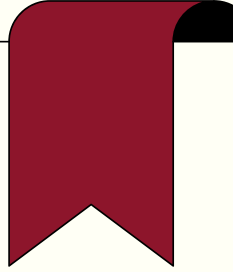
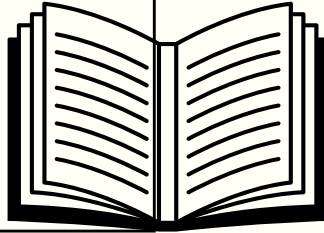
Temática – História – O imperialismo europeu no século XIX. Mapa do Império Britânico em 1886. Disponível em: < [HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos impérios*. tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.93](#)>. Acesso em: 28 de Outubro de 2021.



A *Era dos impérios*, assim compreendeu o movimento que os países, em sua maioria capitalistas, estavam fazendo no período de 1875 a 1914, algo que, segundo ele, era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os "avançados" dominariam os "atrasados".

Atividade 4

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

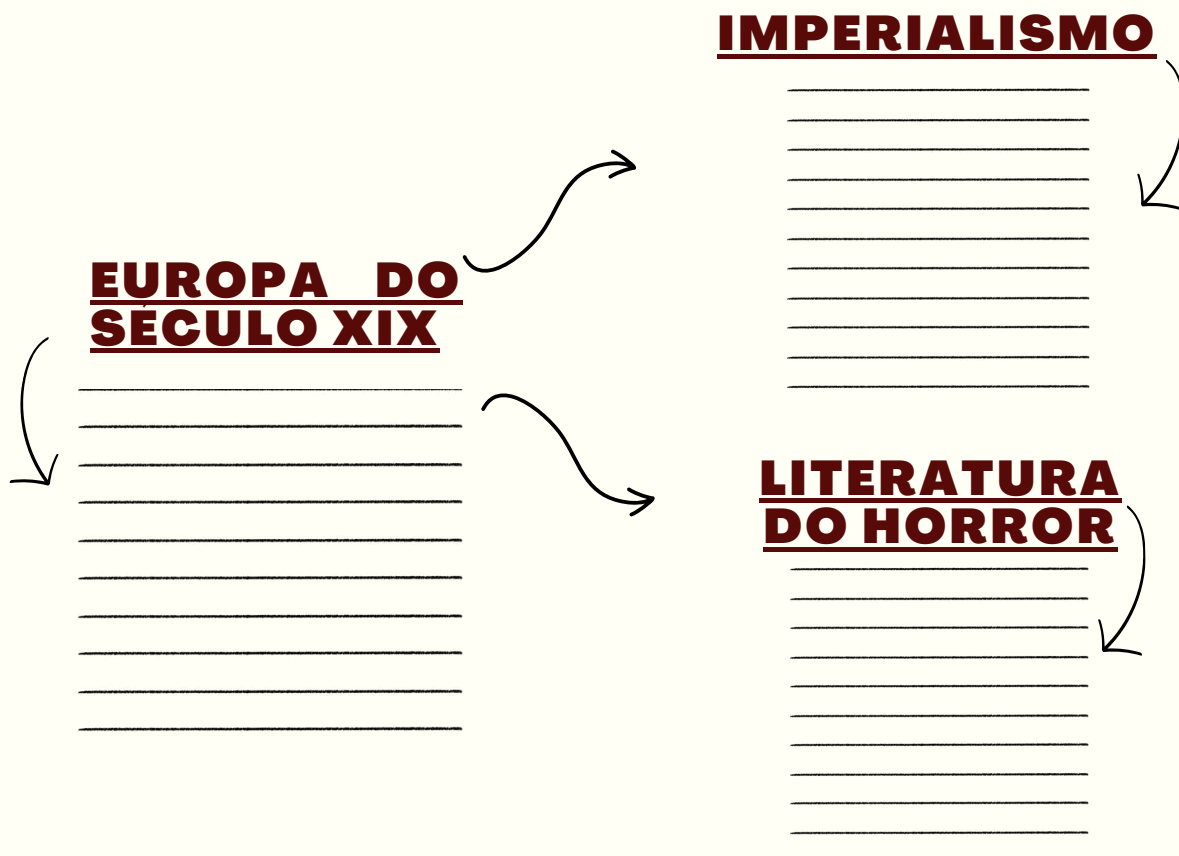


Agora vamos colocar em prática seus conhecimentos!

Escreva abaixo uma síntese do que você conhecia sobre o século XIX na Europa, o imperialismo e a literatura de horror:



Para firmarmos o que você absorveu até aqui, complete o mapa mental abaixo com os principais tópicos que você aprendeu de cada temática, dando foco naquilo que você acredita ser mais essencial. Tente colocar com suas palavras no que se conectam e qual relação há entre esses principais tópicos.





Fonte: Victorian Secrets

ELIZA LYNN LINTON (1822-98)

A AUTORA



Linton e o jornal

Linton consolidou uma carreira longa e satisfatória no escritos para jornais. Trabalhando para páginas como Household Words e Temples Bar, escrevendo ao lado de nomes como Charles Dickens, a autora pavimentou um caminho longo e consolidado na imprensa, com um posicionamento irônico e considerado muitas vezes sarcástico, Linton ficou conhecida por suas matérias polêmicas e de opiniões fortes, principalmente no que diz respeito aos direitos das mulheres.

Sobre a autora

Eliza Lynn Linton, nascida no dia 10 de fevereiro de 1822, foi uma escritora Inglesa que ganhou notoriedade tanto no âmbito da literatura quanto do jornalismo. Conhecida por ser a primeira mulher a receber salário como jornalista no Reino Unido. Ela se emancipou desde cedo e trabalhou como jornalista e escritora até o fim de sua vida em 14 de julho de 1898.

Feminismo e emancipação

Os embates na vida da autora são diversos e esta é muito conhecida por sua personalidade anti feminista e por seus posicionamentos contrários ao direito das mulheres na época, mesmo sendo uma mulher emancipada e possui privilégios que não eram concebidos a todas as mulheres na época. No entanto, pesquisas atuais apontam que tais posicionamentos de Linton, podem ter sido por conveniência da escrita a fim de consolidar sua carreira como escritora e jornalista. Sua mais famosa obra sobre a temática, "The girl of the period" foi publicada em 1868.



Para casa



Faça uma pesquisa sobre Eliza Lynn Linton destacando os principais pontos da vida da escritora. Leve em consideração sua personalidade antifeminista, sua colaboração para os jornais do período e o contexto do século onde a autora escrevia. Elabore um texto de no mínimo uma página no caderno.



Mais informações sobre Eliza Lynn Linton:

Linton escreveu um "manual" anti feminista durante o tempo em que trabalhava nos jornais, sendo totalmente contrária ao direito das mulheres como a emancipação, o estudo e outras questões. A obra se trata de The girl of the period (1868), sua publicação mais famosa.



Unidade 4

LEITURA E REFLEXÃO


“O DESTINO DE MADAME CABANEL”

Vamos a leitura!

Nesse momento iremos realizar a leitura do conto “O destino de Madame Cabanel” da escritora inglesa Eliza Lynn Linton. Escrito no ano de 1873, o conto vai narrar a vida da jovem órfã, Fanny, que, após seu casamento com um homem mais velho, Jules Cabanel, se muda para o vilarejo de Pieuvrot. A vida corria tudo bem para Fanny em seu casamento até que uma desconfiança de que ela fosse uma vampira toma conta da cidade para onde ela se mudou. Esteja atento a seguintes questões sobre a narrativa:

- Quem são os personagens principais? Qual sua importância na trama?
- Qual a ambientação do conto? Que período ele se passa?
- Qual o (os) elemento (s) de horror e do gótico presentes no conto?
- O que motiva a acusação da personagem principal?
- Qual o climax da história?
- Qual sua opinião sobre os acontecimentos da narrativa?

Após a leitura, vamos as reflexões.

 **Atividade 5:** Responda as perguntas acima em seu caderno elaborando sua opinião sobre o conto. Depois, faça um resumo breve com as respostas, para depois compartilhar com a sala suas impressões.



Conheça mais!

O conto “O destino de Madame Cabanel” pode ser encontrado na coletânea “Mais Mortais que os homens” publicado pela editora Jangada e organizado por Graeme Davis. Publicado no ano de 2021, com introdução brasileira, tradução e notas de Thereza Christina Rocque de Motta, o livro se trata de uma coletânea de contos de horror do século XIX escritos por mulheres no período.





O DESTINO DE MADAME CABANEL

Perguntas para se guiar:

Sobre o conto, responda:

- O que você pensa sobre a personagem de Fanny?
- Quem você acredita que é o “vilão” da história?
- O que você identifica das características do século XIX nos personagens da história?
- Qual personagem mais gostou? Justifique.
- Qual personagem não gostou? Justifique

O conto de Eliza Lynn Linton datado de 1873, foi inicialmente publicado em folhetins (jornais da época). Eliza destaca na personagem de Fanny um retrato do “anjo do lar”, que era o retrato da mulher ideal na Inglaterra Vitoriana, exaltando o culto da domesticidade (ideia imperialista de preservação do lar e da ideia dos espaços domésticos serem restrito às mulheres e aos homens ficavam a desbravagem dos espaços públicos). Você consegue analisar esses pontos na história, ou acredita que a autora tenha um outro ponto sobre a condição feminina que aparece nessa história?

Analizando e comparando

- Quais questões sobre a condição feminina você acredita aparecer no conto “O destino de Madame Cabanel?”
- Quais ideias do imperialismo você acredita que aparecem no conto da escritora Eliza Lynn Linton, porque você acredita que a autora tenha colocado tais ideias no seu conto?
- Você acredita que de alguma forma Eliza Lynn Linton denuncia problemas na condição feminina do XIX em sua obra? Por que?
- O que mais impactou a sua leitura desse conto?



Mais sobre a obra:

Fanny, como a representação do anjo do lar, é colocada pelo narrador como inocente e pura, não vendo nos ataques de Adele e dos outros aldeões maldade. Assim, ela se coloca constantemente disposta a servir, a estar disponível para seu marido e para casa, mas é barrada pela figura de Adele, que opõe ao “anjo do lar” tem atitudes severas, personalidade forte e vai contra a pureza de Fanny.

Unidade 5

CONCEITOS

CONDIÇÃO FEMININA

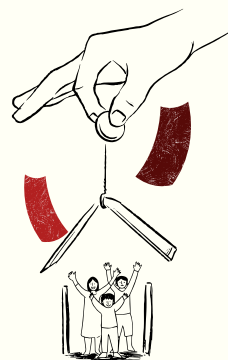
NO SÉCULO XIX



Neste capítulo vamos abordar alguns conceitos importantes para se entender a condição feminina no século XIX como o culto da domesticidade, o “anjo do lar”, a propaganda imperialista, entre outros. É importante se atentar. Esses conceitos ajudam a entender melhor o que a sociedade oitocentista pensava sobre o lugar da mulher na sociedade, os papéis que ela deveria desempenhar, o que garantia sua sobrevivência nesse período.

CULTO DA

DOMESTICIDADE



O culto da domesticidade é uma ideia que surgiu no século 19 e dizia que o “lugar ideal” da mulher era dentro de casa, cuidando do lar, dos filhos e do marido. Anne McClintock, uma pesquisadora importante, falou sobre como essa ideia foi usada para controlar as mulheres e manter o poder nas mãos dos homens, especialmente durante o período do imperialismo (quando países europeus dominavam outros lugares do mundo). É importante destacar esse fato pois, esse conceito, está ligado à forma como a sociedade ocidental patriarcal idealizava e estruturava as funções e papéis de gênero na vida doméstica. Ademais, o culto da domesticidade foi uma estratégia crucial para manter e justificar a dominação masculina e colonialista durante o auge do Império Britânico.

Voltado à ideia de uma família onde o patriarca provia o sustento da casa e as mulheres da família ficava com as funções da manutenção da casa, afazeres domésticos e restritas a condição de servidão; esse culto glorificava a ideia da mulher como guardiã do lar e da moralidade, atribuindo-lhe responsabilidades como cuidadora dos filhos, gerente do lar e zeladora dos valores familiares.



Por que isso importa?

Anne McClintock mostrou que essa visão da mulher não era natural, mas sim criada pela sociedade para manter as desigualdades entre homens e mulheres. Também apontou que mulheres de diferentes raças e classes sociais eram tratadas de formas diferentes dentro desse sistema. Ou seja, o que se esperava das mulheres nesse “culto” era:

- Serem puras (sem desejos sexuais)
- Serem obedientes aos maridos
- Serem boas mães e esposas
- Serem responsáveis por manter a moral da família

Unidade 6

MULHERES E O IMPERIALISMO

Escritos no século XIX que valorizavam o pensamento de superioridade e grandeza do maior império e potência do século XIX, a Inglaterra. É interessante destacar como as novels que se passavam na Inglaterra vitoriana e futuramente as histórias de horror influenciadas pelo movimento dessas novels, buscavam manter viva a ideia de progresso, de futuro e de grandeza desse império e da dominação do mesmo em outros espaços do globo.

Essa ideia, parece ser solta, mas quando se trata da condição feminina, essa contextualização se torna importante no que se trata de entender o lugar da mulher nesse advento do império uma vez que naquele momento, todo o âmbito de comunicação, se voltava a vangloriar a imagem do homem imperialista e conquistador, enquanto o culto da domesticidade assegurava que as mulheres permanecessem nas coxias reféns da dominação sobre esse culto e imagem da família.

Temáticas principais:

- Inglaterra imperialista;
- Papel da mulher na sociedade e no lar.

O papel social da mulher.

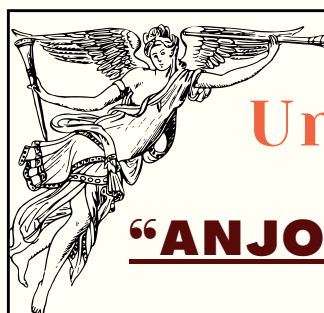
No século XIX, se tratava muito das relações e papéis das mulheres em periódicos, livros e folhetins. Esse debate sobre as questões femininas perpassa todos os ambientes daquela sociedade. Sendo assim, nas páginas dos periódicos e nos tratados médicos, por exemplo, desdobravam-se as infindáveis tentativas de explorar as minúcias do corpo feminino e demarcar as diferenças sexuais para naturalizar os papéis de homens e mulheres na sociedade oitocentista. Com isso, um ponto chave ao se debater a condição feminina no século XIX e a relações estabelecidas entre homens e mulheres é o casamento. Nele esses papéis tradicionalmente eram vistos como bem divididos. Funcionando mais como um contrato ou acordo, e não por amor romântico necessariamente, o casamento era muitas vezes um artifício de ascensão social, de manutenção do nome da família e até mesmo a garantia de segurança na sociedade.

Nessa divisão de papéis, à mulher, além da manutenção da casa, o zelar pelo nome do marido e da família, a maternidade passa também a ocupar um lugar relevante da sua função no XIX. Era preciso que a mulher fosse mãe e que desse continuidade às gerações futuras. Esses papéis sociais eram atribuídos à mulher de maneira quase impositiva e garantia que tivessem uma importância no império e na sociedade, já que os espaços públicos muitas vezes não lhe eram permitidos.



Unidade 7

“ANJO DO LAR”



A expressão “anjo do lar” refere-se à imagem criada de uma mulher “perfeita” na concepção da Inglaterra vitoriana. Uma mulher voltada para o matrimônio, para a maternidade, cuja atuação se dava em especial no espaço doméstico.

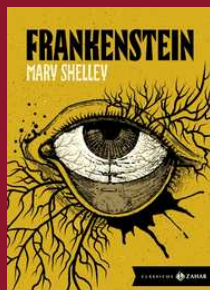
A imagem explicitada aqui se trata da mulher tida como “anjo do lar”, uma mulher com uma aura doce, gentil, solícita, sempre disposta a ajudar, meiga, cuidadosa, distante da imagem da mulher que busca independência, autonomia e liberdade. O “anjo do lar” serve a sua família e ao seu marido, é companheira e não se opõe a ideia do culto da domesticidade, aceitando suas “tarefas” e suas “obrigações” sem questionar ou buscar se equiparar à vida e às demandas masculinas.



Recomendações de leitura
Mulherzinhas – Louisa MAY Alcott
Jane Eyre – Charlotte Brontë

Obra da escritora Mary Shelley, lançado no ano de 1818. Vai contar a história de Victor Frankenstein, um jovem cientista que dá origem a uma criatura a partir de partes de cadáveres. No entanto, ele abandona a criatura, que, se vendo rejeitada pela sociedade, busca vingança contra seu criador e seus entes queridos.

Frankenstein



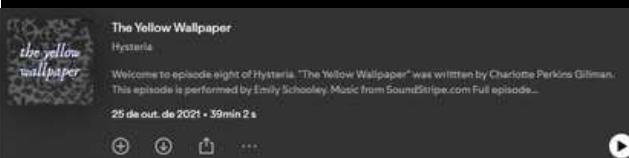
DICAS

**CONTEUDO
EXTRAS PARA
SE INFORMAR**

Hysteria Podcast

hysteria

Podcast contando histórias de horror de várias mulheres escritoras de todos os períodos. Produzido por Allie Nimmons. Recomendação do episódio "The yellow Wallpaper" de Charlotte Perkins Gilman. Disponível no Spotify.



451 MHz Podcast

Quatro
cinco
um

O 451 MHz é um podcast sobre livros com alguns episódios de entrevistas com grandes autores. Disponível no Youtube. Recomendação do episódio número #74 intitulado Literatura brasileira de horror – Braulio Tavares e Cristhiano Aguiar.



Frankenstein - Filme

Adaptação da obra de 1818, o filme vai contar a história do monstro criado por Mary Shelley. Disponível no amazon prime e youtube, lançado no ano de 1931 com direção de James Whale, produzido por Universal Studios



Contos Macabros. 13 Histórias Sinistras da Literatura Brasileira

Nesta obra, com apresentação e organização de Lainister de Oliveira Esteves, reúne nove escritores da literatura brasileira do fim do século XIX e início do XX, entre eles Machado de Assis, Aluísio Azevedo e João do Rio fazem do terror sua lição principal.





Atividade 6

RECAPITULAÇÃO


EXPERIÊNCIA FEMININA NO XIX



Vamos recapitular o conto!

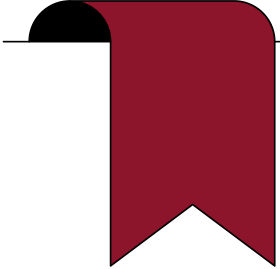
Depois da leitura e de suas considerações sobre a obra, vamos explorar alguns trechos específicos do conto buscando a contextualização de alguns termos que aprendemos até aqui, bem como debater alguns conceitos sobre o período, questões que caracterizam o período histórico retratado, entre outras coisas que aprendemos nos encontros anteriores. Leia com atenção cada trecho e indique o que melhor se encaixa em cada um.

Exemplo:

 progresso não havia invadido e a ciência ainda não iluminara a pequena aldeia de Pieuvrot, na Bretanha. Era um povo simples, ignorante e supersticioso que vivia ali, e os luxos da civilização eram tão esparsos quanto seu conhecimento. Labutavam a semana inteira no solo ingrato que

Resposta: Ideias iluministas, advento do saberes científicos e imperialismo.

Madame Cabanel era estrangeira e inglesa; jovem, bonita e loura como um anjo. “*La beauté du diable*”, [110] disseram os moradores de Pieuvrot, em tom de zombaria e revolta, pois as palavras vinham carregadas de um significado maior do que o costumeiro. De pele curtida, mal nutridos, baixos e esqueléticos como eram, não conseguiam compreender as formas roliças, a estatura alta e a aparência viçosa daquela inglesa. Contrário à experiência, era mais provável que ela fosse má do que boa. A sensação negativa que causou à primeira vista se aprofundou quando constataram, que, embora ela fosse pontualmente à missa, desconhecia o missal, e se sentava meio de lado. *La beauté du diable*, na fé!



era um sábio ao seu modo, que não era o mesmo do que Martin – nem *monsieur* Cabanel, que também era sábio ao seu modo, que não era o mesmo do que Martin, nem o *curé*. Ele sabia tudo sobre o tempo e as estrelas, as ervas silvestres que cresciam na planície, e os animais selvagens e tímidos que se alimentavam delas; e tinha o poder de adivinhação, e conseguia encontrar as fontes de água ocultas debaixo da terra com uma forquilha. Sabia também onde podiam ser encontrados tesouros na véspera

Fanny Campbell, ou, como agora ela era conhecida, madame Cabanel, não teria chamado uma atenção especial na Inglaterra, ou em qualquer outro lugar, senão numa aldeia semiviva, ignorante e por consequência maledicente como Pieuvrot. Ela não possuía nenhum passado romântico secreto, e a vida que teve fora bastante comum, ainda que triste à sua maneira. Era órfã e se tornou governanta, muito jovem e muito pobre, cujos patrões brigaram com ela e a abandonaram em Paris, sozinha e quase sem dinheiro, então ela se casou com *monsieur* Jules Cabanel, de fato, a melhor coisa que poderia ter feito por si mesma. Sem amar mais ninguém, não foi difícil ser conquistada pelo primeiro homem que demonstrou bondade numa hora de angústia e miséria; e ela aceitou seu pretendente de meia-idade, que tinha mais idade para ser seu pai do que marido, com a consciência limpa e a determinação de cumprir seu dever com alegria e fidelidade – tudo sem se fazer de mártir, ou de vítima sacrificada pela crueldade das circunstâncias.

A única ligação entre eles e o mundo exterior quanto à mente e o progresso era *monsieur* Jules Cabanel, o dono, *par excellence*, [\[106\]](#) do lugar; *maire, juge de paix*, [\[107\]](#) todas as funções públicas numa só pessoa. E, às vezes, ele ia a Paris, de onde voltava com muitas novidades, que



CONTEÚDO
EXTRA PARA
SE INFORMAR

CARMILLA

A notória vampira Femme Fatale
de Joseph Sheridan Le Fanu.

Sobre Carmilla

- Conto escrito do ponto de vista de um escritor homem sobre uma vampira mulher.
- Sexualidade como arma do mal e a imagem da mulher atrelada ao mal pela sua sensualidade.
- Difere-se do conto "O destino de Madame Cabanel" pelo fato da protagonista Laura ser, de fato, uma vampira.

Analizando e comparando

Carmilla, assim como "O destino de madame Cabanel", trabalha conceitos já explorados aqui como o "anjo do lar", na figura da personagem Laura. Esse fato nos interessa para ver como um escritor homem via esses conceitos do império e a maneira como estes refletiam na sua escrita, em comparação a maneira como refletiam na escrita de autoras mulheres, como no caso de Linton.

O conto, publicado em 1872, conta a trajetória de uma jovem recém-chegada na casa de uma família que escolhe ajudá-la após um acidente envolvendo sua carruagem. O estranho da aparição da tal jovem é o fato de muitas outras jovens estarem misteriosamente morrendo na região. O que parecia ser apenas uma garota inocente, se torna a principal fonte do mal daquelas pessoas. Laura, uma linda e sedutora vampira, rapidamente cria um laço de amizade com a jovem e inocente Carmilla, que mal desconfia da ameaça que a cerca.



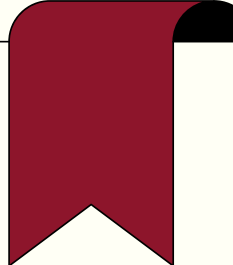
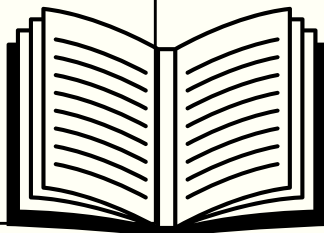
Mais sobre a obra:



Carmilla foi inicialmente lançado em 1872, mas tem recebido várias adaptações ao longo dos anos. A editora Pandorga é uma das mais conhecidas por trazer tanto Carmilla quando "O vampiro" de John William Polidori no ano de 2019 em sua edição.

Atividade 7

ATIVIDADE FINAL



Agora vamos colocar em prática seus conhecimentos até aqui!

Você já explorou a condição feminina do século XIX, entendeu as estruturas da construção da história de horror, já entendeu como a literatura pode ser usada como fonte histórica, agora cabe a você dar vida a tudo que aprendeu até aqui. Elabore um final alternativo para “O destino de Madame Cabanel” a partir do trecho a seguir com foco nas histórias de Fanny e Adele. Para essa atividade considere o período histórico, as condições femininas do século XIX, o contexto do imperialismo para elaborar suas histórias. O importante para o desenvolvimento dessa atividade é que as personagens não morram ou sofram violência diante dos fatos ocorridos. Use sua imaginação e o conhecimento adquirido nos encontros anteriores.

Bom trabalho!

dor tinha passado e que ele havia adormecido. Mas, naquele acesso, ele mordeu o lábio e a língua, e o sangue escorreu pela boca. Ele era um menino bonito, e a doença mortal o tornou naquele momento ainda mais adorável. Fanny se inclinou sobre ele, e beijou o rosto pálido e imóvel – e sua boca tocou o sangue dos lábios do menino.

Madame ainda estava curvada sobre o menino – com o coração de mulher tocado pela misteriosa força e a antevisão de uma futura maternidade – quando Adèle entrou correndo na sala, seguida pelo velho Martin e outros aldeões.

– Veja-a! – ela gritou, agarrando Fanny pelo braço, e erguendo seu rosto pelo queixo. – Foi pega em flagrante! Amigos, vejam meu filho, morto, morto em seus braços, e com seu sangue nos lábios! Querem mais provas? Vampira como é, podeis negar a prova de vossos próprios sentidos?

“O destino de Madame Cabanel”- fonte: Mais mortais que os homens, 2021.
